



***“ATÉ ELA ME TATUAR NA CARA”
O CONSUMO MIDLÁTICO DE TATUAGENS
POR FÃS DE ARTISTAS DO RAP BRASILEIRO***

**BLENDÁ HILÁRIO
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
2022**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS, PROPAGANDA E TURISMO

BLEND A EMANUELA HILÁRIO CAETANO DE CASTRO

“ATÉ ELA ME TATUAR NA CARA”
O CONSUMO MUDIÁTICO DE TATUAGENS POR FÃS DE ARTISTAS DO RAP
BRASILEIRO

SÃO PAULO
2022

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS, PROPAGANDA E TURISMO

BLENDA EMANUELA HILÁRIO CAETANO DE CASTRO
Nº USP: 10687131

“ATÉ ELA ME TATUAR NA CARA”
O CONSUMO MIDIÁTICO DE TATUAGENS POR FÃS DE ARTISTAS DO RAP
BRASILEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção de título de Bacharelado em Relações Públicas.

Orientador: Prof. Dr. Eneus Trindade Barreto Filho

SÃO PAULO
2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Castro, Blenda Emanuela Hilário Caetano de
"Até ela me tatuar na cara" : O consumo midiático de
tatuagens por fãs de artistas do rap brasileiro / Blenda
Emanuela Hilário Caetano de Castro; orientador, Eneus
Trindade Barreto Filho. - São Paulo, 2022.
110 p.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo /
Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São
Paulo.
Bibliografia

1. Tatuagem. 2. Fãs. 3. Rap brasileiro. 4. Consumo
midiático. I. Barreto Filho, Eneus Trindade. II. Título.

302.2

CDD 21.ed. -

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

BLENDA EMANUELA HILÁRIO CAETANO DE CASTRO

“ATÉ ELA ME TATUAR NA CARA”

**O CONSUMO MIDIÁTICO DE TATUAGENS POR FÃS DE ARTISTAS DO RAP
BRASILEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola
de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
para obtenção de título de Bacharelado em Relações
Públicas.

São Paulo, ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

SÃO PAULO

2022

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer à minha mãe, Célia, que sempre esteve do meu lado em todos momentos da minha vida, inspirando-me e me oferecendo todas as oportunidades possíveis para que eu pudesse entregar este trabalho depois de 5 anos estudando na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Essa conquista é nossa, eu te amo!

Às outras mulheres da minha família: minha irmã Beatriz, que felizmente nasceu antes de mim para segurar várias barras que eu não conseguiria sozinha, obrigada por ser você e por me ajudar a revisar esta monografia; minhas tias Nair e Eliza, que estão do meu lado até hoje, ajudando-me a crescer; minha vó Adelina e tias Lúcia e Ana, que não estão mais presentes fisicamente, mas estão sempre no meu coração com muita saudade; minhas primas Nara, Van, Paula e Gabri, cada uma com seu jeito me mostra a importância de manter a família por perto.

À todos os professores que me trouxeram até aqui, sem o ensinamento deles não estaria me formando hoje. Em especial, meu orientador Eneus, que aceitou me apoiar neste trabalho, todas dicas foram importantíssimas para dar vida à ele, obrigada.

À turma do LAB4C, que me mostraram diversas possibilidades de se fazer pesquisa, além dos cafés e fofquinhas nos intervalos.

Aos meus amigos e entidades que participaram da minha vida universitária. Nath, Rafa e Van, que desde o começo estiveram juntas comigo, desde os trabalhos em grupo até as noites viradas na QiB. Nalu, que me faz perceber a vida de outra maneira. Dorinha e Jube, pelos inúmeros conselhos e trocas, obrigada por serem do jeitinho que são. Bia Sabino e Babi, por me deixarem serem boas, bonitas e do bar com vocês. JL, Ale, Math, Bruno, JV e Rapha, meus amigos publicitários que me acolheram desde o primeiro ano. Meu filho ecano, Nenê, adotado do nada e se tornando muito na minha caminhada. Tavinho e Jupê, as motomanas, sem vocês meu intercâmbio não seria nadinha. Jojo, Pedroca, Iguinho, Duda, pelos encontros de sempre na prainha. Todas as RPeias queridas que estiveram comigo durante esse tempo todo, chegamos ao final. Victor, que começou me incentivando na minha vida acadêmica e hoje é um grande amigo. Doug, que só é meu amigo graças ao sorriso. Dedé, Lari Castilho, Toni, Gigio, Kamis, Pablo, Rodney, Peralta e

Let Martins, sempre que encontro vocês é bom demais. Rafa, meu namô, que acabou de chegar e já faz todo sentido estar aqui, o amor sobrevive em SP.

À Vereninha e ao Mans, que tiveram o cuidado de ler meu trabalho, vocês são essenciais para mim, obrigada por estarem nessa conclusão de ciclo comigo.

À Gi, que esteve comigo no primeiro bar de integração dos bixos, quando a gente tinha acabado de saber que estudaríamos juntas, e continua do meu lado até hoje. Sou muito mais feliz tendo você perto de mim.

Ao Guicha, minha gatinha independente, que me dá muito tapa na cara e muito amor na mesma intensidade, sem você estaria com zero carimbos no meu passaporte, ou melhor, nem teria um passaporte. Se eu pudesse, eu acordava sempre do seu lado.

Ao Gi, minha rata distópica e amiga tatuadora, que contagia tudo e todos. Obrigada por me deixar compartilhar minha vida com a sua e por fazer essa capa incrível que chama toda atenção do mundo para este trabalho, tenho muito orgulho de levar um pouquinho de você tatuado na minha pele, você me inspira.

Ao Alfred, meu presente da ECAtlética para minha vida toda. Obrigada por me acompanhar em todas as trajetórias que tivemos até aqui, é muito importante fechar este ciclo com você do meu lado. Felizmente terá que ficar na minha vida para todo o sempre depois de todas as histórias que temos juntinhos (e de todas as outras que estão por vir). Perto de você, Londres é pequenininha. Te quero.

À Virginia, minha terapeuta, sem ela os surtos seriam catastróficos.

À todas as outras pessoas que passaram pela minha trajetória na ECA USP, todos os amigos que fiz, os motoristas e cobradores de ônibus, os funcionários da ECA, a galera do bandeco, todos que me possibilitaram (mesmo com todas as questões) concluir esta graduação. A escola da minha vida, meu amor, mostrou-me o significado de pertencimento, foram cinco anos de muito aprendizado, trocas, experiências, entidades, amizades, muitas coisas incríveis aconteceram aqui. Tenho muito a agradecer por ter a oportunidade de ter aprendido tanto com todos. Vocês estão tatuados no meu coração!

RESUMO

HILÁRIO, B. **“Até ela me tatuar na cara”**: o consumo midiático de tatuagens por fãs de artistas do rap brasileiro. 2022. 110 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Relações Públicas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Todo corpo conta histórias e as tatuagens são marcas que ajudam nessa narrativa, seja individual ou coletivamente. A tatuagem no Brasil teve muitos processos até chegar nos dias atuais, entretanto durante grande parte dessa história, era vista como ornamentos corporais que colocavam as pessoas como marginais e criminosas. Dentro desse mesmo âmbito de marginalização, nos anos 1970, outra movimentação de resistência e fortalecimento das pessoas, em maioria negros, faz com que surja o rap, como produto cultural que retrata as vivências de pessoas que vivem nas periferias das cidades. Este trabalho surge do cruzamento entre o rap e a tatuagem como forma de pertencimento do corpo e da sociedade, com o intuito de entender a importância do estilo musical na vida das pessoas e como esse gênero permeia tais vivências a ponto de se tornarem fãs dos artistas e tatuarem símbolos que remetem essa cena. Por fim, busca-se entender como são comunicadas essas tatuagens nas redes sociais e como os fãs as consomem dentro dessas mídias.

Palavras-chave: Tatuagem. Fãs. Rap brasileiro. Consumo midiático.

ABSTRACT

HILÁRIO, B. **“Until it tattoos me on my face”: the media consumption of tattoos by fans of Brazilian rap artists.** 2022. 110 p. Final Theses (Undergraduate) - Bachelor's Degree in Public Relations, University of São Paulo, São Paulo, 2022.

Every body tells stories and tattoos are marks that help in this narrative, either individually or collectively. Tattooing in Brazil had many processes until it reached the present day, however during much of this history, it was seen as body ornaments that placed people as marginal and criminals. Within this same scope of marginalization, in the 1970s, another movement of resistance and strengthening of people, mostly black, gave rise to rap as a cultural product that portrays the experiences of people living on the suburbs of the cities. This work arises at the intersection between rap and tattoo as a way of belonging to the body and society, in order to understand the importance of this musical style in people's lives and how this genre permeates such experiences to the point of becoming fans of the artists and tattooing the symbols which refer to this scene. Finally, we seek to understand how these tattoos are communicated on social networks and how fans consume them within these media.

Keywords: Tattoo. Fans. Brazilian Rap. Media Consumption.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Buscas pelas palavras-chave <i>fãs rap tatuagem</i>	40
Figura 02 - Vídeo da fã do Tribo da Periferia publicado pela página Rap DF	41
Figura 03 - Comentários do vídeo da fã do Tribo da Periferia	42
Figura 04 - <i>Reels</i> da fã do Tribo da Periferia publicado pela página Rap DF	42
Figura 05 - Comentários do reels da fã do Tribo da Periferia	43
Figura 06 - As duas tatuagens na fã do Filipe Ret	44
Figura 07 - Alguns comentários das tatuagens da fã do Filipe Ret	45
Figura 08 - Tatuagem da assinatura do Teto em uma fã	46
Figura 09 - Comentários no vídeo da tatuagem da assinatura do Teto em fã	47
Figura 10 - Tatuagem de frase na fã do L7NNON	47
Figura 11 - Parte 2 da tatuagem de frase dos Racionais MC's	48
Figura 12 - Comentários da parte 2 da tatuagem de frase dos Racionais MC's	49
Figura 13 - Parte 1 da tatuagem de frase dos Racionais MC's	49
Figura 14 - Comentários da parte 1 da tatuagem de frase dos Racionais MC's	50
Figura 15 - <i>Lettering</i> de verso de "A vida é desafio" dos Racionais MC's	51
Figura 16 - Tatuagem da assinatura de OIK na pele da fã	52
Figura 17 - Comentários sobre a tatuagem da assinatura de OIK em fã	53
Figura 18 - Reação de OIK vendo a tatuagem da sua assinatura	53
Figura 19 - Fã tatuou o nome de Filipe Ret no antebraço	54
Figura 20 - Tatuagem colorida da capa do álbum "Nada Como um Dia Após o Outro Dia" dos Racionais MC's	55
Figura 21 - Comentários do vídeo da tatuagem da capa do álbum "Nada Como um Dia Após o Outro Dia" dos Racionais MC's	55
Figura 22 - Tatuagem nas costas de um verso da música do L7NNON	56
Figura 23 - <i>Lettering freehand</i> da música Vida Loka pt. 1 dos Racionais MC's	57
Figura 24 - Buscas pelas palavras-chave <i>tatuagem rap</i>	58

Figura 25 - Busca pela <i>#tatuagemrap</i> no Instagram	59
Figura 26 - Tatuagem “Rap Nacional” nas costas publicada pela página Conexão do Rap	60
Figura 27 - Comentários da publicação da página Conexão do Rap	60
Figura 28 - Tatuagem em homenagem ao grupo Tribo da periferia publicada pela Rap DF	61
Figura 29 - Comentários da publicação da página Rap DF	62
Figura 30 - Tatuagem de trecho da música “Vida Loka, Pt. 1” dos Racionais MC’s nas costas publicada pela Conexão do Rap	62
Figura 31 - Comentários sobre a tatuagem de trecho de “Vida Loka, Pt. 1” publicada pela Conexão do Rap	63
Figura 32 - Tatuagem “Facção Central” no braço publicada pela Conexão do Rap	64
Figura 33 - Comentários interagindo com a publicação da Conexão do Rap	65
Figura 34 - Tatuagem com o rosto do Sabotagem nas costas publicada pela página Comunicação Rap Nacional	66
Figura 35 - Tatuagem com o rosto do Sabotagem nas costas publicada pela página RAP Nacional	66
Figura 36 - Tatuagem Sabotage “Respeito é Pra Quem Tem”	67
Figura 37 - Tatuagem com rostos de ícones do rap nacional	68
Figura 38 - Comentários na publicação da Rap Nacional A Voz Das Almas Sem Voz	69
Figura 39 - Tatuagem cabeça de fita, publicada no Facebook	70
Figura 40 - Tatuagem cabeça de fita, publicada no Instagram	70
Figura 41 - Tatuagem “Rouff”, nome do álbum das gêmeas Tasha e Tracie	71
Figura 42 - <i>Reels</i> da tatuagem do rosto do rapper Djonga	72
Figura 43 - Comentários do <i>reels</i> da tatuagem do rosto do rapper Djonga	72
Figura 44 - Tatuagem do rosto de Sabotagem publicada pelo tatuador	73
Figura 45 - Tatuagem da capa do álbum dos Racionais MC’s no Instagram	74

Figura 46 - Tatuagem no peito da junção das músicas do grupo RZO (Rap é o Som) e do Sabotage (Respeito é Lei)	74
Figura 47 - Tatuagem no braço do rosto do Sabotage em preto e branco	75
Figura 48 - Comentários sobre a tatuagem no braço do rosto do Sabotage em preto e branco	76
Figura 49 - Tatuagem “Somos apenas uma praga que o seu sistema criou”	77
Figura 50 - Tatuagem “Sempre fui sonhador é isso que me <i>mantem</i> vivo” 1	77
Figura 51 - Tatuagem “Sempre fui sonhador é isso que me <i>mantem</i> vivo” 2	78
Figura 52 - Tatuagem “Sempre fui sonhador é isso que me <i>mantem</i> vivo” 3	79
Figura 53 - Tatuagem “Sempre fui sonhador é isso que me <i>mantem</i> vivo” geral	79
Figura 54 - Tatuagem que remete a música “Rei” do Black MC	80
Figura 55 - Tatuagem “Rap é compromisso não é viagem”	80
Figura 56 - Tatuagem “Rap é compromisso não é viagem” geral	80
Figura 57 - Tatuagem “BoomBap”	81
Figura 58 - Tatuagem rosto do Mano Brown	82
Figura 59 - Tatuagem rosto do “Eterno Sabotage”	83
Figura 60 - Comentários sobre a tatuagem rosto do “Eterno Sabotage”	83
Figura 61 - Tatuagem rostos de representantes do rap nacional	84
Figura 62 - Comentários sobre a tatuagem rostos de representantes do rap nacional	85
Figura 63 - Tatuagem da música “Posso Mudar Meu Destino” do LEALL	86
Figura 64 - Tatuagem Sabotage	86
Figura 65 - Tatuagem Sabotage colorida estilo graffiti	87
Figura 66 - Comentários sobre a tatuagem Sabotage colorida estilo graffiti	88
Figura 67 - Tatuagem “Eu não li, eu não assisti, eu vivo o nego drama”	89
Figura 68 - Buscas pelas palavras-chave rap fãs tattoo	90
Figura 69 - Tatuagem Criolo “Ainda há tempo” no Facebook	91
Figura 70 - Tatuagem Criolo “Ainda há tempo” no Instagram	91

Figura 71 - Tatuagem da capa do álbum dos Racionais MC's no Facebook	92
Figura 72 - Tatuagem Sabotage hip hop	92
Figura 73 - Tatuagem Criolo	93
Figura 74 - Tatuagem busto do Sabotage	93
Figura 75 - Tatuagem “audaz, revel e vivaz”	94
Figura 76 - <i>Lettering</i> “É necessário sempre acreditar que o sonho é possível”	95
Figura 77 - Comentários do <i>lettering</i> “É necessário sempre acreditar que o sonho é possível”	95

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Dados da busca <i>fãs rap tatuagem</i>	96
Tabela 02 - Dados da busca <i>tatuagem rap</i>	97
Tabela 03 - Dados da busca <i>rap fãs tattoo</i>	99

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. HISTÓRIA DA TATUAGEM	17
2.1. Breve contexto histórico	18
2.2. Tatuagem no Brasil	20
2.3. Corpo como dispositivo midiático	26
3. CORPOS TATUADOS DOS FÃS	30
3.1. Cultura de fãs	30
3.2. Identificação individual e social	32
4. CENA DO RAP NO BRASIL	36
5. ANÁLISE DE CASOS	39
5.1. Descrição dos casos	40
5.1.1. fãs rap tatuagem	40
5.1.2. tatuagem rap	58
5.1.3. rap fãs tattoo	90
5.2. Relação entre produto cultural e fãs na mediação comunicacional da tatuagem	96
5.3. Discussão dos resultados	100
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS	107

1. INTRODUÇÃO

Os corpos contam histórias, desde o nascimento até depois da morte, e carregam dentro e fora deles muitas marcas sobre a trajetória de vida pessoal. Essas narrativas são adoçadas com tatuagens, e a partir delas é possível entender subjetividades dos indivíduos sem precisar oralizá-las, sendo assim um gênero discursivo dentro da linguagem cotidiana. Considerando particularidades de cada indivíduo, mesmo em suas singularidades, a escolha do desenho da tatuagem causa um processo social de identificação ou incômodo, seja pelo outro ou ao próprio indivíduo, uma vez que o “homem é um animal que olha o seu corpo pensando em outro e olha o corpo do outro pensando no seu. A imagem humana é sempre um corpo diante do espelho” (PERUZZOLO, 1998, p. 14).

É a partir desses olhares que os indivíduos buscam formas de identificação na sociedade capitalista, que encontra na produção e no consumo midiático uma forma de fazer com os sujeitos estejam sempre em busca de um destaque social. Esse movimento de pertencimento, pode ser observado pela cultura de fãs, que dedicam tempo para acompanhar de perto artistas, filmes, marcas, etc.

Nesse cenário, é possível destacar o rap e seus desdobramentos no Brasil, uma vez que escutar as músicas, além de uma forma de resistência, é uma forma de pertencimento ao grupo com que se compartilha vivências. A citação que dá nome a esta monografia evidencia a relação entre a tatuagem e o rap, que se encontram muito na marginalização e na criminalização de pessoas que têm tatuagem e estão inseridas na cultura hip hop. O rapper fortalezense Don L (2021), em sua música “élewood” com participação de Luiza de Alexandre, evidencia um pouco da relevância do rap no trecho que está presente tal citação: “Chapa. Vou f* com essa cidade até ela me tatuar na cara. Não vão me parar por nada. Eu mandei na minha cidade, eu virei grafite no meu bairro”, utilizando elementos de interação social que extrapolam a tatuagem, como o espaço territorial, a arte visual do grafite e a resistência de ser imparável, alguns aspectos que são desenvolvidos durante a pesquisa.

Seguindo nessa linha, o presente trabalho abordará o consumo midiático de tatuagens por fãs de artistas do estilo musical rap, a fim de entender qual a importância do estilo rap na vida dessas pessoas, o que as leva a tatuar um símbolo que remete a um artista dessa cena e como é feita a comunicação dessas

tatuagens nas redes sociais (aqui focado em Instagram, TikTok e Facebook), para entender se o artista que as inspirou também se comunica com esse fã a partir das tatuagens.

Para analisar essas ocorrências, foi utilizado como metodologia o trabalho de circulação midiática de Fausto Neto (2010), a fim de entender como esses fãs transitam pelas redes sociais e como é feita a comunicação transmídia dessas tatuagens.

2. HISTÓRIA DA TATUAGEM

Antes de adentrar na história da tatuagem e em como sua linguagem a torna um gênero discursivo, é importante pensar no local em que esta é inscrita: o corpo humano. Segundo Le Breton (2007, p. 07), “o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída”, sendo assim é formado de determinadas formas decorrente dos contextos socioculturais em que se constituem, ou seja, toda existência se faz pelo exterior, sendo corporal.

Tal exteriorização pode ser respaldada dentro do âmbito linguístico no que Bakhtin (2006) chama de “psicologia do corpo social”, em que as estruturas ideológica e sociopolítica se conectam como interação verbal ou, de modo geral, semiótica. O linguista expõe que a psicologia do corpo social

não se situa em nenhum lugar “interior” (na “alma” dos indivíduos em situação de comunicação); ela é, pelo contrário, inteiramente exteriorizada: na palavra, no gesto, no ato. Nada há nela de inexprimível, de interiorizado, tudo está na superfície, tudo está na troca, tudo está no material, principalmente no material verbal. (BAKHTIN, 2006, p.41)

Ela se reflete de diferentes formas de enunciação entre as interações sociais cotidianas em distintos modos de discurso, desde conversas coloquiais com os vizinhos até apresentações fatigantes no trabalho.

Em relação a essa existência corpórea que é tanto interior, no que diz respeito à subjetividade do ser, quanto exterior, em suas relações com o outro e com o ambiente em que este ser está inserido, pode-se observar que o maior órgão do corpo humano tem muito o que dizer não só sobre o indivíduo, como sobre as situações sócio-históricas vivenciadas. E é na pele que a história da tatuagem começa.

Como indica Braga (2009), é preciso ir além dos limites gráficos da tatuagem e analisá-la como signo ideológico. “Classificar a tatuagem como um gênero discursivo é observar a existência de uma certa estabilização dessa manifestação social” (BRAGA, 2009, p.149), considerando suas inúmeras formas de aplicação e técnicas utilizadas ao redor do mundo, como se observará ao decorrer deste trabalho,

É interessante notarmos o uso da tatuagem em culturas diferentes, pois os enunciados que circulam numa e noutra cultura também serão diferentes e a produção de sentido estará diretamente imbricada nesses enunciados. (BRAGA, 2009, p.149)

As inscrições na pele se comunicam na mesma medida com o enunciador e o interlocutor, entretanto causando diferentes impactos quanto a interpretação da mensagem.

Neste capítulo, apresenta-se um panorama histórico do uso das tatuagens e sua função como gênero dentro da visão discursiva, além de evidenciar aspectos específicos dentro da cultura brasileira e, finalmente, o papel que o corpo tem como mídia na trajetória da tatuagem.

2.1. Breve contexto histórico

As práticas de modificações corporais, seja com tatuagens, escarificações, perfurações e implantações, são de longa data. O vestígio mais antigo da prática de tatuagem que se tem documentação é do cadáver encontrado entre a Itália e a Áustria em 1991, Ötzi, o Homem de Gelo, que a partir de investigações arqueológicas indica ser de 5300 a.C. (período Neolítico). De acordo com Marques (1997, p.16), o corpo apresentava diversas tatuagens, como “linhas paralelas ao longo da região lombar da coluna, uma cruz abaixo do joelho esquerdo, e faixas no tornozelo direito”.

Nas civilizações antigas, têm-se registros de povos que se tatuavam. Na Grécia, denominavam tal prática como *stig*, que significa picar, entretanto os gregos não se tatuavam. Já em Roma, a palavra se tornou *stigma*. Ambas civilizações utilizavam a tatuagem como punição de escravizados fugidos e de prisioneiros. “Ao longo do tempo, a palavra ‘estigma’ tornou-se marca de infâmia e foi deixando de significar marca no corpo” (JEHA, 2019, p.15). Ainda hoje, muitas pessoas tatuadas continuam sendo estigmatizadas como se analisará nos próximos capítulos.

Na Idade Média a tatuagem foi praticamente apagada, pois era vista pela Igreja como marca do diabo, *stigmata diaboli*. Como relatado por Marques (1997), a Inquisição acreditava que qualquer corpo que fugia do que era considerado “normal” naquele período, como marcas de nascença, cicatrizes, tatuagens, poderia se converter em morada de seres diabólicos. “Acreditava-se que a assinatura do pacto se dava no corpo da alma perdida – ai daqueles que ousassem uma tatuagem” (MARQUES, 1997, p.34). Entretanto, contrariando as proibições da Igreja Católica, muitos fiéis faziam tatuagens depois de viagens espirituais como forma de retratar suas peregrinações e representar a fé que tinham. E mesmo a história da marcação

dos corpos sendo escrita em livros sagrados como maneira de repressão da atividade, Carvalho (2017) cita que é neste período que se começa a atribuir significados à tatuagem.

Durante o período das navegações, os europeus foram reapresentados à tatuagem e passaram a nomeá-la quase da mesma forma que fazemos atualmente. E foi na década de 1780, nos diários de bordo do capitão inglês James Cook, que a palavra *tattow* apareceu. Conforme Jeha (2019), a palavra tem origem na expressão taitiana *tatau* e passou a dar nome à atividade de marcação da pele que hoje conhecemos como tatuagem (*tattoo*). Foram os marinheiros que popularizaram os desenhos nos corpos entre as diferentes classes sociais, pois passavam muito tempo em alto-mar e em diferentes países, “era comum marujos ingleses tatuarem no pulso nome e sobrenome, pois em caso de naufrágio poderiam ser reconhecidos. O marujo temia morrer como desconhecido” (JEHA, 2019, p.24). Como expõe Jeha, tatuavam, na maioria das vezes na parte superior do corpo, suas iniciais ou de pessoas próximas, cruces, âncoras, símbolos de salomão, datas, ademais de imagens e figuras de memórias de suas vidas. Eram os marinheiros e quem trabalhava nos portos a maioria entre os tatuadores profissionais no ocidente, visto que, pelos contatos internacionais e tempo de ócio, faziam uma gama de produções das mais variadas possíveis.

Em decorrência desta popularização, a tatuagem vem sendo interpretada de diferentes maneiras dependendo dos contextos em que está inserida. Muitos corpos eram tatuados, entretanto apenas os marginalizados, “das camadas mais pobres” (JEHA, 2019, p.15), eram passíveis de serem documentados e, conseqüentemente, julgados pela sociedade tradicional. Como relata Jeha (2019, p.197),

para escrever a história da tatuagem é preciso se valer principalmente de arquivos médicos e policiais e de páginas de crimes dos jornais. Em geral, documentos relacionados a prisões, assassinatos, mortes. Ao crime. É necessário entender que essa confusão entre o marginalizado e o chamado marginal é um discurso perene do qual ainda não nos livramos.

A partir da documentação é que mais pessoas começaram a ter curiosidade pelo tema e a observar a pessoa tatuada como sujeito a ser analisado, já que as marcas em seu corpo eram sinônimo de possíveis distúrbios, sendo representados na pele que este indivíduo poderia ter.

De acordo com Braga (2009, p.134), “é através da situação de interação social que os gêneros são criados, e é através dos gêneros textuais que ocorrem as

interações sociais”. Por este motivo, é possível analisar a tatuagem como um gênero, uma vez que ao longo de sua história foi usada não só para adornar corpos, como para criar teorias, julgamentos, ou seja, interações sociais acerca deste gênero.

2.2. Tatuagem no Brasil

A história da tatuagem no Brasil pode ser dividida em três momentos: tatuagens realizadas pelos povos originários, ampliação do seu uso pelos marinheiros, soldados, imigrantes e escravizados, e por fim na contemporaneidade em trabalhadores, marginalizados, prisioneiros, sem contar as formas de demonstração de afetos, religiosidade e memórias que elas têm como supracitado. Para realização deste subcapítulo utiliza-se como base os estudos da historiadora Silvana Jeha presentes no livro “Uma história da tatuagem no Brasil”.

Para iniciar, as navegações teriam ajudado a difundir a tatuagem em território brasileiro, entretanto não foram os marinheiros que a trouxeram.

Uma parte dos povos que aqui habitava já a praticava. Nos últimos 500 anos, a tatuagem indígena foi diminuindo, mas nunca acabou. Na página “Povos indígenas no Brasil”, do Instituto Socioambiental, há registros de cerca de uma dezena de povos que se tatuam hoje em dia. Na região Norte: os Karipuna, Assurini, Matis, Ingarikó, Puyanáwa, Uru-eu-wau-wau. No Centro-Oeste, os Enawenê-Nawê, Kayabi, Ikpeng. E deve haver mais. (JEHA, 2019,p.13)

Muitos desses povos tinham rituais de tatuagem. Segundo Marques (1997), as tatuagens indígenas exibem uma série de significados a depender do povo que as fazem, podendo ser utilizadas em ritos de iniciação, para demarcar posições hierárquicas, marcas de realização de magia, como forma de sacrifício ou como maneira de identificação geral.

Com o início das navegações, o território que hoje se conhece como Brasil passou a ter muitas influências internacionais, com os invasores portugueses, as africanas e os africanos escravizados, os imigrantes, os artistas, entre outros grupos que adentraram o território. Essas movimentações impactaram também em como eram vistas as marcas no corpo dessas pessoas, seja por tatuagens ou por escarificações.

No caso dos africanos, apresentavam dois tipos diferentes de marcas, as marcas de nação, que eram as realizadas pelos diversos povos africanos dependendo de suas tradições, e as marcas de escravidão, que eram as feitas

pelas pessoas que participavam desse comércio. Cada povo tinha sua marca de nação, que se diferenciava em suas significações para os diferentes povos, visto que

as escarificações não são marcas genéricas usadas da mesma forma por um determinado grupo, elas revelam práticas com várias funções obedecendo a múltiplas lógicas (políticas, identitárias, médicas, sociais ou estéticas). Mais precisamente, não é a pertença a um grupo étnico que se usa no rosto, mas sim a referência a um lugar ou a um grupo que na maioria das vezes não é étnico nem tribal, mas político. Não é necessário ser de um grupo ou ter seus ancestrais ali para carregar suas marcas, mas sim ser aceito nele, reconhecer suas regras e contribuir para o seu funcionamento, por meio de impostos ou participação militar. As marcas autenticam, portanto, uma forma de cidadania segundo um modelo específico para cada grupo político (LEFEBVRE, 2015, p.58).

Entretanto, quando chegava em território brasileiro, cada indivíduo era identificado não pelo grupo ao qual fazia parte, mas pela região do porto de onde saía. Para ilustrar a importância das marcas para alguns grupos étnicos, utiliza-se o exemplo dos iorubás. O historiador Ojo (2008, p.349) relata uma experiência que teve em relação a essa temática:

Em 1992 fui visitar uma sobrinha que morava em Ibadan. Minha sobrinha não estava em casa, então deixei recado com a companheira dela. Quando finalmente nos encontramos, minha sobrinha me contou como foi dito: *aláìkolá kan bèèrè yín* (uma pessoa não marcada perguntou por você). Em Ibadan, *aláìkolá* significa figurativamente “estrangeiro”, “incivilizado”, “fora de moda” e “feio”.

Segundo Thompson¹ (1973 apud JEHA, 2019, p.109), para dizer que o país é civilizado em iorubá, é utilizada a palavra *ilájú* (rosto com marcas de linhas). Evidenciando que essas marcas vão além da estética e tangem o ponto de identificação dentro do grupo.

Já as marcas de escravidão eram de ferro ou fogo, que serviam para identificar quem havia comprado o escravizado ou como forma de punição por crimes, a exemplo das fugas, ou por ser quilombola (JEHA, 2019).

É fundamental observar que, mesmo durante o período da escravidão, os africanos continuaram fazendo as práticas de seus grupos e buscando caminhos para escapar do sofrimento que era ser escravizado, por isso, muitas práticas se transformaram consideravelmente. Por esse motivo, “tatuagens populares brasileiras têm algo das escarificações africanas” (JEHA, 2019, p.97).

¹ THOMPSON, Robert Farris. Yoruba Artistic Criticism. In: D'AZEVEDO, Warren L. (ed). **The Traditional Artist in African Societies**. Bloomington: Indiana University Press, 1973a.

Além das escarificações africanas, a tatuagem brasileira teve, e continua tendo, muita influência das religiões que moldaram a construção da nação brasileira. Conforme Jeha (2019, p.142), “a crença no poder das tatuagens de símbolos cristãos era de fato parte da cultura luso-afro-brasileira, compartilhada ao menos desde o século XVIII em ambos os lados do oceano”, signos de salomão, crucifixos, estrelas, corações atravessados por espadas, são comuns até os dias atuais para proteger o corpo e mostrar a devoção pela religião, que na maioria das vezes é a católica.

Visto que os ibéricos eram muito católicos, quando os portugueses chegaram ao novo continente trouxeram tatuagens inspiradas na religião, que se misturavam com as marcas marítimas. De acordo com os estudos de Jeha (2009, p.139) “dos 994 tatuados presos registrados no Gabinete de Identificação entre 1906 e 1908, 205 eram portugueses”.

Além dos imigrantes portugueses, outros de diversas origens que vieram para o Brasil ao final do século XIX, como libaneses, sírios, turcos, japoneses, italianos, germânicos e franceses (JEHA, 2019) usavam a tatuagem como forma de adorno, proteção e, como já citado, demonstração da religiosidade. Na Síria, por exemplo, crianças saíam com pouco dinheiro e encontravam tatuadores para lhes desenharem (JEHA, 2019, p.147), entretanto no Brasil essa prática era vista com maus olhos pela sociedade e, talvez pelo processo de ocidentalização, muitos não repassaram o costume para seus descendentes. Alguns libaneses também tatuavam, enquanto jovens, símbolos religiosos “para que nunca se negasse o cristianismo diante de uma eventual tensão com os muçulmanos” (JEHA, 2019, p.144). Como é possível notar, os símbolos das tatuagens tinham diversas influências culturais ligadas aos seus países de origem, que perpassam gerações e evoluem de acordo com as manifestações que ocorrem na localidade em que são realizadas.

Neste mesmo período do século XIX, com a ascensão de teatros e circos, muitos artistas estrangeiros faziam “turnê nas grandes cidades brasileiras: eram artistas tatuados profissionais, que se exibiam em teatros de variedades, zoológicos e parques de diversão” (JEHA, 2019, p.15), já que as tatuagens eram vistas como algo fora do considerado normal. Houve até um momento em que circassianos eram tatuados sem a própria vontade, apenas para serem atrações e conquistarem o público. Neste caso, Braga (2009, p.152) cita que “não é a forma de significar que

constitui o gênero tatuagem: é a estabilização da significação que dará uma ação de retorno ao gênero e ao enunciado, levando em conta, é claro, a interação social”, ou seja, mesmo o indivíduo não querendo ser tatuado, seu entorno social e a forma como ele era lido pela sociedade o levou a necessidade de ter tatuagens, fazendo com que o enunciado em seu próprio corpo produzisse para quem possuía a tatuagem significações contrárias ao que era visto pelos outros.

Também foi a partir da segunda metade do século XIX que o corpo tatuado começou a ser criminalizado no Ocidente, com o médico italiano Cesare Lombroso. Ele e outros médicos europeus elaboraram teses acerca do que seria chamado de “homem delinquente”, expondo que uns dos aspectos deste indivíduo seria a tatuagem, “elemento biográfico e identificatório importante na criminologia.” (JEHA, 2019, p.246). Os policiais, médicos e jornalistas foram os que iniciaram a documentar as tatuagens, já que as tratavam como características de pessoas patológicas, propensas a cometerem crimes. Por serem tratados como doentes, a partir de 1920, os tatuados começaram a ser estudados também em teses psiquiátricas (JEHA, 2019, p.246). O médico pernambucano Álvaro Ladislau Cavalcanti d’Albuquerque realizou os primeiros estudos embasados na teoria de Lombroso no Brasil, em que utilizou os prisioneiros da Penitenciária da Bahia como objeto de estudo. Segundo ele, tatuar-se é uma maneira de apresentar anomalias características de alguém que comete crimes. O jornalista João do Rio² (1904, p.23 apud JEHA, 2019, p.240) relata que d’Albuquerque observou em suas teses que as pessoas “normais” possuem um pequeno número de tatuagens localizadas na parte superior do corpo, e os “anormais” apresentam muitas aleatoriamente pelo corpo inteiro. Em contraposição à teoria lombrosiana, José Ignácio de Carvalho³ (1911, p.26 apud ASSIS, 2021, p.273) percebeu que “não existe relação aparente entre tatuagem, degeneração e loucura”, ao analisar o banco de dados feito por seu orientador Elysio de Carvalho a partir da documentação de prisioneiros da Casa de Detenção do Rio de Janeiro. Para ele, há uma relação mais próxima entre o meio social mais pobre e a tatuagem, do que a mesma e a criminalidade. Seguindo este paralelo entre classe social e tatuagem, Caplan (2021, p.158) disserta que mesmo as pesquisas do século XIX colaborando para as discussões sobre possíveis

² RIO, J. A tatuagem no Rio. **Kosmos**, nov. 1904.

³ CARVALHO, J. I. S. **Tatuagem e criminalidade**. Tese (Doutorado em Medicina) - Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1911.

patologias dos criminosos, “os dados serviram mais para testemunhar o fato de que a tatuagem era também um hábito popular entre a classe trabalhadora”.

No início do século XX, a prática da tatuagem começou a aparecer nas prisões brasileiras. Seja pelo tempo de ócio das pessoas que estão na prisão ou pelas memórias e afetos que querem trazer à pele, fazer tatuagem dentro da cadeia é sobre “apropriar-se do próprio corpo, uma forma de fazê-lo falar e resistir.” (JEHA, 2019, p. 242), uma vez que seus corpos estão sob vigilância de autoridades a todo momento.

Sob o ponto de vista das pessoas que estavam presas, o jornalista Leven Vampré (1916, p.3), no ano de 1915, realizou um projeto sobre tatuagem em encarcerados na Cadeia Pública de São Paulo, conseguindo entrevistar J.M., “extraordinário humorista no assunto”. Quando questionado sobre a correlação de crime com tatuagem, J.M. argumenta que

a pessoa que se deixa tatuar só o faz para imortalizar uma ideia mais elevada e bela do que a fraqueza do seu crime ou do seu defeito humano; não existem relações diretas entre a tatuagem e o crime do delinquente, não; o que existe é a pretendida suposição na sinagoga de um ou outro afilhado gratuito da teoria lombrosiana.

Para ele, a tatuagem se conecta ao exterior como forma de transparecer o que se situa no interior, ao exteriorizá-la acaba fazendo com que este enunciado esteja no ambiente de trocas e interações sociais.

Como cultura menosprezada pelos aparelhos de controle da sociedade, a tatuagem foi organizada como mania social pelas classes pobres, assim como capoeira e samba (JEHA, 2019, p.187). As pessoas pertencentes a esse grupo eram postas à margem da sociedade e, por volta de 1950, os veículos de comunicação começaram a utilizar a palavra *marginal* para se referir a elas, fossem criminosos ou não. Como exemplo de marginalizado, tem-se a obra de Hélio Oiticica *seja marginal, seja herói*, em que o artista plástico utiliza a imagem do corpo de Alcir, que se suicidou decorrente da pressão policial e da multidão que o cercava após cometer um assalto, estampada na capa do jornal Luta Democrática (JEHA, 2019, p.197). Sobre esse e outros casos, Oiticica (1968, p.1) faz uma crítica sobre o que chamam de marginal, como

a maneira pela qual a sociedade castrou toda possibilidade de sua sobrevivência como se fora ela uma lepra, um mal incurável - imprensa, polícia, políticos, a mentalidade mórbida e canalha de uma sociedade baseada nos mais degradantes princípios, como é a nossa, colaboraram para torná-lo o símbolo daquele que deve morrer, e digo mais, morrer violentamente.

Ser marginal passou a ser interpretado como um mal social, as pessoas marginalizadas começaram a ser criminalizadas pelo simples fato de existirem.

Enquanto a história da tatuagem em peles lidas como masculinas tem inúmeras nuances problemáticas, a em mulheres não fica atrás (JEHA, 2019, p.204). Os corpos que estavam à disposição dos órgãos de vigilância para serem analisados, sem contar os de imigrantes, indígenas e africanas até o século XIX, eram os de prostitutas ou lidas como tal, que seria um proto crime (ação que pode anteceder, de fato, algum crime), algo visto como fora do “normal” para as mulheres (JEHA, 2019, p.207). Um tópico importante a ser comentado sobre este corpo feminino tatuado em uma posição criminalizada é a problemática em torno de quem o está observando, retratando e analisando, sendo em sua maioria, jornalistas, médicos e policiais homens (JEHA, 2019, p.210).

Possivelmente, as tatuagens religiosas para ambos os gêneros são as mais feitas no Brasil e é típica nos corpos marginalizados e criminalizados, pois remetem a sentimentos ligados à falta de esperança, como angústia, violência, insanidade que essas pessoas possuem durante sua trajetória de vida. Além da religiosidade, tatuam nomes de familiares, iniciais de amores e retratos. Jeha (2019, p.321) expõe que a tatuagem se relaciona, em alguns casos, à violência e à coerção vividas pelos indivíduos, e, em outros, a um ritual de pertencimento, além de ser sobre amor.

No final da década de 1950, o marinheiro dimarquês Knud Gregerson aportou no porto de Santos, trazendo uma máquina elétrica de tatuar e se consagrando como o primeiro tatuador profissional no país. Tattoo Lucky, apelido de Gregerson, deu uma entrevista para o jornal O Globo em 1975, em que dizia alguns motivos para realização de tatuagens:

Os homens querem ser tatuados por dois motivos principais: a fé e o amor, amor às mulheres, ao país, à profissão. Mas existe outro motivo: o exibicionismo ruim, dos violentos, que acham tatuagem marca de valentia. As mulheres têm um motivo próprio: a vaidade. Os jovens têm igualmente uma razão própria: eles são diferentes, querem se mostrar, porque não se envergonham de seus corpos; ao contrário, gostam deles. (MARQUES, 1997, p.179)

Por ser talvez o único tatuador profissional com um estúdio na época, Lucky era muito valorizado em Santos e marcou muitas peles durante seus anos de atuação. Até 1970, a tatuagem era característica do marginal, como já relatado, entretanto Tattoo Lucky, de acordo com Jeha (2019, p.18), foi o intermédio entre a marginalidade e sua expansão em todas as camadas sociais. A tatuagem passou a

fazer parte da vida do brasileiro até em trilha sonora de novela, como a canção “Menino do Rio” de Caetano Veloso em *Água Doce*. A historiadora aponta que “tatuarse passou a ser uma solução coletiva, uma fresta para aderir à transgressão sem ser punido. Marginaliza-se, tornar-se sexy, viril, guardando o privilégio de não ser criminalizado” (JEHA, 2019, p.18).

Esse desejo de transgredir somado às revoluções do comportamento permitiu que algumas amarras cristãs que permeiam a formação brasileira fossem afrouxadas, exaltando o corpo com sedução e erotismo e concedendo à tatuagem um posto de adereço que permeia todas as classes da sociedade (JEHA, 2019, p.327). A pele é o meio em que a tatuagem produz seus enunciados com inúmeras histórias de vida sobre sofrimento, paixão, amor, saudade, medos, angústias, manifestações e rituais. A tatuagem está à disposição das pessoas para contarem não só suas próprias histórias, como também as histórias de quem interage com suas marcas.

2.3. Corpo como dispositivo midiático

Na pós-modernidade, o corpo começa a adentrar no âmbito da subjetividade. Na sociedade ocidental globalizada, deixa de ser visto como carne perante a religião, e como ferramenta de trabalho na lógica industrial, para se tornar um “objeto de culto narcisista ou como elemento de tática e de ritual social - a beleza e o erotismo constituem dois motivos condutores de grande importância” (BAUDRILLARD, 1995, p.139), sendo evidenciado pela mídia na sociedade de consumo.

Para entender o corpo como objeto de consumo, Baudrillard (1995) afirma que a publicidade faz com que a pessoa esteja fissurada pela sua própria imagem, a fim de investir tempo e dinheiro em seu corpo e se sentir mais desejável para si e para o outro que a observa. Segundo o autor, a religião, por muitos anos, empenhou-se em fazer com que as pessoas se imaginassem como espíritos, ou seja, sem corpos, porém

hoje teima-se sistematicamente em *convencê-las do próprio corpo*. Algo de estranho se passa. O corpo não é a própria evidência? Parece que não: o estatuto do corpo é um facto de *cultura*. Ora seja em que cultura for, o modo de organização da relação ao corpo reflecte o modo de organização da relação às coisas e das relações sociais. Na sociedade capitalista, o estatuto geral da propriedade privada aplica-se igualmente ao corpo, à

prática social e à representação mental que dele se tem. (BAUDRILLARD, 1995, p.136-137)

Com isso, o indivíduo passa a buscar a autorrealização por meio do seu corpo, já que é constantemente bombardeado por publicidades sobre beleza, bem-estar, status social, etc.

A mídiatização do corpo na ordem do consumo, o transforma em grande mercadoria. Em concordância com Santaella (2008, p.146-147), o indivíduo está exposto culturalmente a uma série de processos que o faz buscar transformar seu corpo a fim de atingir o ideal de beleza proposto através das campanhas e a desfrutar deste lugar de pertencimento, a autora exemplifica essas ações de mudanças como

os flagelos da carne no piercing e tatuagem, os distúrbios alimentares na bulimia, anorexia e compulsão alimentar, a obesidade, o horror ao envelhecimento, a remodelagem contínua do corpo no bodybuilding, nas orgias do silicone, nas metamorfoses resultantes das cirurgias plásticas e, pautado na exaltação desses emblemas narcísicos, o exibicionismo exacerbado do corpo nas mídias e o conseqüente “voyeurismo” institucionalizado.

Percebendo, assim, que o corpo assume um papel de “sintoma da cultura”, sustentando as necessidades inerentes ao ser humano e o prazer que ele busca dentro da sociedade à qual pertence (SANTAELLA, 2008, p. 147).

Para Morin (2002, p. 185) cultura é “a totalização de processos, de diferentes estágios, diferentes categorias, diferentes níveis que, cada vez mais, assumem um sentido subjetivo, estético e mesmo imaginário”, sendo assim, seria injusto nivelar culturas que utilizam processos diferentes em um mesmo patamar. Com base no autor, Pavan (2019, p. 173) observa a cultura como “constituída pelas representações, símbolos, mitos e ideias produtoras de crenças, valores, normas e memória histórica”. A partir disso, é possível entender o corpo como *sintoma da cultura*, já que é no físico que a existência, e toda singularidade, humana acontece, como exposto anteriormente.

Em linha com Le Breton (2007), a estrutura biológica do corpo não o molda completamente sem antes estar inserido em uma sociedade. Para o sociólogo,

o corpo não existe em estado natural, sempre está compreendido na trama social de sentidos, mesmo em suas manifestações aparentes de insurreição, quando provisoriamente uma ruptura se instala na transparência da relação física com o mundo do ator (dor, doença, comportamento não habitual, etc)” (LE BRETON, 2007, p. 32).

Sendo assim, o corpo faz parte dos processos comunicacionais do cotidiano, além da cultura e da política, podendo-se dizer que medeia e mediatiza o consumo de acordo com a teoria barberiana, no qual tem contato com o tempo, o espaço, a mobilidade e os fluxos que o perpassam (LOPES, 2018).

A evolução da maneira de se fazer publicidade faz com que a mesma tenha um olhar mais atento para as interações com seus consumidores (TRINDADE, 2019). Mesmo com essa evolução, a publicidade atual continua utilizando o corpo como objeto de desejo e realização de seus consumidores, já que está no primeiro nível de contato com o subjetivo do indivíduo. Desta forma, o corpo interage com o meio em que está, segundo Pavan (2019, p. 174), transformando-se em dispositivo midiático, pois “é resultante da forma de circulação da marca fora do espaço midiático, que cria outro espaço midiático e transforma [...] o corpo em um lugar mediatizado”.

O corpo é linguagem e a tatuagem passa a ser um gênero discursivo perante a construção da comunicação. De acordo com Braga (2009), o signo representado pela tatuagem deixa de ser apenas a tinta inscrita na pele, para significar, em um âmbito semântico, outra coisa completa de carga ideológica que o signo integra. À vista disso,

temos o corpo não apenas como suporte textual, mas, sobretudo, como mídia constitutiva do enunciado, determinando sua produção e circulação. Ou seja, indicando onde esse material semiótico entrará como signo ideológico comunicativo. E é essa interação na práxis da atividade humana que caracteriza o estilo e, concomitantemente, o enunciado desse gênero discursivo. (BRAGA, 2009, p. 143)

O indivíduo, mesmo dentro de toda sua singularidade, continua reproduzindo os padrões sociais, políticos e culturais no seu corpo, ressignificando os desenhos de acordo com essas vivências. Entretanto, as imagens ressignificadas expostas na pele, mesmo evidenciando esses padrões, não deixam de simbolizar a subjetividade do indivíduo, como seus gostos particulares, momento de vida e memórias.

Este corpo como dispositivo midiático, “recria novos processos de apropriação e a produção de sentido ganha novos elementos na dinâmica midiática” (PAVAN, 2019, p. 174), fazendo parte da manutenção social, como uma retroalimentação das movimentações comunicacionais, culturais e políticas que circundam a estrutura física do sujeito.

Atualmente, deve-se pensar este corpo-mídia tatuado dentro das dinâmicas de comunicação atuais, pois as redes sociais trazem infindáveis imagens

publicitárias para seus usuários, de dicas de maquiagens até as melhores clínicas que realizam procedimentos de harmonização facial. Transformar o corpo perante a lógica de consumo, de acordo com os padrões de beleza, estética e comportamento, está cada dia mais fácil. Para Lipovetsky (2007), essa mania por consumir não só marcas, como também conteúdos, é estimulada pela vontade de ser uma “pessoa de qualidade”, de estar no mesmo universo de pessoas de classes diferentes, almejando se destacar da massa, mesmo estando neste processo de uniformização.

Em contrapartida, tatuar o corpo é uma resistência a essa massificação e o imediatismo de mudanças. A tatuagem, mesmo com o já exposto de interferências sociais, também é individual, e com a aceleração dos processos comunicativos, é “importante fazer algo permanente, fixo sobre o próprio corpo em mutação. O corpo funciona como um outdoor das escolhas subjetivas, uma vitrine da essência do ser” (PAVAN, 2019, p. 179). E mesmo com a possibilidade de remoção da tinta, sempre existirá uma cicatriz que ficará na memória da pele.

3. CORPOS TATUADOS DOS FÃS

3.1. Cultura de fãs

A interação social entre os indivíduos é responsável pela produção de signos, que segundo Bakhtin (2006, p. 43) “são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece”. Dentro da lógica do hiperconsumo, muitas pessoas se organizam juntas a partir de um desejo comum, podendo ser por produtos materiais ou imateriais dentro do consumo. Essa organização para promover um produto sem estar ligado diretamente em sua produção é o que se chama de *fandom*⁴. O pesquisador Henry Jenkins (2009, p. 425), expõe que o termo se refere à “subcultura dos fãs em geral, caracterizada por um sentimento de camaradagem e solidariedade com outros que compartilham os mesmos interesses”.

Os fãs possuem grande importância para a disseminação dos produtos que gostam dentro de suas redes de comunicação. Não só essa circulação, como também as críticas e opiniões dessas pessoas que acompanham determinados produtos da cultura de massa, faz com que haja uma evolução voltada sempre a aumentar o consumo, sendo mais atrativo para esses indivíduos, pois tanto eles quanto consumidores padrões “são convidados a participar ativamente da criação e da circulação de novos conteúdos” (JENKINS, 2009, p. 386).

À vista disso, Jenkins (2009, p. 29) evidencia a existência de uma cultura de convergência, em que há encontro entre as mídias antigas e novas, “onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis”. Os processos de comunicação sofrem transformações em decorrência dos pensamentos dos consumidores perante determinado produto, uma vez que, com as tecnologias e rastreamento de dados, é possível identificar como os produtos estão sendo cotados pelos públicos, com base nas interações destes com os meios em que estão sendo propagados (MARÃO, 2018).

Como consequência disso, empregando o conceito de Lévy sobre inteligência participativa, que consiste em agregar as inteligências de inúmeros indivíduos em prol da coletividade (LÉVY, 2004), Jenkins explica como os fãs, pessoas unidas por

⁴ Termo em inglês constituído pela junção das palavras *fan* (fã) e *kingdom* (reino), sendo assim “reino dos fãs”.

um desejo comum, auxiliam no processo de expansão de conhecimento sobre determinados conteúdos. A partir da cultura participativa

nenhum de nós pode saber tudo; cada um de nós sabe alguma coisa; e podemos juntar as peças, se associarmos nossos recursos e unirmos nossas habilidades. A inteligência coletiva pode ser vista como uma fonte alternativa de poder midiático (JENKINS, 2009, p. 28).

Atualmente, o consumo é uma construção coletiva. Quanto mais se fala de uma marca, um produto, um conteúdo dentro das redes de contato, é possível que mais conversão se tenha para este produto, que mais pessoas o conheçam e se sintam instigadas a consumi-lo.

Em consonância com Jenkins (2009, p. 196), “os fãs são o segmento mais ativo do público das mídias, aquele que se recusa a simplesmente aceitar o que recebe, insistindo no direito de se tornar um participante pleno”. Por este motivo, a participação deles é essencial para o desenvolvimento de marcas, artistas, filmes, novelas, etc, já que estão sempre em busca de melhorias para aquilo que acompanham. Os produtores começaram a analisar os fãs para buscarem desejos, anseios, medos, faltas, que poderiam agregar na construção dos produtos midiáticos, tornando-os também produtores de conteúdo dentro da comunicação digital (CASTELLS, 2006).

Esta comunicação não ocorre apenas entre os fãs e os produtos midiáticos pela internet, essas movimentações acontecem por vários fatores. De acordo com a teoria barberina da comunicação, “não existe comunicação direta, imediata, toda comunicação exige o uso ou o prazer imediato das coisas, toda comunicação requer alteridade e um mínimo de distância. A comunicação é separação e ponte: mediação”⁵ (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 25). Com isso, é preciso avaliar os fluxos comunicacionais considerando as interferências que os tangem. No que toca às ações dos fãs, Trindade (2019) mostra que as mediações têm a intenção de explorar os meios atentando as “competências extramidiáticas” na construção cultural, “que partem dos meios às mediações que regulam tais produções sociais de sentido” (p. 60). Diante disso, os fãs, mais do que apenas auxiliarem no processo de produção cultural, movimentam e são movimentados pela organização social, cultural e política.

⁵ Citação original do autor: “no existe la comunicación directa, inmediata, toda comunicación exige al arrancarse al uso o goce inmediato de las cosas, todo comunicar exige alteridad y un mínimo de distancia. La comunicación es separación y puente: mediación.”

Além das mediações, é importante entender o processo de midiaticização da comunicação, que segundo Trindade (2019, p. 61) é “uma lógica intrínseca ou interna dos dispositivos comunicacionais/interacionais para a compreensão de lógicas em processos ainda não totalmente definidos”. Ou seja, por onde estes fãs estão acessando os fluxos comunicacionais que estão a sua disposição, para assim poder gerar respostas, interações e propostas, sempre voltando para a mediação. Tal curso fica evidente quando Silverstone (1999, p. 150) expõe que “Consumimos a mídia. Consumimos pela mídia. Aprendemos como e o que consumir pela mídia. Somos persuadidos a consumir pela mídia. A mídia, não é exagero dizer, nos consome”. O consumo cultural pode ser equivalente ao consumo midiático como forma de mediar as trocas entre emissor e receptor dentro da lógica capitalista. Assim, os fãs têm papel crucial no desenvolvimento e desempenho dos produtos culturais/midiáticos.

3.2. Identificação individual e social

Quando se pensa em identidade, é preciso pensar em interações tanto do indivíduo com o espaço em que habita, quanto com seu contato com outros indivíduos. Com base em Bourdieu (1989, p. 55), o “espaço da interação funciona como uma situação de mercado linguístico, que tem características conjunturais [...], é um espaço pré construído: a composição social do grupo está antecipadamente determinada”, as leis que estão na formação dos locutores já existem e precisam ser conhecidas. A partir disso, é necessário entender o contexto social atual, com a globalização e os fluxos comunicacionais expostos no tópico anterior, para conseguir analisar o micro, neste caso sendo o conceito de identidade.

No passado, identidade era sobre as raízes culturais de uma pessoa, onde ela nascia, quais suas tradições, etc, já

falar de identidade hoje implica também — se não quisermos condená-la ao limbo de uma tradição desconectada das mutações perceptivas e expressivas do presente — falar de migrações e mobilidades, de redes e de fluxos, de instantaneidade e fluidez. (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 61)

Tem-se que pensar sobre o processo de interculturalidade que a globalização permite, pois pessoas de diferentes territórios, com outros tipos de costumes, podem interagir pelas redes tecnológicas e construir uma ligação de identificação, como é o caso de fãs. Não é mais necessário estar no mesmo espaço físico para

dividir os mesmos interesses, não é só indo a um *show* de uma banda para encontrar pessoas que gostam da mesma. Com o avanço das tecnologias da informação é possível se identificar com pessoas que estão inseridas em outros territórios, por compartilhar realidades de vida semelhantes.

Pavan (2019, p. 181) acrescenta que o pertencimento no cotidiano contemporâneo é dado a partir da fragmentação dos indivíduos, que buscam por necessidades que outrora não eram importantes, perante a “a complexificação das sociedades, o modo de vida capitalista, a concentração populacional urbana, a supressão das famílias e a mudança nas condições de agregação comunitária”.

Com isso, a identidade só pode acontecer dentro do discurso, das trocas entre dois ou mais indivíduos, pois, consoante a Hall (1997, p. 8),

a identidade emerge não tanto de um centro interior, de um “eu verdadeiro e único”, mas do diálogo entre os conceitos e definições que são *representados* para nós pelos discursos de uma cultura e pelo nosso desejo (consciente ou inconsciente) de responder aos apelos feitos por estes significados, de sermos interpelados por eles, [...] em resumo, de investirmos nossas emoções em uma ou outra daquelas imagens, para nos *identificarmos*.

Logo, o *eu* e o *outro* são conceitos difíceis de se distinguir perante a intervenção da cultura, os quereres são tocados pelo que rodeia os indivíduos, que são levados a assumir opiniões dentro da comunicação midiática.

A partir disso, a cultura domina universos estéticos e simbólicos em frequente mutação. De acordo com Oliveira (2007, p. 64), é dentro do simbólico que há a distinção ou identificação dos indivíduos,

além disso, a dinâmica cultural cria linguagens (orais, escritas, imagéticas) decorrentes dessas práticas culturais mutantes. Assim, refletir sobre as imagens significa olhar para os imaginários, as afetividades, os desejos, os medos e as frustrações; implica voltar nossos olhos para as práticas, linguagens, identidades e estéticas que envolvem o cotidiano; requer analisá-las com base em sua constituição histórica e suas matrizes culturais e inseri-las no campo da cultura para que seja possível captar os significados presentes na sua produção e apropriação.

É da construção imagética que os indivíduos desenvolvem suas vontades, sendo a tatuagem um dos gêneros que podem utilizar para construir sua identidade, que é realizada como consequência de suas seleções dentro do consumo simbólico, ebulindo de “imagens, símbolos, territórios, tatuagens, corpos, ideologias, referências, modas, objetos, bebidas, comidas etc” (OLIVEIRA, 2007, p. 77).

Sendo assim, a pele faz parte da existência no mundo, não só pelo seu valor físico, como também por constituir parte da linguagem e da comunicação. Além de

conseguir gerar impressões por si só, quando esta pele está desenhada, escrita, enfim, tatuada, torna-se evidente a subjetividade do indivíduo, já que a marca definitiva é um amparo na busca pelo significado e pela identidade, uma forma que o indivíduo tem de se firmar e de se afirmar dentro de uma identidade escolhida, por ele e por toda sua experiência social (LE BRETON, 2004).

Segundo Lamer, "a tatuagem e o piercing estão situados na ordem do signo, o que os coloca em uma perspectiva mais ampla de perspectiva de significados e valores. A visibilidade deste sinal o coloca imediatamente no domínio relacional"⁶ (LAMER, 1995, p. 152), sendo assim o símbolo tatuado passa a se envolver na estruturação da cultura, política e sociedade. Partindo dessa mesma premissa, Le Breton (2004) afirma a posição da tatuagem para além do que é visto como moda, uma vez que faz mudanças no contexto social, emerge-se como fenômeno cultural e assume outras maneiras de seduzir.

A tatuagem, assim como outras marcações corporais, faz com que o indivíduo sinta que tenha posse do seu corpo, das suas ações, de seus desejos, apropria-se do seu corpo como forma de se distanciar do padrão social imposto. Conforme Macedo, Paravidini e Próchno (2014, p. 153), a realização de símbolos no corpo é feita para o sujeito se diferenciar e se reconhecer perante o outro, indicando uma "busca pela singularidade em uma época em que as diferenças tendem a ser aniquiladas e representam uma estratégia última de experimentar a existência através do reconhecimento pelo olhar do outro".

Entretanto, o ato de se tatuar acaba levando o sujeito a se juntar a um grupo de pessoas com características semelhantes às dele. Isso ocorre pois,

o desejo de se separar não é menor que o de pertencer, não a um grupo estruturado, mas a uma sensibilidade esparsa e comum, é uma questão de caminhar com outros, desconhecidos ou próximos, numa conveniência em que se investe muito, mas continuando a seguir sua própria via. O gosto pelas modificações vem a maior parte das vezes do facto de as ter visto em outros e de ter sido atraído pela sua experiência. (LE BRETON, 2004, p. 98)

Mesmo querendo fugir da cultura massificada para ter um diferencial social, o sujeito retorna para determinados grupos que realizam as mesmas atitudes, evidenciando o caráter relacional das marcas do corpo, como forma de identificação

⁶ Citação original da autora: "Le tatouage et le perçage se situent dans l'ordre du signe, ce qui les place dans une perspective plus large du sens et des valeurs. La visibilité de ce signe l'inscrit d'emblée dans le domaine relationnel."

tanto pessoal, quanto social. Uma vez que toda existência perpassa o subjetivo para integrar o campo da experiência coletiva.

Em harmonia com os estudos de Le Breton (2004, p. 136), para o sujeito que se tatua é importante trazer à superfície símbolos para ir contra o esquecimento, eternizar na pele momentos, desejos, posicionamentos, pessoas e músicas. “O corpo funciona às vezes como uma bandeira para afirmar efetivamente uma preferência sexual, a pertença a um grupo (político etc), o gosto por um estilo de música, etc”, essa bandeira permite com que as pessoas desconhecidas vejam a camada externa da pessoa que é tatuada e, a partir das próprias experiências, tentar entender sua subjetividade e tudo aquilo que a transpassa, apenas com a linguagem do corpo. Como é observado por Pavan (2010, p. 71), esta linguagem é reiterada por expressões culturais que manifestam o pertencimento dos indivíduos, como, por exemplo, o estilo de roupas que utilizam, e “implica também a expressão distintiva das relações de poder que passam pelos signos da identificação e da desidentificação”.

4. CENA DO RAP NO BRASIL

O ato de fazer música vai muito além dos ritmos e das melodias criadas, através dela é possível entender questões culturais, sociais e econômicas de muitos lugares. Por esse motivo a música é uma forma de expressão artística que possui grande importância na comunicação social, por sua carga informativa, de representar uma realidade, uma situação e um sentimento. O cantor, fora a aura artística e estética, tem um papel de ser um comunicador e representar algo. Neste sentido é que o estilo rap tem muito valor até hoje.

O rap⁷ é derivado do soul, ritmo que tem fortes influências africanas tanto pela melodia quanto pelas letras que a acompanham, que incorpora a tradição oral produzida pelos *griots*⁸ na cultura afro-americana. O soul teve grandes cantores estadunidenses como James Brown e Ray Charles, sendo parte constituinte da luta negra estadunidense na década de 1960, como símbolo de resistência e ocupação de espaços.

De acordo com Dayrell (2001, p. 39), o rap emergiu em meados dos anos 1970 como reação do movimento *black*, com o DJ⁹ Kool Herc (nome artístico do jamaicano Clive Campbell) a partir da introdução dos *sound system*¹⁰. A reação das pessoas perante o som foi tão positiva que se expandiu nos guetos de Nova York, colocando os DJs como protagonistas da base das batidas do rap. Nos bailes de rua, os DJs, enquanto discotecavam, emprestavam os microfones para os jovens improvisarem rimas em cima da batida, tornando-se conhecidos mais tarde como Mestre de Cerimônias (MCs) ou rappers.

O rap tem como característica pós-modernista uma apropriação reciclada, tal qual afirma Shusterman (1998), já que faz utilização da mistura, chamada de mixagem, de composições já existentes da *black music* com batidas e samples adicionados pelos DJ, além da adição da rima feita pelo MC. O autor adiciona mais características como

a mistura eclética de estilos, a adesão entusiástica à nova tecnologia e à cultura de massa, o desafio das noções modernistas de autonomia estética

⁷ Palavra formada pela abreviação de *rhythm and poetry* - ritmo e poesia.

⁸ Conforme Silva (1998, p. 38), *griots* remete-se a um grupo de músicos incubidos de contar a história da sociedade, sendo mais comuns no nordeste da África, como Mali e Gana. Enquanto narram são acompanhados pelo *kora*, instrumento musical de cordas. É importante ressaltar que a narração de histórias não se delimita apenas a essa região africana, mas sim pelo continente como um todo.

⁹ Abreviação de *Disc-Jockey*, pessoa que faz as discotecagens.

¹⁰ Segundo Silva (1998, p. 39), *sound system* são sistemas de som muito potentes que começaram a ser utilizados em festas abertas na capital da Jamaica, Kingston.

e pureza artística, e a ênfase colocada sobre a localização espacial e temporal mais do que sobre o universal ou o eterno (SHUSTERMAN, 1998, p. 145).

A partir desse momento, o rap se converte em um estilo musical que, sem esquecer da raiz africana, utiliza a tecnologia para dar voz aos guetos negros, com rimas sobre resistência, denúncia, reivindicação, busca por melhores condições de vida entre outras demandas. E junto com outras linguagens do gueto, o *break* e o grafite, soma como parte constituinte da cultura hip hop.

No Brasil, o rap começou a se proliferar também pela década de 1970 nos bailes *black* nas periferias de grandes cidades brasileiras, mais centralizado em São Paulo, e com o passar do tempo se expandindo para outras cidades como Belo Horizonte, Fortaleza e Bahia. Vale ressaltar a interferência cultural africana no país e lembrar que muitas das pessoas que viviam e vivem nas periferias são descendentes da herança dos quase quatrocentos anos da escravidão.

Como ainda não era muito popularizado a maneira de fazer rimas e discotecagem no país, existindo poucos DJ e MCs, os jovens da época ouviam muito grupos estadunidenses como *Run DMC* e, mais tarde, no final da década de 1980, *Public Enemy* que é conhecido como representante do “rap consciente” (Dayrell, 2001). Essa influência de outros lugares do globo, mostra como a globalização teve um papel na disseminação e, conseqüentemente, na afirmação do estilo musical no Brasil. Além do som, Dayrell (2001) evidencia que a parte visual do rap, as imagens dos videoclipes, tiveram grande impacto nas gerações que estavam iniciando o contato com a cultura hip hop, já que possuem grande apelo tanto para as danças, quanto para as artes visuais.

Com a interferência do rap consciente do *Public Enemy*, os rappers brasileiros começaram a radicalizar mais nas rimas, com letras de denúncia social e falas da vivência cotidiana nas periférias brasileiras, como forma de afirmação do jovem negro, realidade do entorno em que vivem, realçando os temas de violência e drogas (DAYRELL, 2001). Assim como afirma Silva (2006, p. 92), estes rappers são, majoritariamente, jovens

negros e de classe pobre, porém, verdadeiros narradores, os novos “griot” contemporâneos. Eles constroem suas mensagens a partir das representações que têm do seu locus e as comunicam por meio do ritmo e da poesia, veículo acessível a uma juventude socialmente excluída. Identificando-se com este gênero musical, estes jovens falam tudo que experimentam no cotidiano: desemprego, fome, pobreza, analfabetismo, doença, morte, violência.

Dessa forma, observa-se a formação de uma cultura juvenil urbana marginalizada, que é impactada pelos elementos simbólicos do *locus* em que está, a fim de traçar uma identidade de consciência como jovens e pobres (DAYRELL, 2001, p. 117). Então, as periferias são parte integrantes desses jovens, que são moldados social, cultural e politicamente pelo o que os cerca, e a partir do rap buscam

por justiça social e por direitos sociais e direitos sobre a cidade, como o acesso à moradia, à saúde, ao transporte, à educação e ao consumo cultural, que interagem e se mesclam com a cidade normatizada, racional, “legitimada”, ultrapassando velhas noções morais de culpabilidade da pobreza ou de territórios de riscos, que podem sugerir sentidos estigmatizados de criminalização da pobreza.” (LEAL IVO, 2010, p. 10).

Revelando a importância não só cultural do rap, como também de fazer com que ocupem a cidade por completo. Assim, os artistas do rap acabam se tornando comunicadores dentro dos ambientes em que estão inseridos (sendo conhecidos do menor ao maior grau), promovendo identificação e produzindo discursos que caminham contra os produtos midiáticos massificados (POSTALI, 2019).

Apoiada nessa contra argumentação, Sovik (2000) salienta que o rap sempre tentou buscar caminhos dentro da própria comunidade, fortalecendo os meios de comunicação independentes, da própria periferia, e não cedendo a indústria cultural, uma vez que muitos grupos, como os Racionais MCs, negavam-se a participar de programas de TV e premiações, mesmo sendo conhecidos pelo país inteiro. O rap é um estilo que acolhe e fortalece os jovens que estão tentando encontrar alternativas para a realidade que os cerca.

5. ANÁLISE DE CASOS

Com todo o embasamento teórico analisado no desenvolvimento desta pesquisa, é possível analisar os casos dos fãs de artistas do rap brasileiros com tatuagens que os remetem. Para isso, é utilizado o estudo sobre circulação midiática de Fausto Neto (2010). Assim, se faz necessário entender como a comunicação prolifera na era digital, mais estritamente nas redes sociais mais utilizadas na atualidade: Facebook (por possuir espaços de interações em grupo, além de páginas de fãs) Instagram (rede de exposição de imagens e vídeos) e TikTok (vídeos rápidos de até três minutos, em que os algoritmos impulsionam as publicações dependendo do engajamento dos usuários).

É importante ressaltar que nessas redes sociais, os algoritmos controlam muito os conteúdos que são vistos pelos usuários. Trindade (2019, p. 69) expõe que os algoritmos,

nas suas finalidades sociais de interação, tomam uma dimensão social de dominância hegemônica e semântica com a websemântica e suas tags rastreáveis, pois quem estrutura o algoritmo estruturará os tipos, graus e condições de interação com seus significados atrelados, como seus filtros, as possibilidades de ações dos usuários, atingindo um espectro amplo da vida social mediatizada pelos dispositivos digitais, incluindo-se aí os consumos midiáticos digitais e os consumos de mercadorias mediatizados pelas marcas em ambientes digitais. E o foco não é mais a mensagem em si com seus conteúdos, pois que estes devem ter uma lógica de coerência com os valores culturais das marcas que se constituem a partir de uma operacionalidade do fazer circulatório destas nas redes sociais e plataformas de interação.

Por esse motivo, mesmo utilizando contas secundárias que não apresentam relação com o tema estudado, é possível que alguns resultados sejam interferidos por causa da programação dos algoritmos.

Segundo Fausto Neto (2010), a atual “arquitetura comunicacional” complexifica as maneiras de interagir durante o processo de comunicação, já que os papéis dos enunciadores e de quem recebe as mensagens são reconfigurados “segundo novas dinâmicas de interfaces” (FAUSTO NETO, 2010, p. 55). Isso faz com que haja uma circulação transmídia, em que os usuários das plataformas se movimentam a fim de estarem mais em contato com os conteúdos que lhes agradam. De acordo com o autor, com a “existência de um cenário técnico, com capacidade supostamente irradiadora e transmissional, as mídias passam a ser situadas em campos sociais com quem dividiam as cenas das interações (FAUSTO NETO, 2010, p. 57). É a partir disso, que será analisada a circulação midiática de

fãs de tatuagens ligadas ao rap brasileiro. A seguir é feita a descrição dos casos para entender onde esse fã está e como ele passa a mensagem nas redes sociais, com intuito de observar os vestígios de sua circulação entre plataformas e as suas características.

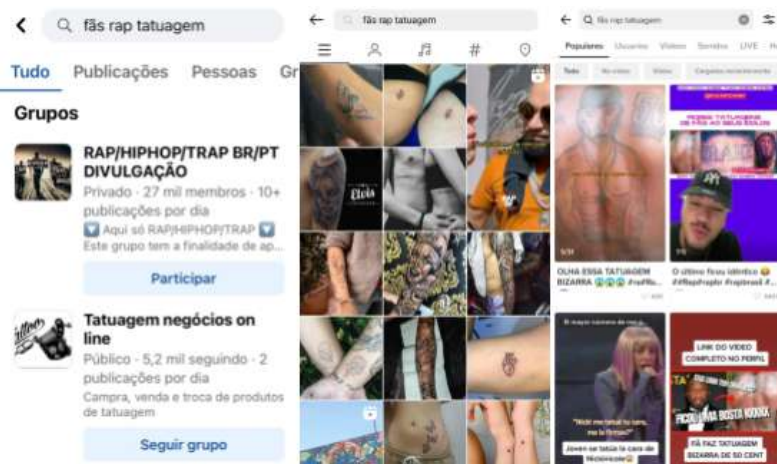
5.1. Descrição dos casos

Os casos foram obtidos utilizando as mídias digitais Facebook, Instagram e TikTok, como citado anteriormente, a partir de pesquisas com três termos chave para explorar os fãs nas redes. Os termos foram escolhidos com base nas palavras-chave da pesquisa, são eles: *fãs rap tatuagem*, *tatuagem rap* e *rap fãs tattoo*. Por conta do imediatismo que essas mídias trazem, é importante ressaltar as datas das buscas, que foram realizadas nos dias 9, 10 e 11 de novembro de 2022. Além disso, o *user* das contas foram ocultados para não expor as pessoas, mesmo com perfis abertos dentro das redes sociais.

A seguir será apresentado cada termo e como eles foram entendidos pelos algoritmos de cada rede, no início de cada descrição estará a captura de tela de cada busca, para que fique visível as primeiras impressões de cada uma, em sequência, serão percorridos os casos que foram encontrados em cada uma das mídias, e por fim será analisado o conteúdo das publicações e a recepção dele por outras pessoas dentro das plataformas.

5.1.1. fãs rap tatuagem

Figura 01 - Buscas pelas palavras-chave *fãs rap tatuagem*



Fonte: Compilação da autora¹¹

¹¹Montagens coletadas a partir de captura de tela do Facebook, Instagram e TikTok, respectivamente.

A figura representa a primeira impressão que se tem ao buscar as palavras-chave em cada uma das redes. No Facebook é apresentado primeiro os grupos (em que a busca pelas tatuagens também foi feito, entretanto não foi encontrado nenhum material para a análise). No Instagram, como é possível perceber, apenas um conteúdo relacionado ao tema foi encontrado, que é o *reels*¹² presente no canto superior direito, os outros conteúdos são de tatuagens mais gerais, que não fazem parte do escopo da pesquisa. Já no TikTok, é visto uma gama de conteúdos ligados ao tema de fãs com tatuagens de artistas do rap internacional, entretanto se apresenta com mais insumo para as análises.

Com a pesquisa exploratória no Facebook, foi encontrado apenas um vídeo postado pela página Rap DF no dia 27 de outubro de 2022, que mostra uma fã que tatuou os rostos dos rappers Duckjay e Look, participantes do grupo Tribo da Periferia, na parte de baixo do joelho direito.

Figura 02 - Vídeo da fã do Tribo da Periferia publicado pela página Rap DF



Fonte: Facebook. Disponível em: <https://fb.watch/gI9Q4oHYe3/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

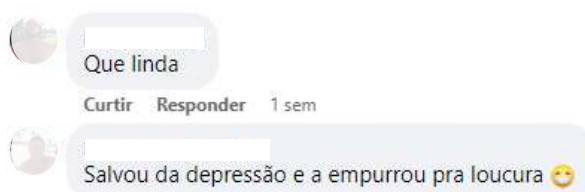
O vídeo mostra a fã bastante emocionada de encontrar com os artistas e poder contar para eles a diferença que suas músicas fizeram na vida dela durante a depressão que estava passando. A jovem, enquanto chora, diz para a dupla: "O motivo de eu ter tatuado essa tatuagem foi porque eu tive depressão. E com suas músicas, vocês *salvou* minha vida.", e, enquanto abraça um dos integrantes, continua, "Vocês sabem que com suas músicas, vocês salvam vidas de muitas pessoas". No que os integrantes agradecem a homenagem e perguntam se ela estaria feliz, a fã responde: "Obrigado vocês, vocês salvaram minha vida".

¹² Formato de vídeo de até 90 segundos no Instagram.

A página do Rap DF é quem relata um pouco sobre o momento desse encontro e a importância do rap na vida de muitas pessoas, quando escreve “Isso mostra o poder de uma música, o poder de uma letra motivacional, uma mensagem forte, um verso que toca no coração do ouvinte. ISSO É O RAP! O RAP SALVA VIDAS!”. Entretanto a visão da fã fica condicionada apenas pelos trinta e sete segundos do vídeo, não sendo possível explorar mais a fundo a representação dessa tatuagem na vida dessa pessoa.

A publicação tem 68 reações e dois comentários sobre o vídeo.

Figura 03 - Comentários do vídeo da fã do Tribo da Periferia



Fonte: Facebook. Disponível em: <https://fb.watch/gI9Q4oHYe3/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

O primeiro tem uma reação positiva quanto ao conteúdo visto, que aparenta que aprova a atitude da fã de marcar os rostos dos artistas na pele. Já o segundo parece estar indignado com essa ação, comparando-a com uma insanidade.

No Instagram, o mesmo vídeo é encontrado, porque, uma vez que as plataformas são vinculadas, é possível postar o mesmo conteúdo nas duas mídias.

Figura 04 - Reels da fã do Tribo da Periferia publicado pela página Rap DF



Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CkPKgK5jkXX/?igshid=MDJmNzVkMjY=>. Acesso em: 10 nov. 2022.

Nessa plataforma, o vídeo teve mais alcance, já que teve 1.703 curtidas e 23 comentários, todos sendo positivos, tanto apoiando a atitude da fã, quanto a importância do rap.

Figura 05 - Comentários do reels da fã do Tribo da Periferia



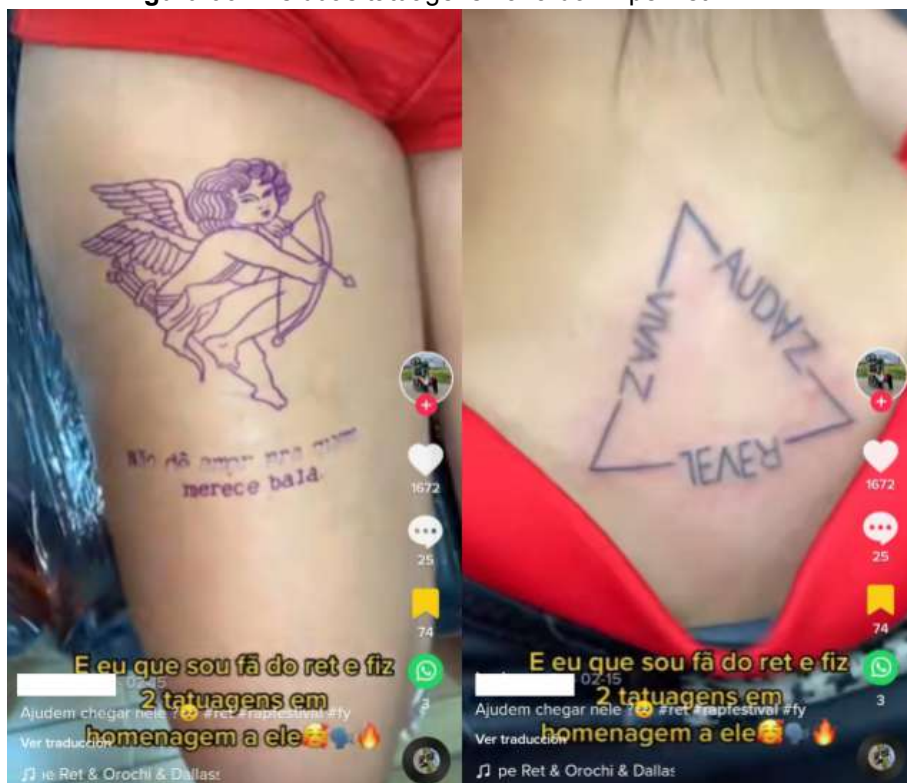
Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CkPKgK5jkXX/?igshid=MDJmNzVkMjY=>. Acesso em: 10 nov. 2022.

Um comentário chama bastante atenção, pois o usuário se identifica com a tatuagem e conta ter uma frase do mesmo grupo tatuada. Quando se entra no perfil dessa pessoa, suas primeiras três fotos postadas têm relação com o Tribo da Periferia, sendo as duas primeiras com os cantores e a terceira desse fã vestido com um moletom escrito com o nome do grupo.

Por fim, o TikTok apareceu com a maior quantidade de vídeos dentro dessa busca, com o total de 10 vídeos.

O primeiro vídeo foi postado dia 15 de fevereiro de 2022, é de uma fã do cantor Filipe Ret que o homenageou com duas tatuagens de letras de suas músicas, uma na coxa (com a imagem de um cupido e a frase “não dê amor *pra* quem merece bala.”) e outra na nuca (com as palavras audaz, revel e vivaz, cada uma em um lado de um triângulo).

Figura 06 - As duas tatuagens na fã do Filipe Ret



Fonte: TikTok. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMFPeEvj9/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

A legenda da fã é um apelo para que as pessoas a ajudassem compartilhando o vídeo para que o rapper pudesse ver e, assim, conhecê-la, “Ajudem a chegar nele ? (um *emoji* com rosto implorando) #ret #rapfestival #fy”. Nessa plataforma é muito comum que as pessoas utilizem a *hashtag* para aparecer na rolagem de mais pessoas, no caso desse vídeo a fã usou #fy (*for you*, para você), fazendo com que o vídeo possa viralizar e chegar até o seu ídolo. Ela também coloca o áudio de uma música do rapper, esse áudio também pode ser usado por mais pessoas, dando visualização para o vídeo, já que a plataforma expõe quem o utilizou pela primeira vez.

Em relação a recepção, o vídeo teve 1672 reações, foi guardado por 74 pessoas, teve 4 compartilhamentos extra plataforma (podendo ser no Instagram, WhatsApp, SMS, Messenger, Email etc) e 25 pessoas comentaram, sendo todos comentários positivos, tanto interagindo com o conteúdo do vídeo, quanto marcando o cantor e outras pessoas para que vejam.

Figura 07 - Alguns comentários das tatuagens da fã do Filipe Ret



Fonte: TikTok. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMFPeEvj9/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

Os comentários mostram identificação com a moça, uma pessoa conta que também tem uma tatuagem relacionada ao artista e outras duas querem fazer tatuagens em homenagem a ele, evidenciando a relação de fã tanto de quem enunciou, quanto dos receptores.

O próximo vídeo foi publicado no dia 09 de maio de 2022 por uma página que divulga informações do mundo do rap chamada Real Youtuber, o vídeo começa com uma fã pedindo para o cantor Teto escrever sua assinatura em um papel para ela tatuar, em seguida mostra todo o processo da tatuagem, desde o decalque até o desenho finalizado na pele.

Figura 08 - Tatuagem da assinatura do Teto em uma fã



Fonte: TikTok. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMFPdukhT/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

Como não foi a própria pessoa tatuada que fez a publicação é muito difícil entender os motivos que a levaram a fazer tal tatuagem, entretanto é possível supor que ela é fã do estilo rap pela tatuagem acima da assinatura, que é relacionada ao cantor Matuê.

O vídeo teve 399 curtidas, foi guardado 10 vezes, compartilhado extra plataforma por 5 pessoas e teve 7 comentários, sendo 2 negativos, 3 neutros e outros dois dialogando com os dois últimos comentários.

Figura 09 - Comentários no vídeo da tatuagem da assinatura do Teto em fã



Fonte: TikTok. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMFPdukHT/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

O terceiro vídeo, publicado no dia 25 de outubro de 2021, mostra apenas o braço de uma fã tatuado com a frase “Já perdi tanto nessa vida, mas nunca perdi a esperança” e embaixo o que se assemelha a uma assinatura do cantor L7NNON.

Figura 10 - Tatuagem de frase na fã do L7NNON

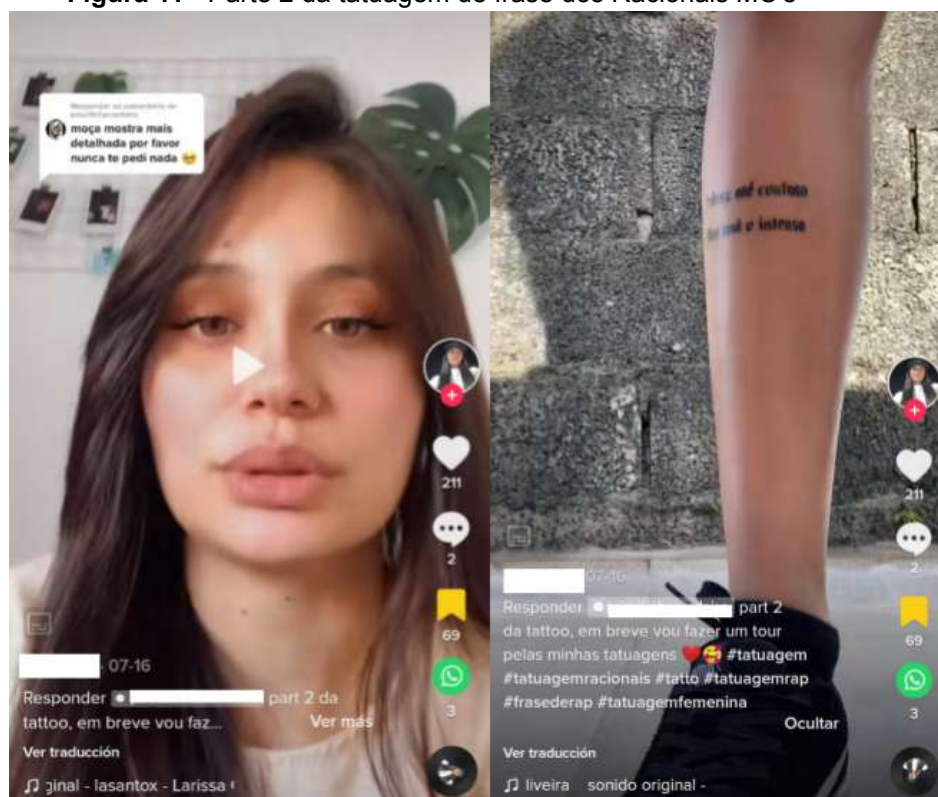


Fonte: TikTok. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMFP8NWhE/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

O vídeo com legenda “ETERNIZADO EM MIM” (*emojis* com cara de apaixonada, chorando e mãos em “bate aqui” - popularmente conhecido como um sinal de junção das mãos em forma de oração), tem muitas *hashtags*, incluindo a #fã, e marcação do *user* do rapper, para fazer com que o vídeo chegue ao artista. Apresenta ainda 50 curtidas, foi guardado 6 vezes e tem um compartilhamento extra mídia. Quando se entra no perfil da jovem é nítido sua relação com o artista, pois seus únicos três vídeos publicados são em sua homenagem, e a sua biografia diz “Fã de L7”.

O quarto vídeo, publicado no dia 16 de julho de 2022, é uma parte dois da tatuagem da frase dos Racionais MC's. É muito comum no TikTok os vídeos terem mais de uma parte, isso faz com que o público que está recebendo a mensagem sinta curiosidade no que está sendo transmitido e queira acompanhar mais vezes a pessoa que posta aquele tipo de conteúdo. No caso desse vídeo, a pessoa fala um pouco sobre o processo da tatuagem, quem a tatuou e pede para quem fez a mesma tatuagem marcasse ou mandasse para ela as publicações no Instagram.

Figura 11 - Parte 2 da tatuagem de frase dos Racionais MC's

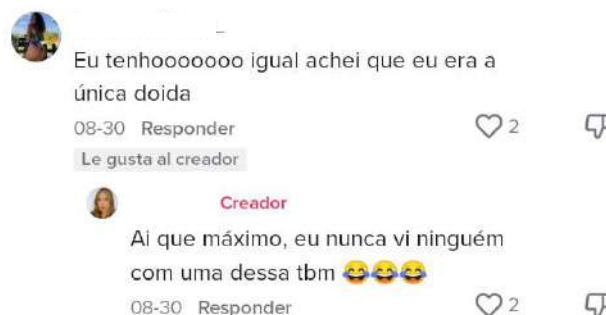


Fonte: TikTok. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMFP8dmwY/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

Na legenda, ela ainda relata que em breve *tour* pelas tatuagens que têm, já que o primeiro vídeo teve muitas repercussões, além de colocar várias *hashtags*. O

vídeo teve 211 curtidas, foi guardado 69 vezes e compartilhado extra plataforma três vezes. Teve dois comentários, sendo um diálogo entre uma pessoa que viu o vídeo e a própria autora da publicação.

Figura 12 - Comentários da parte 2 da tatuagem de frase dos Racionais MC's



Fonte: TikTok. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMFP8dmwY/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

O comentário é positivo, sendo até comparado a um nível de insanidade ter uma tatuagem nesse estilo, no que a autora gosta da reação e comenta que nunca havia encontrado outra pessoa com uma igual.

Em relação ao primeiro vídeo publicado no dia 15 de junho de 2022, ela simplesmente compartilhou no TikTok o mesmo *story* que fez para o Instagram, chegando a 13.2 mil curtidas e obtendo uma recepção bastante positiva de quem assistiu o vídeo.

Figura 13 - Parte 1 da tatuagem de frase dos Racionais MC's



Fonte: TikTok. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMFP8qVCr/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

Mesmo sem nenhuma legenda, o vídeo foi impulsionado de tal maneira que atingiu quase 150 mil pessoas. E todos os comentários foram positivos, muitos elogiando a tatuagem, alguns dizendo que farão a mesma e pedindo uma foto melhor e outros contando das tatuagens semelhantes que têm.

Figura 14 - Comentários da parte 1 da tatuagem de frase dos Racionais MC's

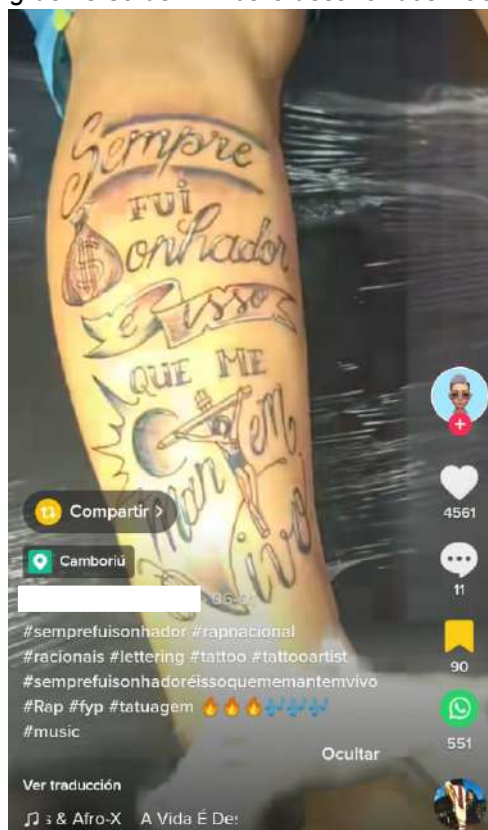


Fonte: TikTok. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMFP8qVCr/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

A partir dos dois vídeos não é possível entender se a pessoa é realmente fã dos Racionais MC's ou se apenas gosta da frase, entretanto quando se visualiza seu perfil existem vídeos sobre outros rappers e festivais de rap, sendo um indício para uma possível relação de fã.

O quinto vídeo é um *lettering* de um verso da música “A vida é desafio” dos Racionais MC's, publicado dia 01 de junho pelo tatuador que realizou o trabalho.

Figura 15 - *Lettering* de verso de “A vida é desafio” dos Racionais MC’s



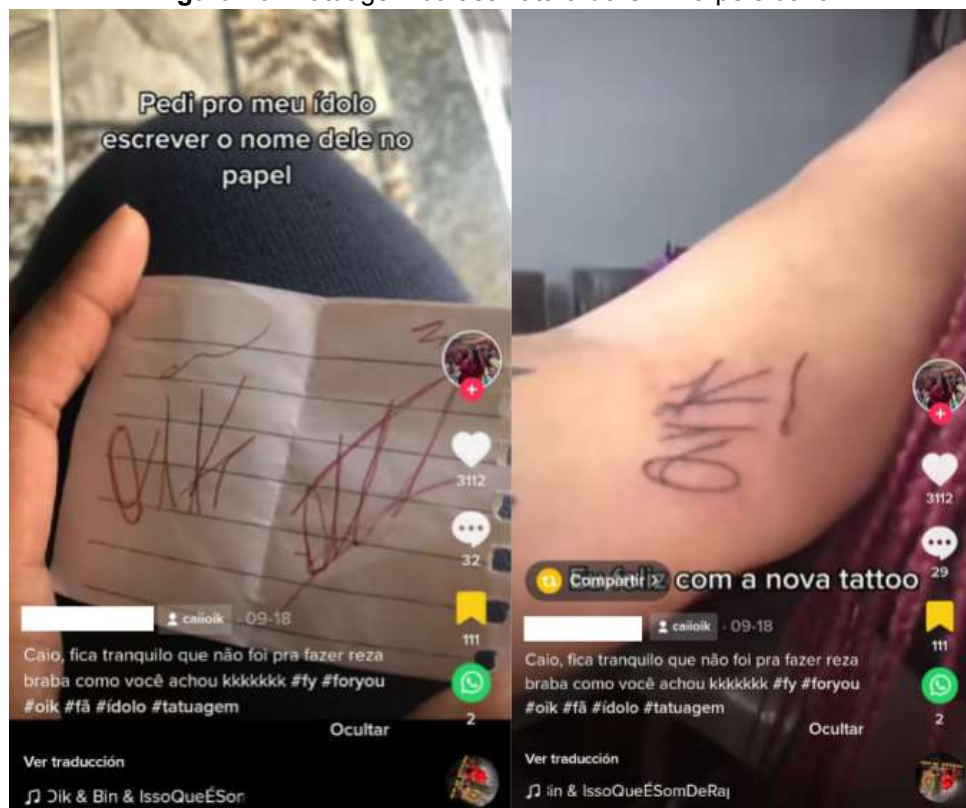
Fonte: TikTok. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMFPNMuaQ/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

É possível perceber que o tatuador utiliza muitas *hashtags*, isso é muito comum para divulgar os trabalhos. O alcance do vídeo é relativamente alto, com 4.561 curtidas, sendo guardado por 90 pessoas e compartilhado extra mídia 551 vezes. O número de comentários é baixo, 11 no total, sendo todos positivos, parabenizando o artista.

Como foi o tatuador que fez a publicação não é possível entender as motivações da pessoa tatuada, então não se pode afirmar que seja um fã de Racionais MC's ou se apenas gostou da frase e quis tatuá-la.

O sexto vídeo, publicado no dia 18 de setembro de 2022, é relativo a uma fã do rapper OIK, que pede a ele para escrever sua assinatura em um pedaço de papel para realizar a tatuagem.

Figura 16 - Tatuagem da assinatura de OIK na pele da fã



Fonte: TikTok. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMFPNQeht/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

A fã brinca na legenda falando para o ídolo ficar tranquilo, que era apenas para a tatuagem e não para outra coisa. O vídeo está com 3.112 curtidas, foi guardado 111 vezes e tem 2 compartilhamentos extra plataforma. Está com 29 comentários (contando com as respostas da autora do vídeo), a maioria com reações positivas.

Figura 17 - Comentários sobre a tatuagem da assinatura de OIK em fã



Fonte: TikTok. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMFPNqeh/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

Metade das pessoas estavam interessadas em saber a reação dele (que já tem um vídeo mostrando) e a outra metade comenta que gostaria ter a mesma atitude com seus ídolos, conversando com o conteúdo e expondo suas vontades em relação a tatuagem e a ser fã.

O vídeo da reação do rapper não tem tanta visualização, foi publicado no dia 13 de outubro, está com 246 curtidas, foi guardado 11 vezes e compartilhado fora da plataforma apenas uma vez.

Figura 18 - Reação de OIK vendo a tatuagem da sua assinatura

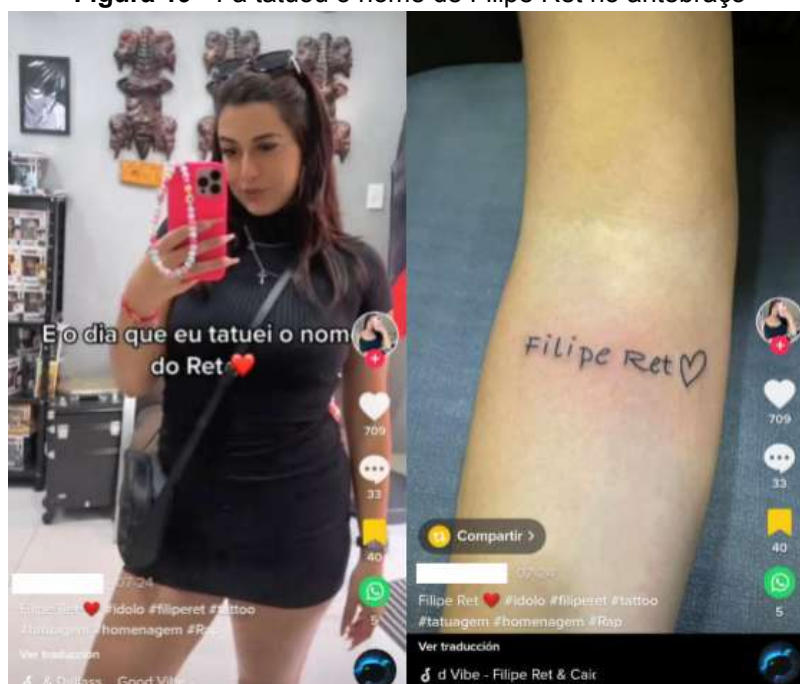


Fonte: TikTok. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMFPNBpN3/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

Nesse vídeo da reação é importante ressaltar dois pontos. O primeiro é a forma como a fã se dirige ao rapper, chamando-o de Caio e não pelo seu nome artístico, evidenciando uma relação de amizade com o cantor, que é percebida em seu perfil, pois publica diversos vídeos em seus shows e sobre ele, até expõe que virou sua amiga de tanto acompanhar. O segundo ponto é a consideração do rapper quando se depara com a tatuagem, fica muito feliz e até faz um vídeo no próprio *story* do Instagram (que está no vídeo da fã também) para mostrar a homenagem para quem o segue. Os comentários são todos positivos, gostando da reação do cantor e da atitude da fã.

O sétimo vídeo é de uma fã do cantor Filipe Ret, que tatuou o nome do rapper no antebraço acompanhado de um coração, publicado no dia 24 de julho de 2022.

Figura 19 - Fã tatuou o nome de Filipe Ret no antebraço

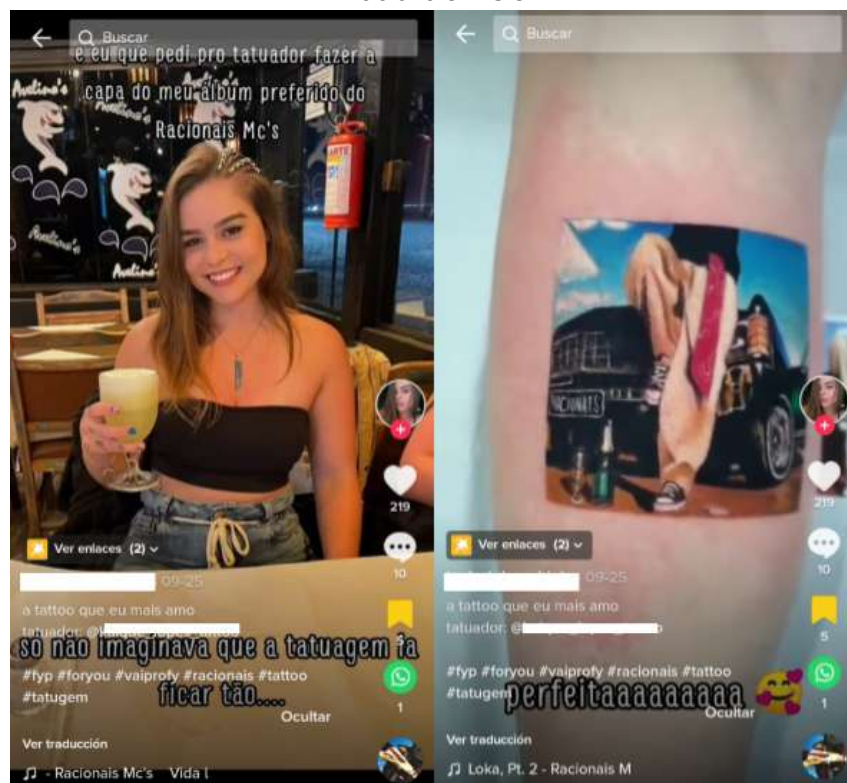


Fonte: TikTok. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMFPFL2mV/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

O vídeo mostra o processo da fã desde a espera no estúdio até o resultado final. Tem 709 curtidas, foi guardado por 40 usuários e compartilhado 5 vezes. Os comentários são todos positivos com muitos *emojis* e marcando o rapper. A tatuada parece muito fã do Ret, pois tem mais conteúdos sobre ele, e um vídeo fixado que mostra sua filha acreditando que ela namora o cantor.

O antepenúltimo vídeo é uma tatuagem colorida do quinto álbum dos Racionais MC's, "Nada Como um Dia Após o Outro Dia", publicado no dia 25 de setembro de 2022.

Figura 20 - Tatuagem colorida da capa do álbum "Nada Como um Dia Após o Outro Dia" dos Racionais MC's



Fonte: TikTok. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMFPPDm35/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

O vídeo está com 219 curtidas, foi guardado por 5 usuários e teve 2 compartilhamentos extra mídia. Os comentários são todos positivos.

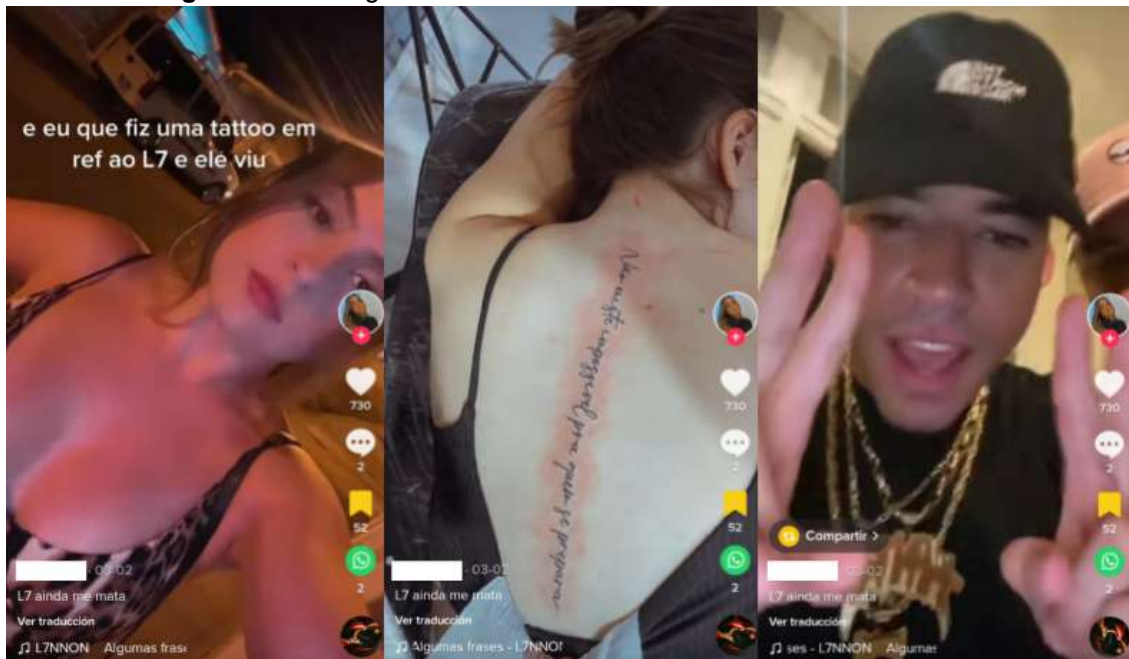
Figura 21 - Comentários do vídeo da tatuagem da capa do álbum "Nada Como um Dia Após o Outro Dia" dos Racionais MC's



Fonte: TikTok. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMFPPDm35/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

Já o nono vídeo é de uma fã do L7NNON, publicado dia 02 de março de 2022, que mostra tanto a tatuagem de um verso da música “Algumas frases”, quanto a reação do rapper no final.

Figura 22 - Tatuagem nas costas de um verso da música do L7NNON

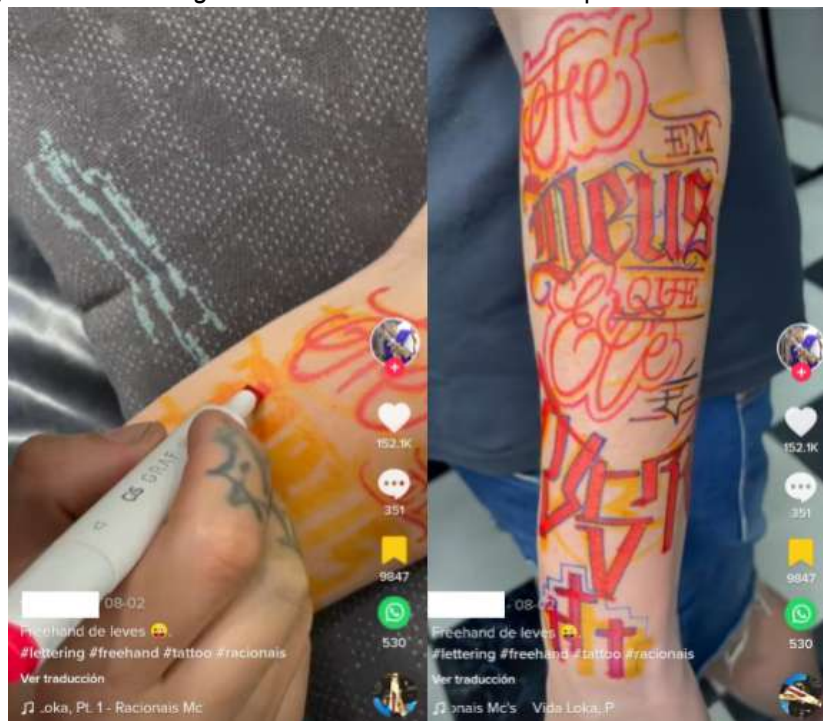


Fonte: TikTok. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMFPYcELQ/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

O vídeo apresenta 730 curtidas, foi guardado 52 vezes e compartilhado para outras mídias duas vezes. Um comentário interage com o conteúdo, em que a pessoa diz que infartava, e o outro é aleatório. Além disso, é possível perceber que a tatuada é fã do rapper, pois tem outras publicações no perfil sobre ele.

O último vídeo dessa análise é de um tatuador mostrando o processo da tatuagem *lettering* em escrita livre, técnica em que o tatuador faz o desenho direto na pele do cliente, sem passar por nenhum outro meio.

Figura 23 - *Lettering freehand* da música Vida Loka pt. 1 dos Racionais MC's



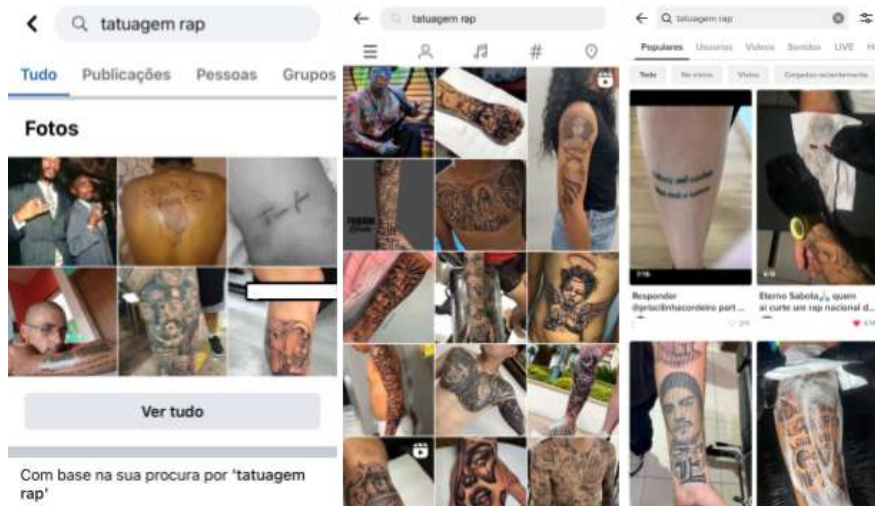
Fonte: TikTok. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMFP2yrvW/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

O vídeo não mostra a tatuagem pronta, que é uma demanda das pessoas na maioria dos 351 comentários, que além dos elogios e perguntas sobre a técnica da realização do *freehand*, querem ver o resultado final em uma segunda parte. Esse é o vídeo com mais visualizações e interações até agora, sendo visto por quase 1,5 milhão de usuários da plataforma, tem até o momento 152,1 mil curtidas, foi guardado por 9.847 pessoas e tem 530 compartilhamentos para outras plataformas.

Por ser um vídeo de tatuador, não é possível entender a relação da pessoa tatuada com os Racionais MC's, pode ser um fã ou não, apenas gostar da frase, sendo um vídeo mais sobre o trabalho do tatuador e suas habilidades técnicas.

Esse foi o último vídeo relacionado ao escopo da pesquisa, porque como a plataforma TikTok tem rolagem infinita, começa a aparecer vídeos relacionados a minha busca, mas voltados ou só para a tatuagem ou para a relação fã/artista de outros segmentos sem ser do rap.

5.1.2. tatuagem rap

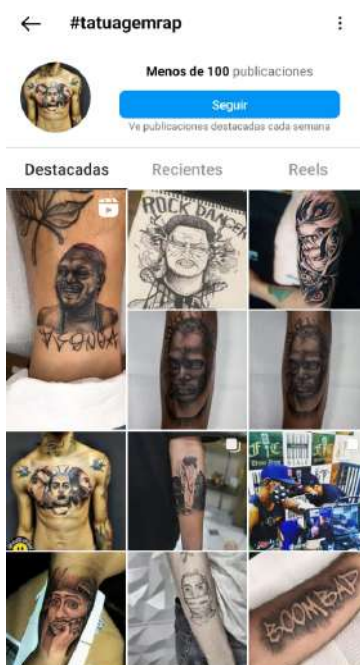
Figura 24 - Buscas pelas palavras-chave *tatuagem rap*

Fonte: Compilação da autora¹³

A figura representa a primeira impressão que se tem ao buscar as palavras-chave *tatuagem rap* em cada uma das redes. No Facebook é visto primeiramente fotos das pessoas com algumas tatuagens. No Instagram, a primeira vista não aparece nenhuma tatuagem conectada ao rap, entretanto quando se busca pelas #s aparecem mais conteúdos ligados à pesquisa, com quase todas tendo relação com o rap nacional.

¹³Montagens coletadas a partir de captura de tela do Facebook, Instagram e TikTok, respectivamente.

Figura 25 - Busca pela *#tatuagemrap* no Instagram



Fonte: Instagram. Disponível em:

<https://www.instagram.com/explore/tags/tatuagemrap?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em: 11 nov. 2022

E no TikTok todos os vídeos que aparecem primeiro estão relacionados com o rap brasileiro, tendo um que se repete do tópico anterior da pessoa com frase dos Racionais MC's, “talvez até confuso mas real e intenso”.

No Facebook apareceram nove publicações com as fotos de tatuagens conectadas com o rap nacional. Entretanto, todas foram feitas por páginas do segmento, nenhuma pela pessoa tatuada, apesar de uma publicação ter conseguido fazer com que os usuários interagissem bastante mostrando suas próprias tatuagens nos comentários.

A primeira publicação foi feita pela página Conexão do Rap, em 17 de maio de 2016, com uma foto da tatuagem Rap Nacional e um microfone nas costas de uma pessoa. É possível perceber que apresenta bastante interação de curtidas e quatro comentários.

Figura 26 - Tatuagem “Rap Nacional” nas costas publicada pela página Conexão do Rap



Fonte: Facebook. Disponível em:

<https://www.facebook.com/235082259953416/photos/a.235087586619550/864899650305004/?type=3>. Acesso em: 11 nov. 2022

Os dois primeiros comentários têm relação com a tatuagem e a pretensão de fazê-la relacionada ao rap nacional, evidenciando interação com o conteúdo apresentado pela página. Já o terceiro é a foto de uma tatuagem de um aparente fã de Racionais MCs, com as frases “Só Deus Pode me Julgar” e “Fé Em Deus Que Ele é Justo” na barriga, como é possível observar melhor na figura a seguir.

Figura 27 - Comentários da publicação da página Conexão do Rap



Fonte: Facebook. Disponível em:

<https://www.facebook.com/235082259953416/photos/a.235087586619550/864899650305004/?type=3>. Acesso em: 11 nov. 2022

A próxima imagem também é de uma página dedicada ao rap, só que mais nichado na região centro-oeste do país, a Rap DF. A publicação do dia 21 de fevereiro de 2018, é a foto de uma tatuagem de um fã em homenagem ao grupo Tribo da Periferia, que comenta agradecendo a página pelo compartilhamento da tatuagem e reforça seu afeto pelo grupo.

Figura 28 - Tatuagem em homenagem ao grupo Tribo da periferia publicada pela Rap DF



Fonte: Facebook. Disponível em:

<https://www.facebook.com/RapDFOficial/photos/a.591435827678327/952634214891818/>. Acesso em: 11 nov. 2022

A publicação teve bastante interação de curtidas e comentários positivos, com pessoas que gostaram tanto da ideia que apresentaram a vontade de fazer a mesma demonstração para o grupo. Além de comentários marcando outras pessoas para que a vejam e elogiando a tatuagem.

Figura 29 - Comentários da publicação da página Rap DF



Fonte: Facebook. Disponível em:

<https://www.facebook.com/RapDFOficial/photos/a.591435827678327/952634214891818/>. Acesso em: 11 nov. 2022

A publicação da Conexão do Rap do dia 01 de julho de 2016, é de uma tatuagem também nas costas do trecho “Onde estiver seja lá como for tenha fé porque até no lixão nasce flor” da música “Vida Loka, Pt. 1”, no meio do que aparenta ser uma rua de uma favela, com uma igreja e casas.

Figura 30 - Tatuagem de trecho da música “Vida Loka, Pt. 1” dos Racionais MC’s nas costas publicada pela Conexão do Rap



Fonte: Facebook. Disponível em:

<https://www.facebook.com/235082259953416/photos/a.235087586619550/891092341019068>. Acesso em: 11 nov. 2022

A página tenta interagir com seu público na legenda da imagem com a pergunta “Qual é a Música?”, ação que parece ter tido efeito já que muitas pessoas comentaram o nome da canção, além de ter dois comentários de pessoas que exibem suas próprias tatuagens e usuários que elogiam a atitude de tatuar.

Figura 31 - Comentários sobre a tatuagem de trecho de “Vida Loka, Pt. 1” publicada pela Conexão do Rap



Fonte: Facebook. Disponível em:

<https://www.facebook.com/235082259953416/photos/a.235087586619550/891092341019068>.

Acesso em: 11 nov. 2022

Na seguinte figura, a página Conexão do Rap fez um *post*, no dia 01 de março de 2016, da tatuagem no braço de uma pessoa dedicada ao grupo Facção Central com uma frase do Sérgio Vaz embaixo, “Ninguém tem o direito de aprisionar pensamento por mais vago que ele seja”, que está na letra da música “A Ideia é Forte” do Detentos do Rap.

Figura 32 - Tatuagem “Facção Central” no braço publicada pela Conexão do Rap



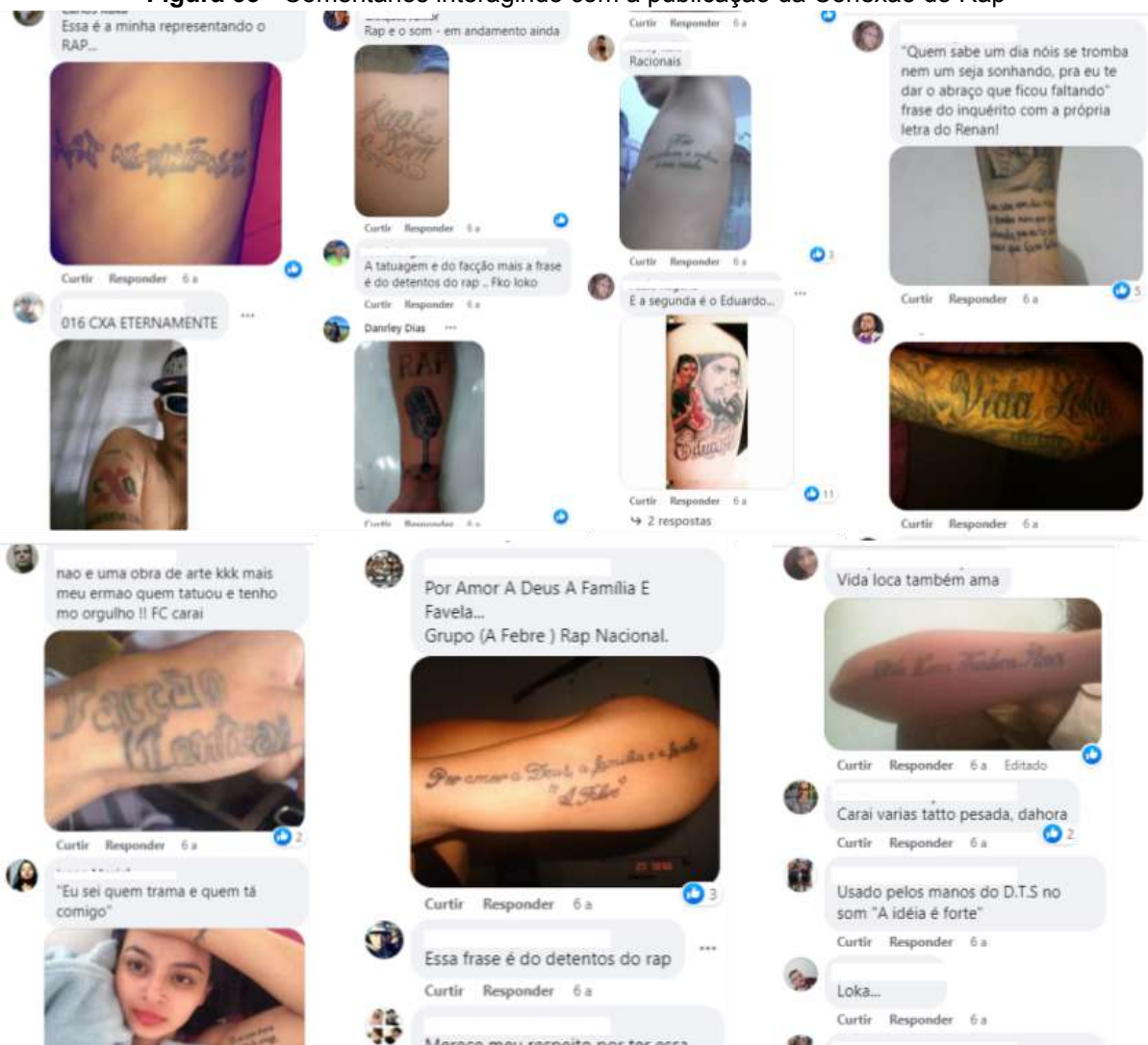
Fonte: Facebook. Disponível em:

<https://www.facebook.com/235082259953416/photos/a.235087586619550/815568781904758>.

Acesso em: 11 nov. 2022

A página em sua legenda interage com o público ao perguntar “Você aí tem alguma tatuagem sobre o Rap Nacional?”, ação que tem muitas respostas nos comentários, tanto falando sobre as tatuagens, quanto mostrando-as. Sendo tatuagens sobre o rap nacional ou ligadas a alguns grupos, em várias partes do corpo. É possível perceber que muitas pessoas não ligam para essa exposição de seus corpos nos comentários e outras comentaram elogiando as tatuagens e a importância desse estilo de música para a vida das pessoas, como é possível perceber na figura 33.

Figura 33 - Comentários interagindo com a publicação da Conexão do Rap



Fonte: Facebook. Disponível em:

<https://www.facebook.com/235082259953416/photos/a.235087586619550/815568781904758>.

Acesso em: 11 nov. 2022

Na próxima imagem é possível ver uma tatuagem que ocupa as costas por inteira de uma pessoa com o rosto do cantor Sabotage, em cima do desenho de uma criança com uma arma na mão fazendo o sinal de positivo com o polegar e no plano de fundo uma favela. Além da tatuagem central, é perceptível uma tatuagem no braço do rosto do rapper estadunidense Tupac, evidenciando que a pessoa gosta realmente de rap, embora não seja uma publicação da própria, mas sim de uma página dedicada ao estilo de música (feita em 02 de fevereiro de 2016). Apresenta apenas três comentários elogiando a tatuagem e o rapper Sabotage, um dos ícones do rap nacional.

Figura 34 - Tatuagem com o rosto do Sabotagem nas costas publicada pela página Comunicação Rap Nacional



Fonte: Facebook. Disponível em:

<https://www.facebook.com/comunicacaorapnacional/photos/a.581030088680081/877848298998257/?type=3>. Acesso em: 11 nov. 2022

A página RAP Nacional, fez a mesma publicação no dia 15 de maio de 2016, e deu ênfase para o garoto com a arma na mão, com a diferenciação que na legenda marca o tatuador que a realizou. Entretanto, não foi possível encontrar sua conta nem no Facebook, nem no Instagram.

Figura 35 - Tatuagem com o rosto do Sabotagem nas costas publicada pela página RAP Nacional



Fonte: Facebook. Disponível em:

<https://www.facebook.com/rapnacionaltv/photos/a.897796196911325/1183807988310143/?type=3>. Acesso em: 11 nov. 2022

A figura 36 também é uma tatuagem relacionada ao rapper Sabotage, com o nome da música “Respeito é Pra Quem Tem” embaixo do que representa o corpo do cantor de costas com os braços abertos. Foi publicada em 9 de julho de 2018 pela página Sessão de Rap. É possível perceber um número alto de compartilhamentos e os comentários são positivos, pessoas que gostaram da tatuagem e apresentam o desejo de fazê-la.

Figura 36 - Tatuagem Sabotage “Respeito é Pra Quem Tem”

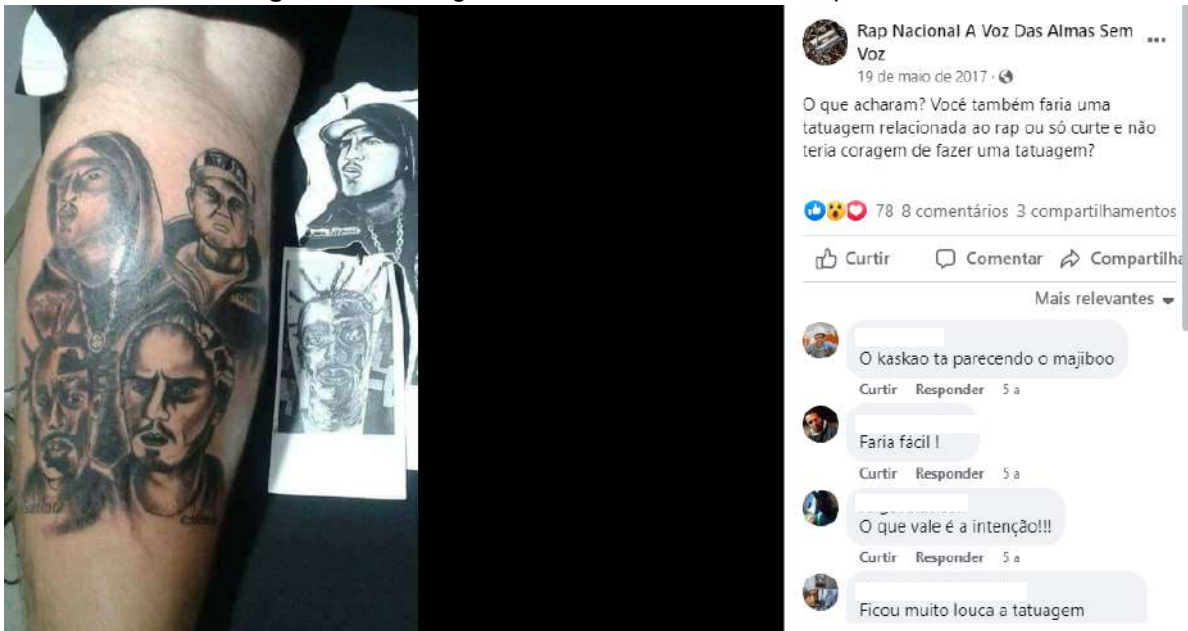


Fonte: Facebook. Disponível em:

<https://www.facebook.com/SessaoDeRap/photos/a.196253231011034/217809628855394/>. Acesso em: 11 nov. 2022

A próxima publicação foi feita no dia 19 de maio de 2017, pela página Rap Nacional A Voz Das Almas Sem Voz. É uma tatuagem na panturrilha com os rostos de quatro rappers muito importantes para o rap nacional: Mano Brown (do Racionais MCs), Sabotage, Kaskão (Trilha Sonora do Gueto) e Eduardo (Facção Central). A legenda conversa com o público, perguntam se teriam coragem de fazer uma tatuagem relacionada ao rap nacional, que gera interações positivas ligadas a pergunta e algumas criticando o desenho, como é possível observar na figura 38.

Figura 37 - Tatuagem com rostos de ícones do rap nacional



Fonte: Facebook. Disponível em:

<https://www.facebook.com/RapNacionalAvozDasAlmasSemVoz/photos/a.280608052076050/1024815147655333/?type=3>. Acesso em: 11 nov. 2022

Muitas pessoas apoiam a ideia da tatuagem, mas acreditam que a tatuagem não está bem feita, até tem um comentário sobre os nomes escritos nos rostos para ser possível de identificar.

Figura 38 - Comentários na publicação da Rap Nacional A Voz Das Almas Sem Voz



Fonte: Facebook. Disponível em:

<https://www.facebook.com/RapNacionalAvozDasAlmasSemVoz/photos/a.280608052076050/1024815147655333/?type=3>. Acesso em: 11 nov. 2022

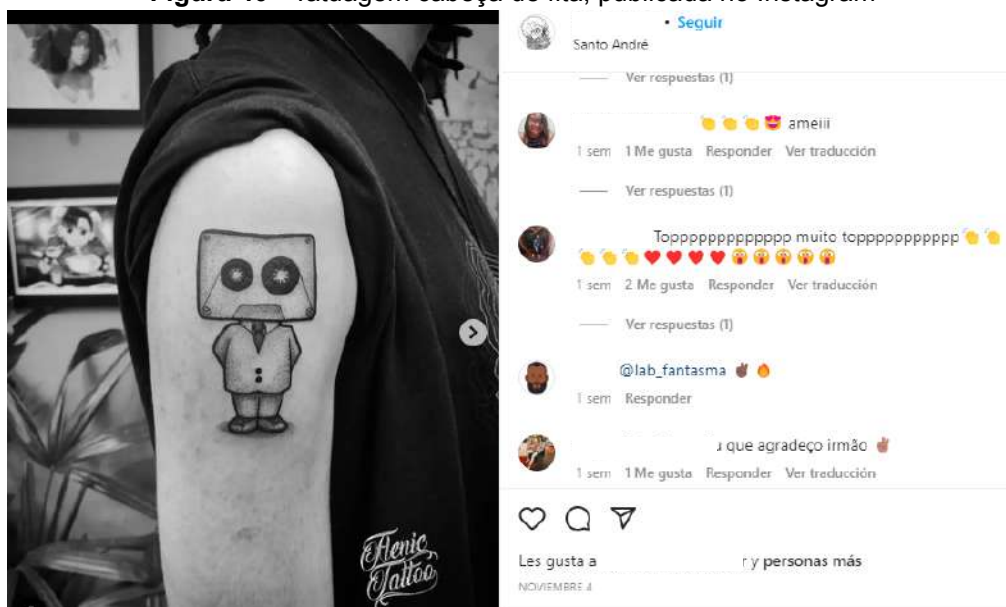
A seguinte imagem é uma tatuagem postada pelo próprio tatuador, o flenictattoo, no dia 4 de novembro de 2022. É uma cabeça de fita, que representa a capa do álbum “Pra quem já mordeu um cachorro por comida, até que eu cheguei longe...” do rapper Emicida. No Facebook apresenta apenas duas curtidas, entretanto a mesma publicação está no Instagram (Figura 40), com mais reações e a resposta da pessoa tatuada, que aparenta ser um grande fã de rap, já que em sua conta aberta posta desenhos digitais autorais de artistas do rap nacional.

Figura 39 - Tatuagem cabeça de fita, publicada no Facebook



Fonte: Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/flenictattoo/posts/pfbid02ULfitNUTvdGcUpXZ9skq4PosS8KmD2dq552RCVnumgMhA42joEPi9ehBRGdCUv5wl>. Acesso em: 11 nov. 2022.

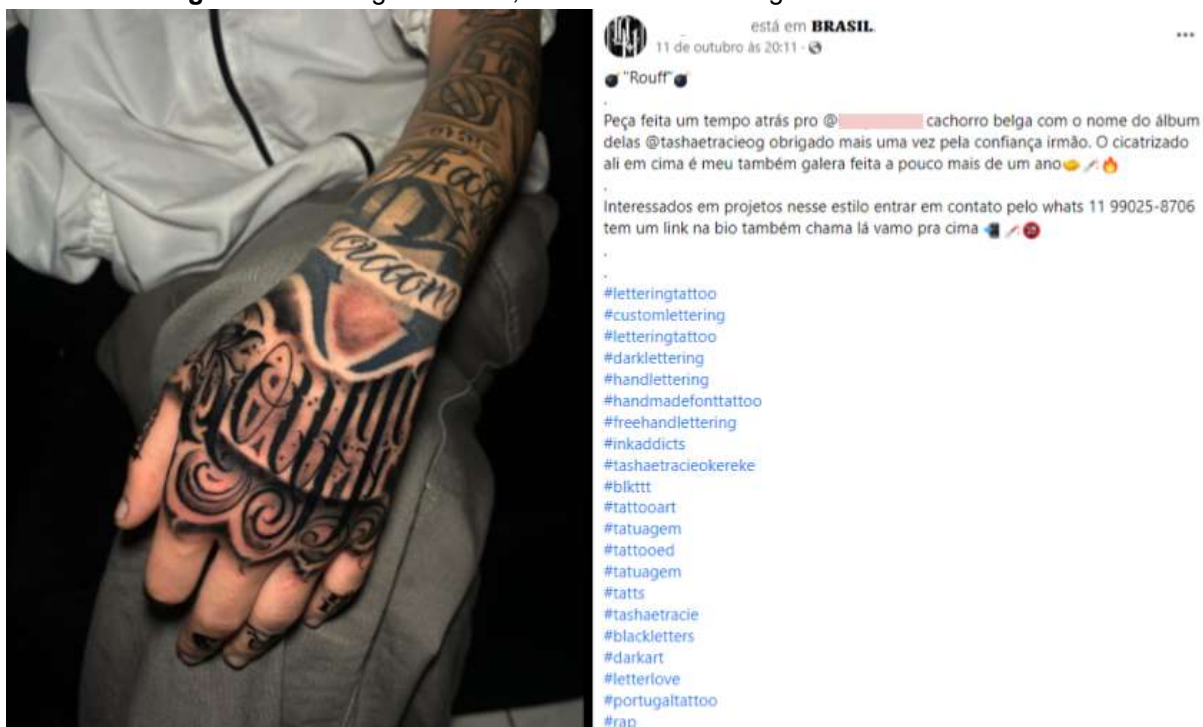
Figura 40 - Tatuagem cabeça de fita, publicada no Instagram



Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CkJH3RKJCJ9/>. Acesso em: 11 nov. 2022.

A última imagem do Facebook encontrada nessa busca é uma tatuagem com o nome do álbum “Rouff” das gêmeas Tasha e Tracie, postada pelo próprio tatuador. A publicação foi feita no dia 11 de outubro de 2022, e apresenta apenas cinco reações, entre curtida e coração. Quando procurado o *user* do tatuador no Instagram não foi possível encontrá-lo para entender melhor a conexão entre fã e artista, mas é possível indicar que seja um fã das rappers, já que o tatuador expõe na legenda essa relação.

Figura 41 - Tatuagem “Rouff”, nome do álbum das gêmeas Tasha e Tracie



Fonte: Facebook. Disponível em:

<https://www.facebook.com/diogodhtat2/posts/pfbid0ZqzwgCDdupUr9YSMzXNHbmT3uMeBngJkJokAJTe3usTkwhc8hPLQ88jUp1XBfteTI>. Acesso em: 11 nov. 2022.

Já na rede social Instagram, foram encontradas doze tatuagens relacionadas ao escopo da pesquisa, em que algumas é possível perceber a relação de fã mesmo sendo postados pelos tatuadores, em sua maioria, por se tratarem de desenhos de rostos dos cantores.

A primeira tatuagem é do rosto do cantor Djonga na canela, publicada pelo próprio tatuador no dia 10 de abril de 2022. Pode-se perceber a quantidade de *hashtags* que o tatuador coloca na legenda para fazer com que seu trabalho seja visto por mais pessoas dentro da rede.

Figura 42 - Reels da tatuagem do rosto do rapper Djonga



Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CcMFtDBgZxS/>. Acesso em: 11 nov. 2022.

Todos os comentários elogiam o trabalho do tatuador, que em contrapartida agradece a todos. Além disso, o artista limita a quantidade de comentários na postagem.

Figura 43 - Comentários do reels da tatuagem do rosto do rapper Djonga



Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CcMFtDBgZxS/>. Acesso em: 11 nov. 2022.

A segunda imagem foi publicada no dia 20 de junho pelo tatuador *sted_tattooart*, que representa o rosto do rapper Sabotage. Na legenda marca o *user* da pessoa tatuada (que não expõe a tatuagem no seu *feed*), a sua própria conta do Instagram e, aparentemente, a do estúdio em que trabalha. Os comentários são elogiando a tatuagem.

Figura 44 - Tatuagem do rosto de Sabotagem publicada pelo tatuador



Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CfCSq8rXV5/>. Acesso em: 11 nov. 2022.

A próxima tatuagem foi publicada no dia 7 de junho de 2022 pelo próprio tatuador, representando a capa do álbum “Nada Como um Dia Após o Outro Dia” dos Racionais MC’s em preto e branco no antebraço da pessoa. A legenda chama atenção “Tem arte que te conta uma história, que te *levar* a momento, lugares que te fazem ouvir música sem nada tá tocando”, que representa muito o que foi exposto sobre a tatuagem até o momento, além de deixar as *hashtags* e os gatilhos de interação, que infelizmente não deram certo, apenas obteve comentário de um *bot*¹⁴.

¹⁴ *Bot* é a abreviatura para robô. É um programa desenvolvido para automatizar algumas tarefas repetitivas dentro das redes sociais.

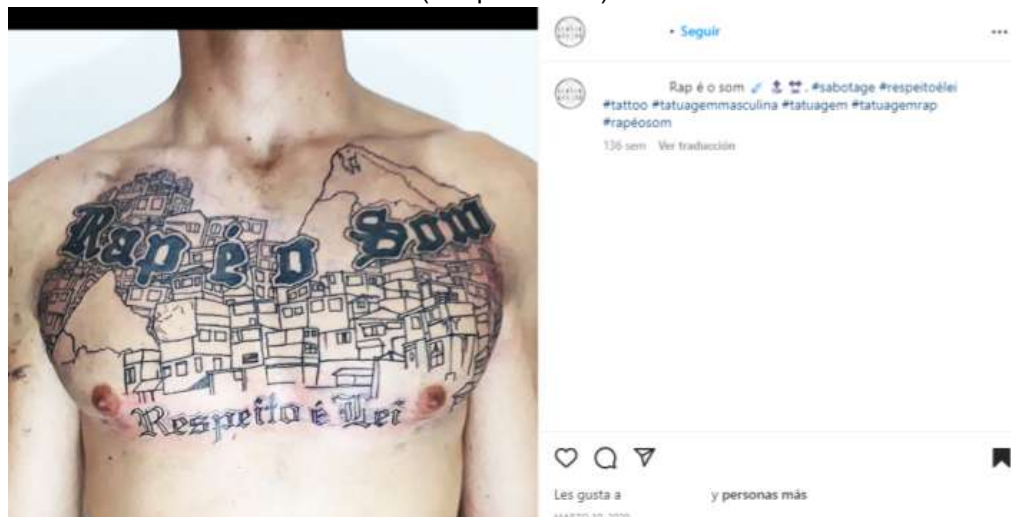
Figura 45 - Tatuagem da capa do álbum dos Racionais MC's no Instagram



Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cehz7EWN0b0/>. Acesso em: 11 nov. 2022.

A próxima imagem foi postada no dia 30 de março de 2020 pelo studio.k13, e remete a uma tatuagem que junta a música Rap é o Som do grupo RZO com a música Respeito é Lei do Sabotage, tendo de plano de fundo a favela. A legenda remete a tatuagem, e tem a presença de *emojis* e *hashtags*, não tendo muitas interações, sendo difícil entender a relação do fã com esses artistas e com o gênero musical.

Figura 46 - Tatuagem no peito da junção das músicas do grupo RZO (Rap é o Som) e do Sabotage (Respeito é Lei)



Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-XXvejpmGq/>. Acesso em: 11 nov. 2022.

A seguinte postagem também é de um tatuador, que fez a representação do rosto do Sabotagem em preto e branco no braço do cliente. Na legenda só tem a interação para orçamento e agendamento e as *hashtags*.

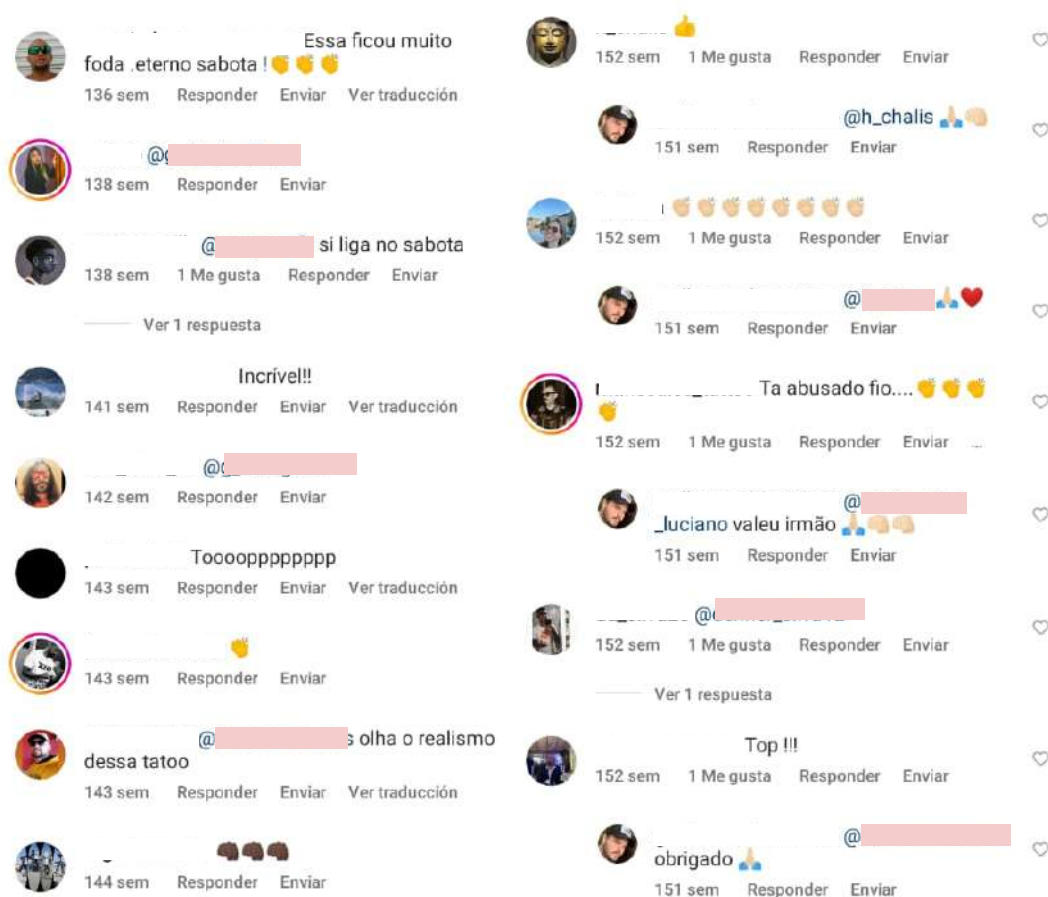
Figura 47 - Tatuagem no braço do rosto do Sabotage em preto e branco



Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B55bwO5hu-R/>. Acesso em: 11 nov. 2022.

Mesmo sem garantir uma interação com o público, a postagem recebeu muitos comentários positivos e marcações de colegas para verem o trabalho do artista. Não é possível saber quem é a pessoa tatuada.

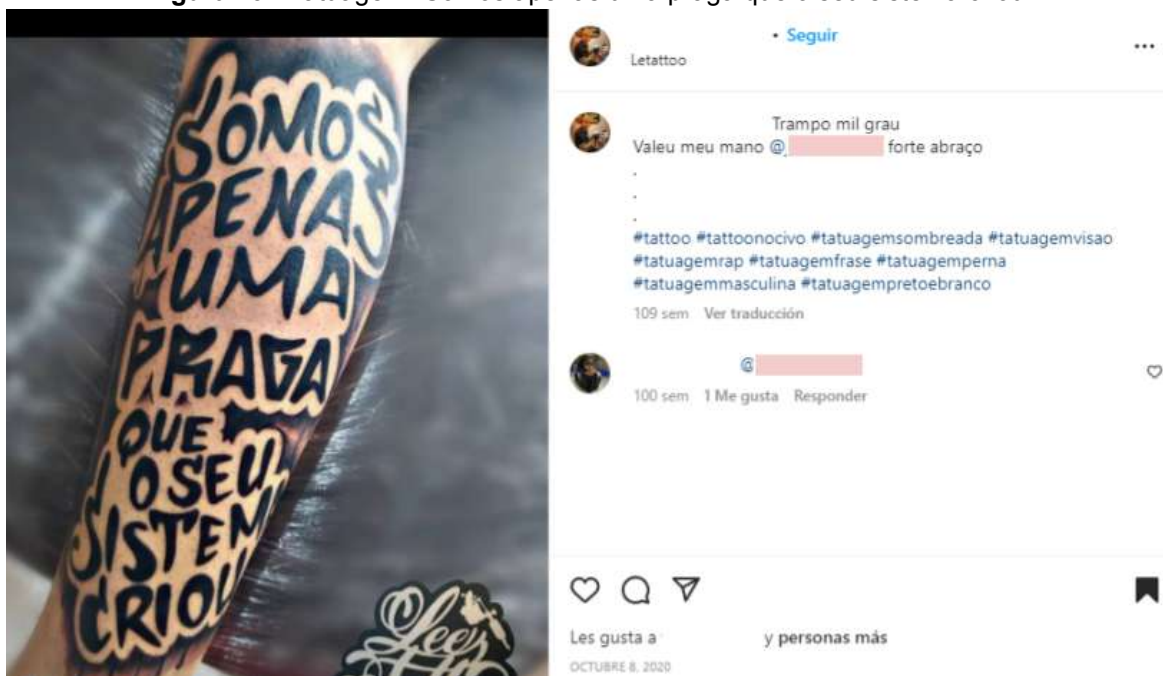
Figura 48 - Comentários sobre a tatuagem no braço do Sabotage em preto e branco



Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B55bwO5hu-R/>. Acesso em: 11 nov. 2022.

A tatuagem a seguir é a frase “Somos apenas uma praga que o seu sistema criou”, da música “Pixadores” do grupo Nocivo Shomon. Na legenda o tatuador evidencia sua felicidade com o resultado, “Trampo mil grau”, agradece pela confiança do cliente e coloca as *hashtags*. Não tem nenhum gatilho de interação para o público.

Figura 49 - Tatuagem “Somos apenas uma praga que o seu sistema criou”



Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CGFsm04giZQ/>. Acesso em: 11 nov. 2022.

As figuras 50, 51 e 52 foram postadas pelos tatuadores, respectivamente nas datas 15 de outubro de 2019, 31 de março de 2021 e 6 de novembro de 2020, ou seja, cada uma foi feita em um ano. A frase “Sempre fui sonhador é isso que me mantém vivo” é da música “A Vida é Desafio” dos Racionais MCs, e as tatuagens possuem a mesma tipografia e mesmos desenhos, o sol, o crucifixo e o saco de dinheiro.

Figura 50 - Tatuagem “Sempre fui sonhador é isso que me *mantem* vivo” 1



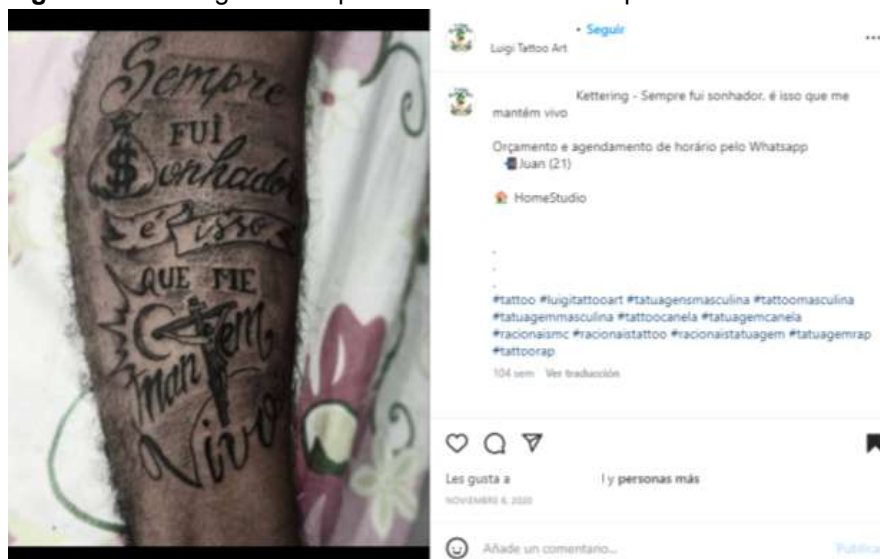
Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B3o3YWJp-Xe/>. Acesso em: 11 nov. 2022.

Figura 51 - Tatuagem “Sempre fui sonhador é isso que me *mantem vivo*” 2



Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CNEX8KwpqdP/>. Acesso em: 11 nov. 2022.

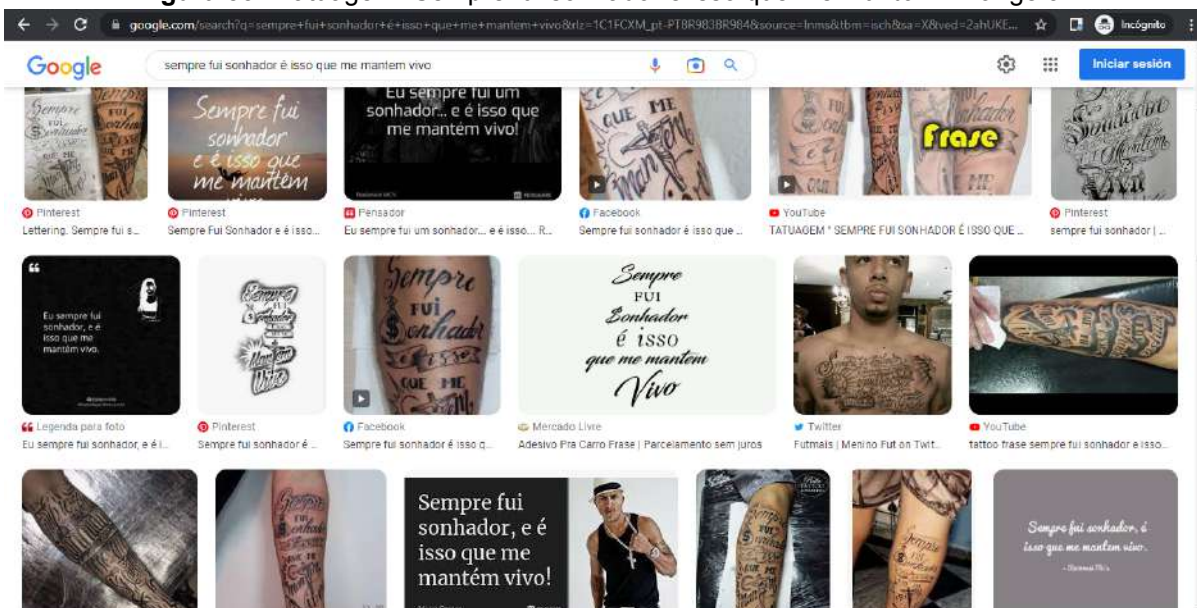
Figura 52 - Tatuagem “Sempre fui sonhador é isso que me *mantem vivo*” 3



Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CHQy5m4LViF/>. Acesso em: 11 nov. 2022.

Por conta dessas três postagens, foi feita uma busca na janela anônima do Google com apenas a frase escrita na tatuagem no tópico de imagens, e apareceram as mesmas tatuagens, iguais às três que foram encontradas utilizando o filtro *tatuagem rap*, que pode ser visto na figura 53. Isso demonstra que muitos tatuadores trabalham com cópias e não se importam muito com os trabalhos próprios, já que fazem muitos clientes procurarem os tatuadores já com ideias prontas para serem colocadas em sua pele, mostrando também uma forma de ornamentar seus corpos com imagens já vistas anteriormente.

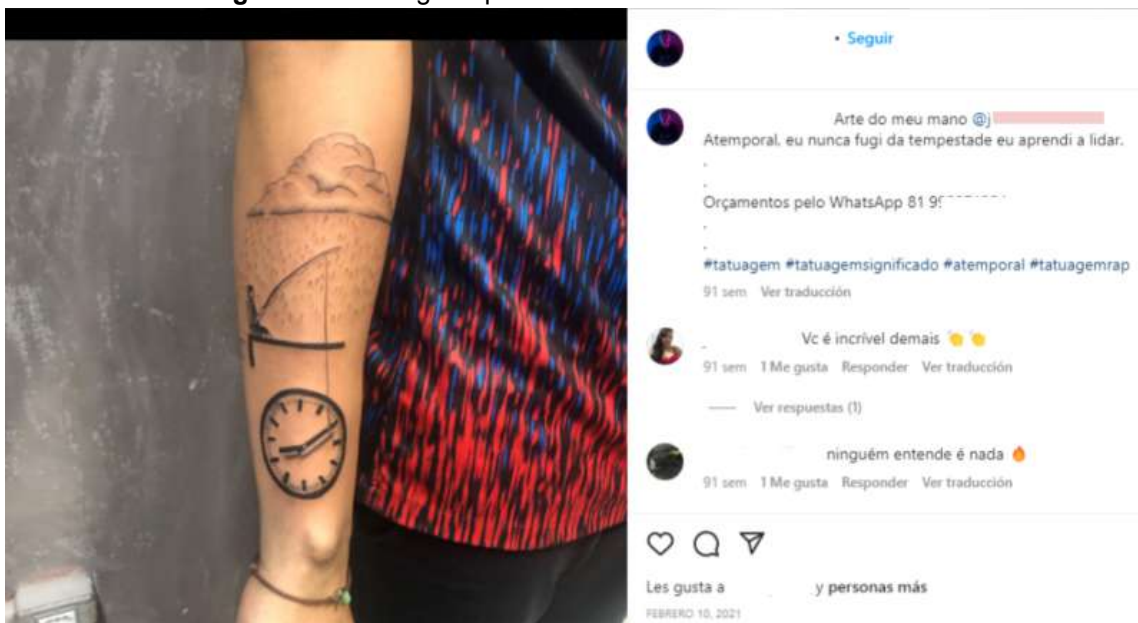
Figura 53 - Tatuagem “Sempre fui sonhador é isso que me *mantem vivo*” geral



Fonte: Google. Busca: “sempre fui sonhador é isso que me *mantem vivo*”. Acesso em: 11 nov. 2022.

A seguinte tatuagem, publicada no dia 10 de fevereiro de 2021, é uma representação mais artística da música “Rei” do Black MC, em que o rapper fala “Atemporal, pois há temporal. Eu nunca fugi da tempestade, eu aprendi a lidar”. O tatuador utiliza símbolos de tempo e permanência, no caso a chuva, o relógio e o pescador, trabalhando de forma lúdica a canção.

Figura 54 - Tatuagem que remete a música “Rei” do Black MC



Fonte: Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CLHyE_aB3ko/. Acesso em: 11 nov. 2022.

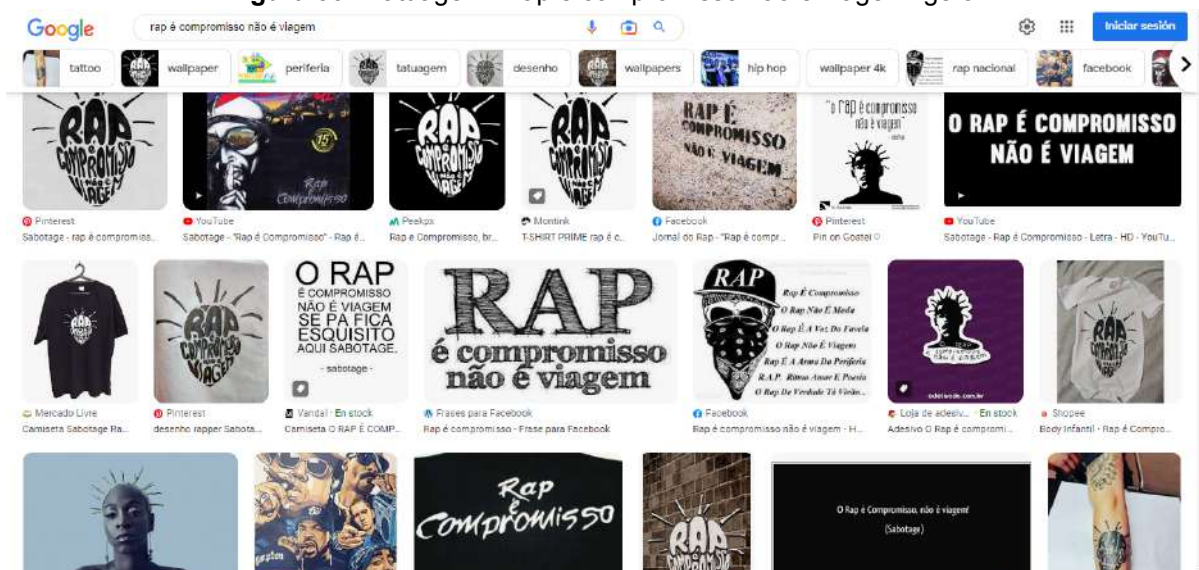
Na penúltima tatuagem (figura 55) publicada em 22 de dezembro de 2021, o tatuador mostra a frase do Sabotage “Rap é compromisso não é viagem” gravada na pele, em um formato que remete ao rosto e cabelo do rapper. A tatuagem também é genérica, se buscada a frase na janela anônima do Google é possível ver vários desenhos iguais, até mesmo a tatuagem (figura 56).

Figura 55 - Tatuagem “Rap é compromisso não é viagem”



Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CXzvKxPMcYu/>. Acesso em: 11 nov. 2022.

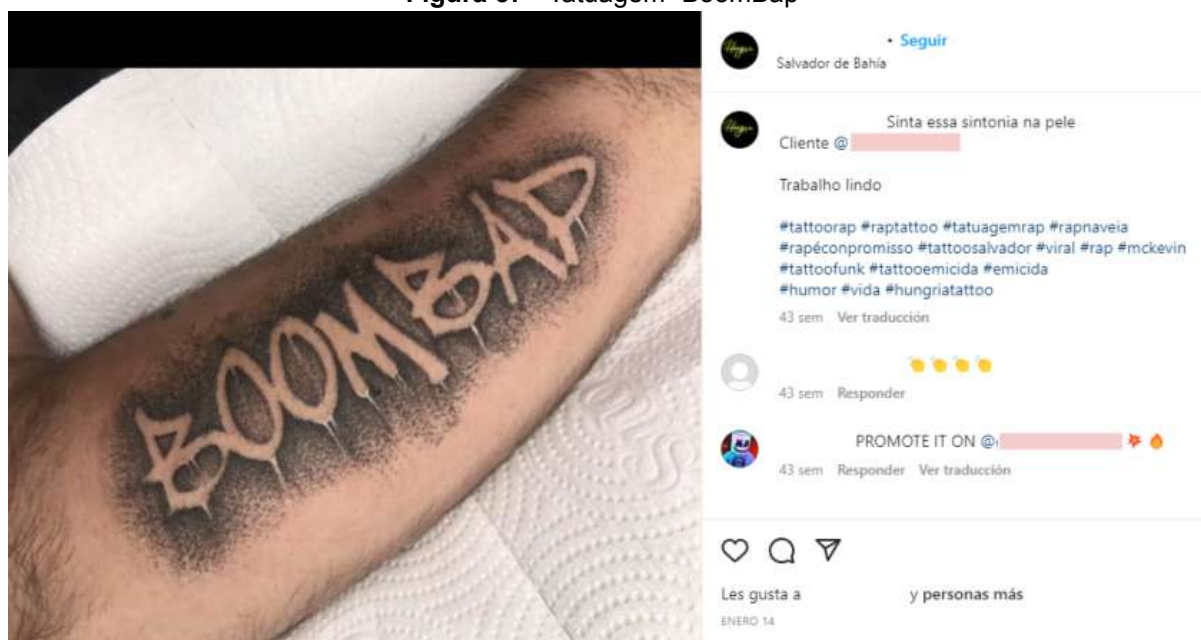
Figura 56 - Tatuagem “Rap é compromisso não é viagem” geral



Fonte: Google. Busca: “rap é compromisso não é viagem”. Acesso em: 11 nov. 2022.

A última postagem encontrada dentro desse segmento no Instagram foi feita no dia 14 de fevereiro de 2022. Ela remete a batida BoomBap dentro do rap, que é uma onomatopeia do som que produz, em que o *boom* é o bumbo e o *bap* é a caixa. O tatuador escreveu na legenda “Sinta essa sintonia na pele”, que seria a vibração do som, além de marcar a pessoa tatuada e as *hashtags*.

Figura 57 - Tatuagem “BoomBap”



Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CYshFWmL6hi/>. Acesso em: 11 nov. 2022.

Ao entrar no perfil do tatuado, pode-se notar que é um fã e faz parte da cultura hip hop, logo na biografia da sua conta ele mostra uma música de autoria própria no estilo rap. Além disso, tem uma publicação de *reels* do dia 18 de outubro de 2022 (figura 58), sobre a tatuagem da representação do rosto do rapper Mano Brown, em que conta que todas suas tatuagens fazem referência ao hip hop. Na legenda, ainda, expõe sua relação íntima entre suas vivências e o rap, “Assim como uma grande parte dos brasileiros eu cresci sem uma figura paterna, só eu e minha mãe [...] 'NA FALTA DE UM PAI, EU TIVE O RAP!’”, evidenciando a importância do estilo para sua vida e seu desenvolvimento dentro da sociedade. Também escreve sobre a relevância do rapper Mano Brown, como uma das figuras mais importantes da cena nacional, tanto que o tatuou em sua própria pele. Até agora, essa é uma das postagens que mais revelam a relação entre o rap e a pessoa que o vivencia, que tem orgulho de mostrar seu corpo para o mundo com as suas marcas.

Figura 58 - Tatuagem rosto do Mano Brown

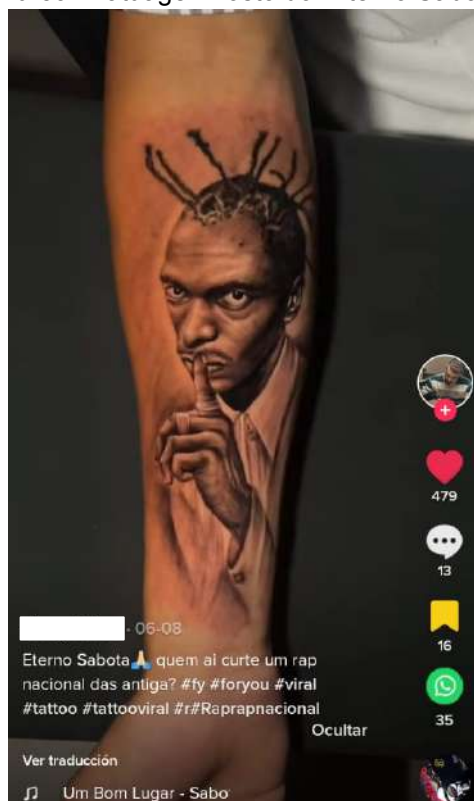


Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CjrKyD1p5HU/>. Acesso em: 11 nov. 2022.

Por fim, no TikTok foram encontrados seis vídeos dentro desse filtro, sendo três deles relacionados à tatuagens do rapper Sabotage.

O primeiro vídeo, postado no dia 6 de agosto de 2022, é mostrando a tatuagem do rosto desse mesmo cantor, com a legenda de "Eterno Sabotage". Com várias *hashtags* para impulsionar o vídeo, que teve um alcance bom, com 479 curtidas, sendo guardado 16 vezes e compartilhado extra plataforma 35 vezes, além de 13 comentários, que podem ser vistos na figura 60.

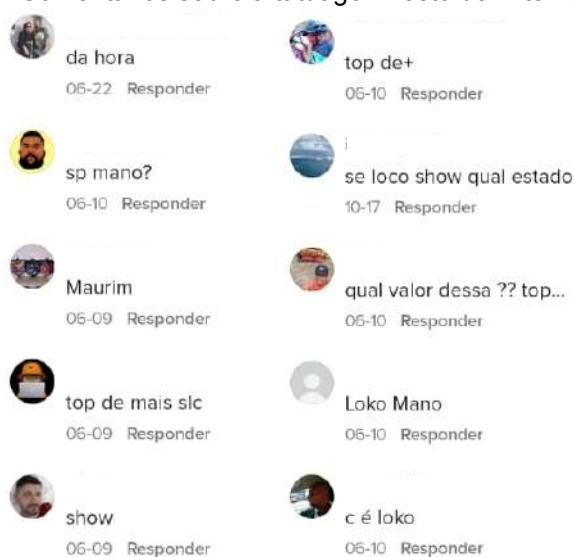
Figura 59 - Tatuagem rosto do “Eterno Sabotage”



Fonte: TikTok. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMFPU8wa/>. Acesso em: 11 nov. 2022.

Todos os comentários são positivos e interagem com a legenda. As pessoas se interessam tanto pelo trabalho do tatuador, que perguntam sobre onde ele tatua e o valor da tatuagem.

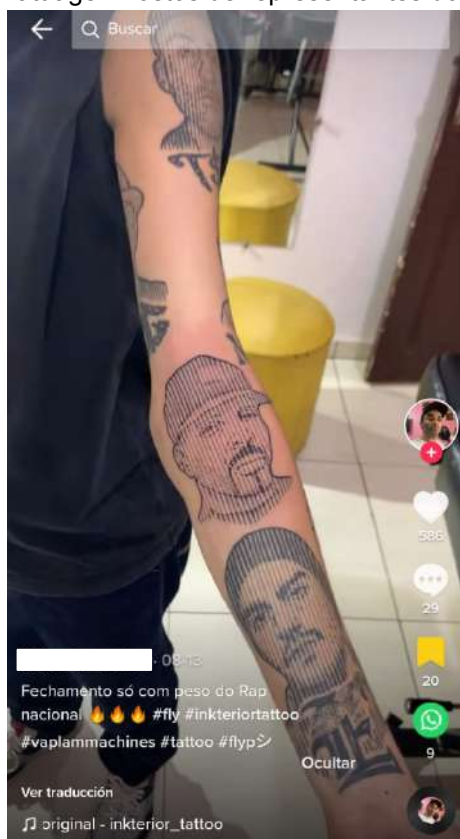
Figura 60 - Comentários sobre a tatuagem rosto do “Eterno Sabotage”



Fonte: TikTok. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMFPU8wa/>. Acesso em: 11 nov. 2022.

O próximo vídeo é um fechamento de braço com rostos de vários rappers nacionais em um estilo de linhas, diferente dos vistos até aqui de realismo, publicadas pelo próprio tatuador no dia 13 de agosto de 2022. Com *hashtags* para impulsionar, o vídeo teve um alcance bom, com 586 curtidas, sendo guardado 20 vezes e compartilhado extra plataforma 9 vezes, além de 29 comentários, que podem ser vistos na figura 62.

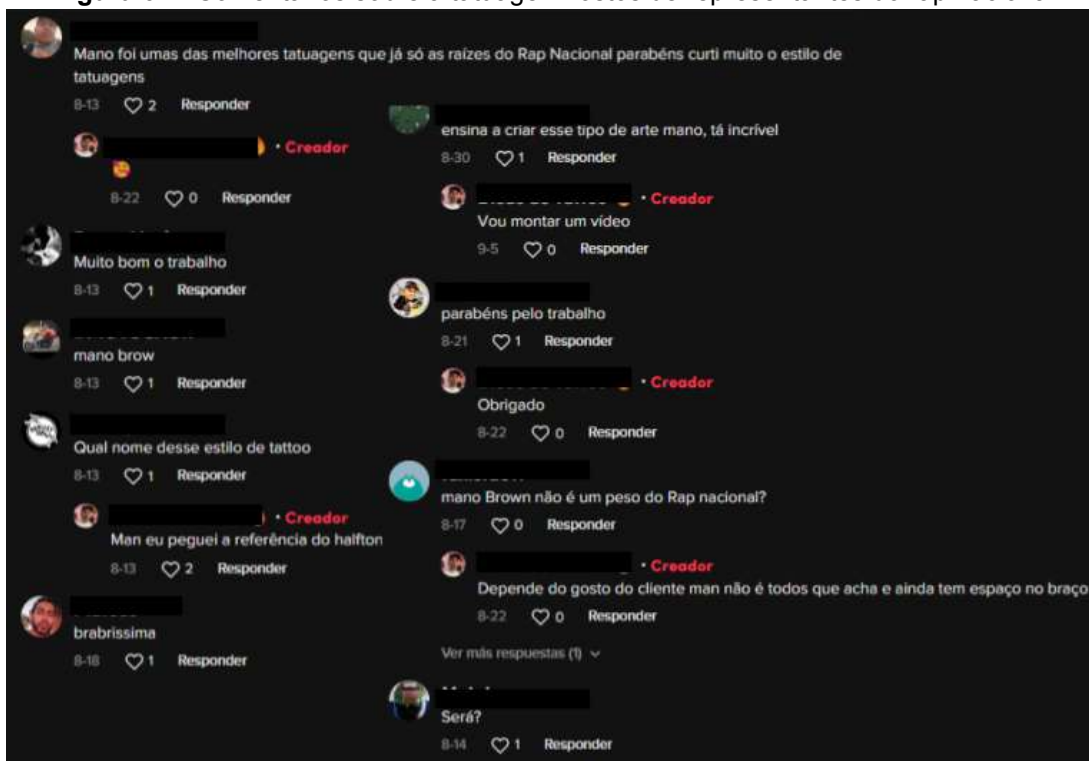
Figura 61 - Tatuagem rostos de representantes do rap nacional



Fonte: TikTok. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMFPUhYjN/>. Acesso em: 11 nov. 2022.

Os comentários se dividem entre elogiar a tatuagem, sua técnica e os artistas que estão tatuados e questionar se esses são realmente ícones do rap nacional, já que alguns se questionam sobre a falta do rosto do Mano Brown.

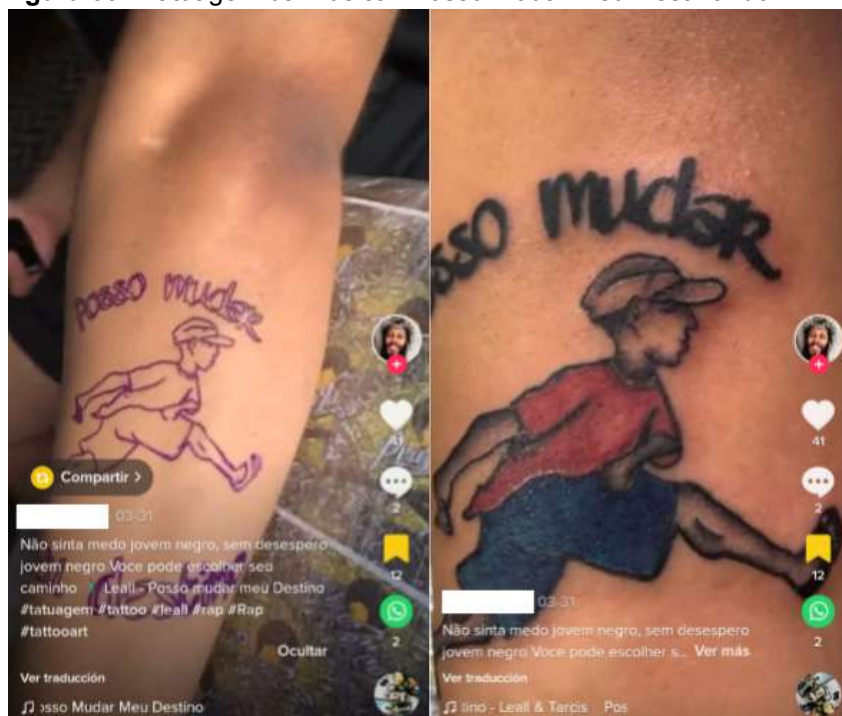
Figura 62 - Comentários sobre a tatuagem rostos de representantes do rap nacional



Fonte: TikTok. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMFPUhYjN/>. Acesso em: 11 nov. 2022.

A próxima tatuagem foi publicada pelo próprio tatuador no dia 31 de março de 2022. Representa a música “Posso Mudar Meu Destino” do rapper LEALL, em que o tatuador coloca de legenda um verso da letra, “Não sinta medo jovem negro. Sem desespero jovem negro. Você pode escolher seu caminho”, evidenciando proximidade com a arte tatuada. O vídeo não engajou muito mesmo com as *hashtags*, teve apenas 41 curtidas, foi guardado 12 vezes, extra compartilhado 2 vezes e 2 comentários elogiando a tatuagem.

Figura 63 - Tatuagem da música “Posso Mudar Meu Destino” do LEALL



Fonte: TikTok. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMFPuSQ7g/>. Acesso em: 11 nov. 2022.

A seguinte tatuagem também é do rosto do Sabotage em preto e branco, publicada pelo próprio tatuador no dia 21 de janeiro de 2022. A legenda só tem *hashtags* e não engajou muito, teve apenas 45 curtidas, foi guardado 2 vezes, não teve nenhum extra compartilhamento e nenhum comentário.

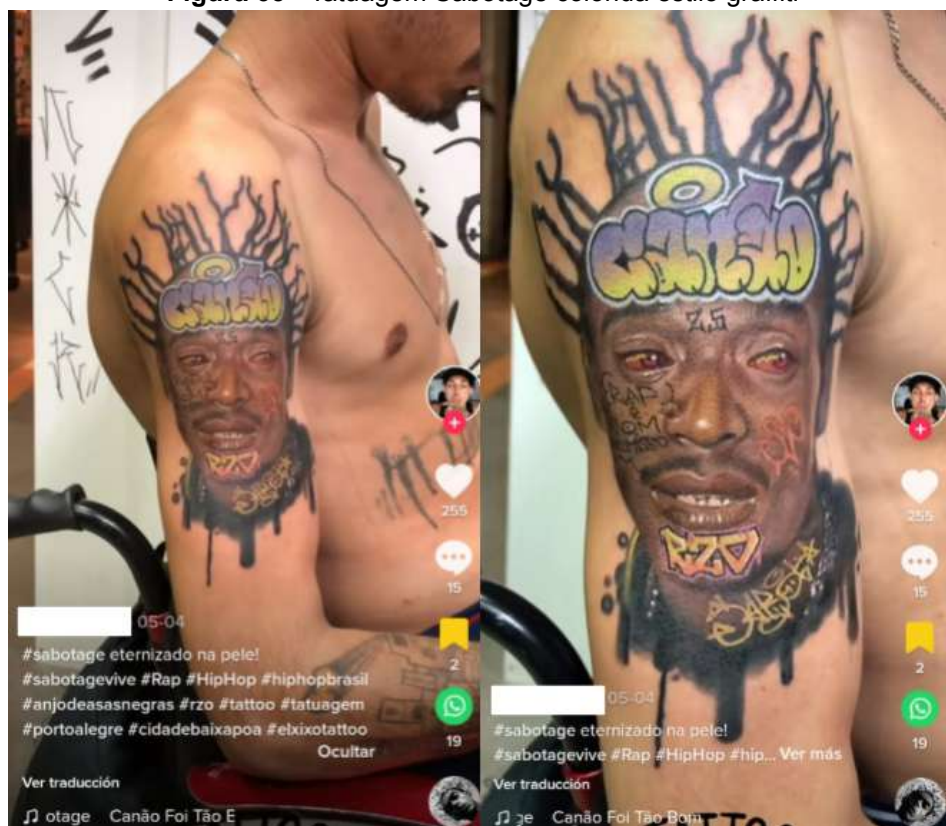
Figura 64 - Tatuagem Sabotage



Fonte: TikTok. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMFPuhxMc/>. Acesso em: 11 nov. 2022.

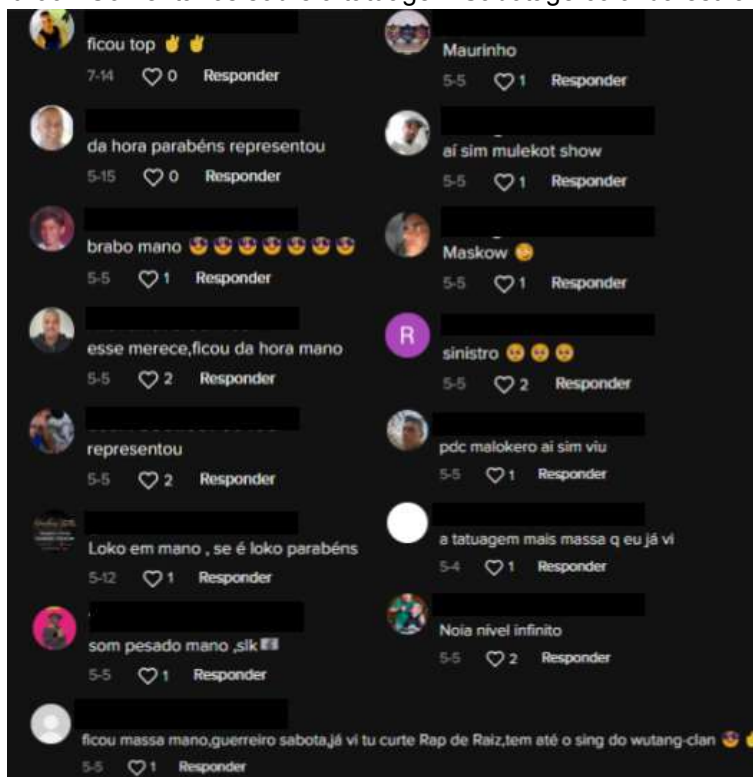
A penúltima tatuagem foi publicada pelo próprio tatuador no dia 05 de abril de 2022. Aparentemente é uma homenagem a cultura hip hop, pois é bem colorida com o rosto do rapper Sabotage e várias palavras em estilo de graffiti que remetem ao artista, como “Canção”, “ZS” e “Rap é compromisso”. Na legenda apresenta muitas *hashtags* e o engajamento é razoável para a qualidade do trabalho, com 255 curtidas, foi guardado 2 vezes, compartilhado fora da plataforma 19 vezes e teve 15 comentários (figura 66). Todos os comentários elogiam o estilo da tatuagem e o que ela representa.

Figura 65 - Tatuagem Sabotage colorida estilo graffiti



Fonte: TikTok. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMFPUvQq1/>. Acesso em: 11 nov. 2022.

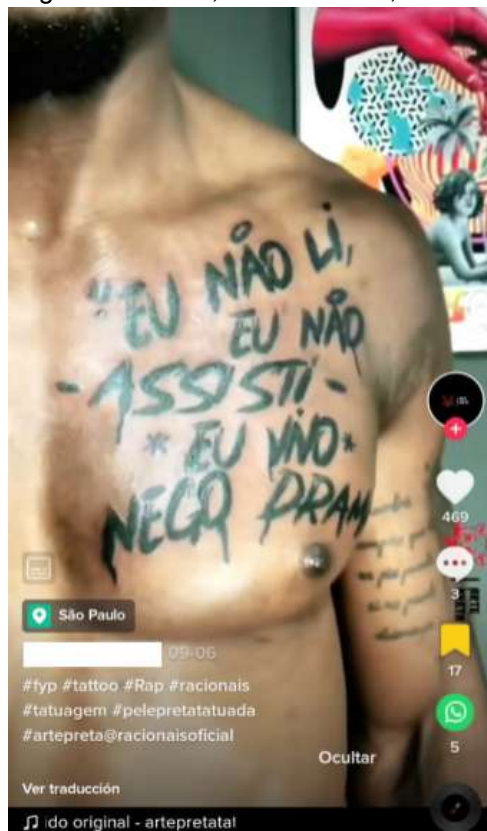
Figura 66 - Comentários sobre a tatuagem Sabotage colorida estilo graffiti



Fonte: TikTok. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMFPUvQq1/>. Acesso em: 11 nov. 2022.

A última tatuagem foi publicada no dia 06 de setembro de 2022 pelo próprio tatuador. No áudio do vídeo, o tatuador narra que a tatuagem foi feita no atleta da seleção brasileira de boxe, Cosme Nascimento, e fez muito sucesso quando foi postado no Instagram (não foi encontrada), pois os perfis do Racionais MCs e do rapper Ice Blue compartilharam o trabalho. Na publicação do Tiktok, a legenda é composta apenas por *hashtags*, possuindo 469 curtidas, 3 comentários elogiando a tatuagem, sendo guardado 17 vezes e 3 vezes extra compartilhado.

Figura 67 - Tatuagem “Eu não li, eu não assisti, eu vivo o nego drama”

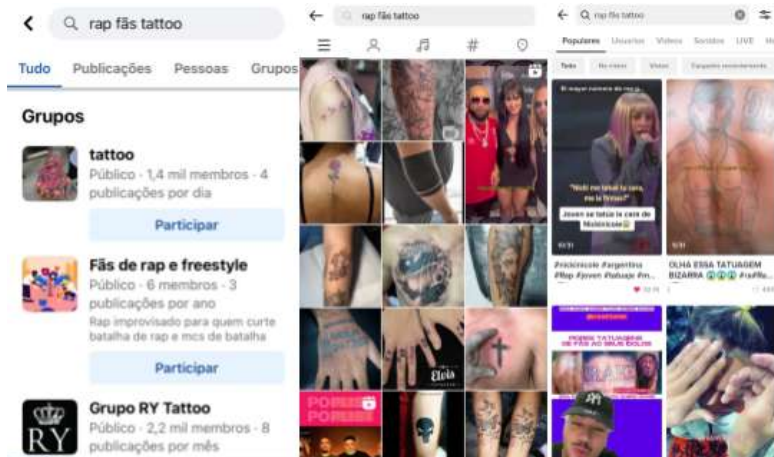


Fonte: TikTok. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMFPHQrda/>. Acesso em: 11 nov. 2022.

É importante ressaltar que dentro dessa busca na plataforma, foram encontrados vídeos repetidos que já foram trabalhados no tópico anterior, são as tatuagens das figuras 11, 15, 19 e 20.

5.1.3. rap fãs tattoo

Figura 68 - Buscas pelas palavras-chave rap fãs tattoo



Fonte: Compilação da autora¹⁵

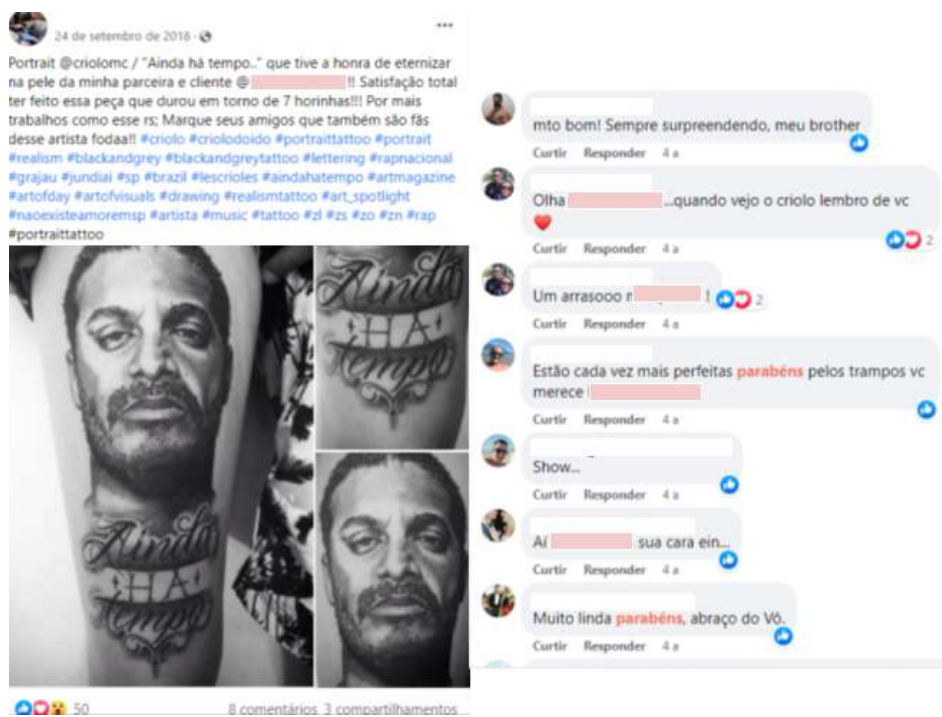
A figura representa a primeira impressão que se tem ao buscar as palavras-chave *rap fãs tattoo* em cada uma das redes. No Facebook são apresentados no início os grupos, o primeiro e terceiro são só sobre tatuagem, já o segundo aos fãs de rap. No Instagram não aparece nenhuma imagem relacionada a esta pesquisa, só um vídeo do grupo Tribo da Periferia em um evento, mas quando se rola mais as fotos foi encontrada uma tatuagem do Sabotage. Já no TikTok, os vídeos remetem mais às tatuagens da cena do rap internacional.

No Facebook foram encontradas três tatuagens na busca, entretanto quando pesquisado os tatuadores que postaram as imagens no Instagram, foram encontrados mais três tatuagens, sendo duas iguais às postadas no Facebook.

A primeira imagem é uma tatuagem do rosto do cantor Criolo e o nome de seu álbum “Ainda há tempo”, foi publicada no dia 24 de novembro de 2018 pelo próprio tatuador, que colocou várias *hashtags* para atingir mais pessoas. Os comentários são voltados a elogiar o trabalho do tatuador e seu desenvolvimento profissional. A mesma publicação foi feita também no Instagram (figura 70).

¹⁵Montagens coletadas a partir de captura de tela do Facebook, Instagram e TikTok, respectivamente.

Figura 69 - Tatuagem Criolo “Ainda há tempo” no Facebook



Fonte: Facebook. Disponível em:

<https://www.facebook.com/marcos.maranhao/posts/pfbid02VZ7FMrdztKq4vvor1jZjRrJUPKRwhRqAXN XwZz5d5GgPeFzPXtm5tU1EBj6sHgS5l>. Acesso em: 11 nov. 2022

Figura 70 - Tatuagem Criolo “Ainda há tempo” no Instagram



Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BoHNob5BhUG/> Acesso em: 11 nov. 2022.

A próxima imagem é a mesma publicação já mencionada no tópico anterior postada no Instagram e corresponde a figura 45. No Facebook não teve tanta interação, apenas o agradecimento da cliente nos comentários.

Figura 71 - Tatuagem da capa do álbum dos Racionais MC's no Facebook



Fonte: Facebook. Disponível em:

<https://www.facebook.com/marcos.maranhao/posts/pfbid02VZ7FMrdztKq4vvor1jZjRrJUPKRwhRqAXN XwZz5d5GgPeFzPXtm5tU1EBj6sHgS5l>. Acesso em: 11 nov. 2022

A última tatuagem é o rosto do Sabotage e foi postada no dia 23 de março de 2017 por um estúdio de tatuagem, que marcou o tatuador na publicação, além das *hashtags*. Teve apenas quatro curtidas. Foi buscado no Instagram se o tatuador realizava mais tatuagens de rap e encontrou-se uma do Criolo (figura 73), em que ele expõe adorar fazer esse tipo de trabalho.

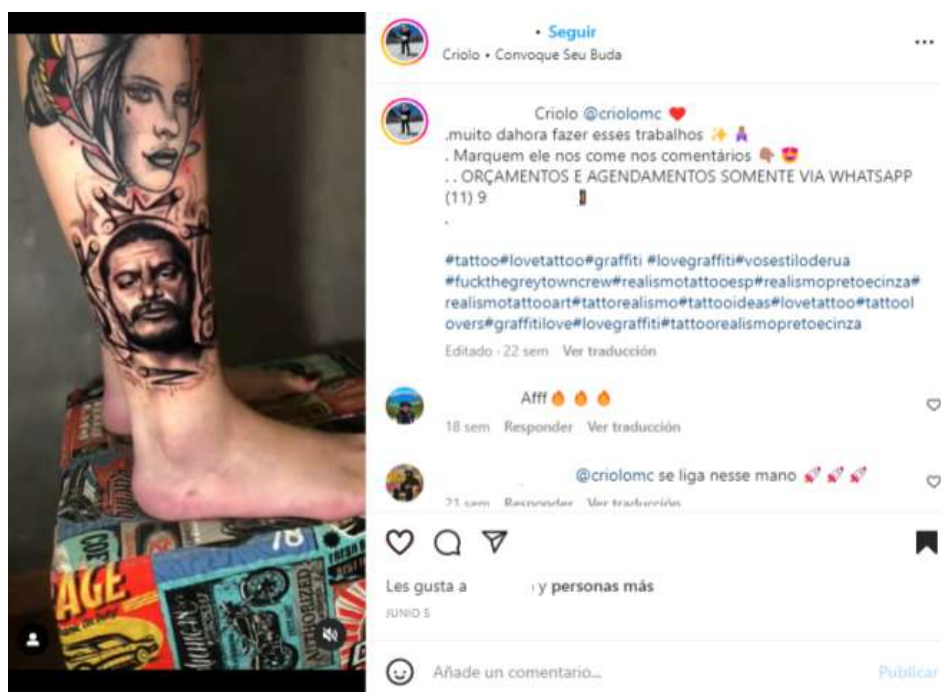
Figura 72 - Tatuagem Sabotage hip hop



Fonte: Facebook. Disponível em:

<https://www.facebook.com/industrialtattooart/photos/a.458873624182951/1427313130672324/?type=3>. Acesso em: 11 nov. 2022.

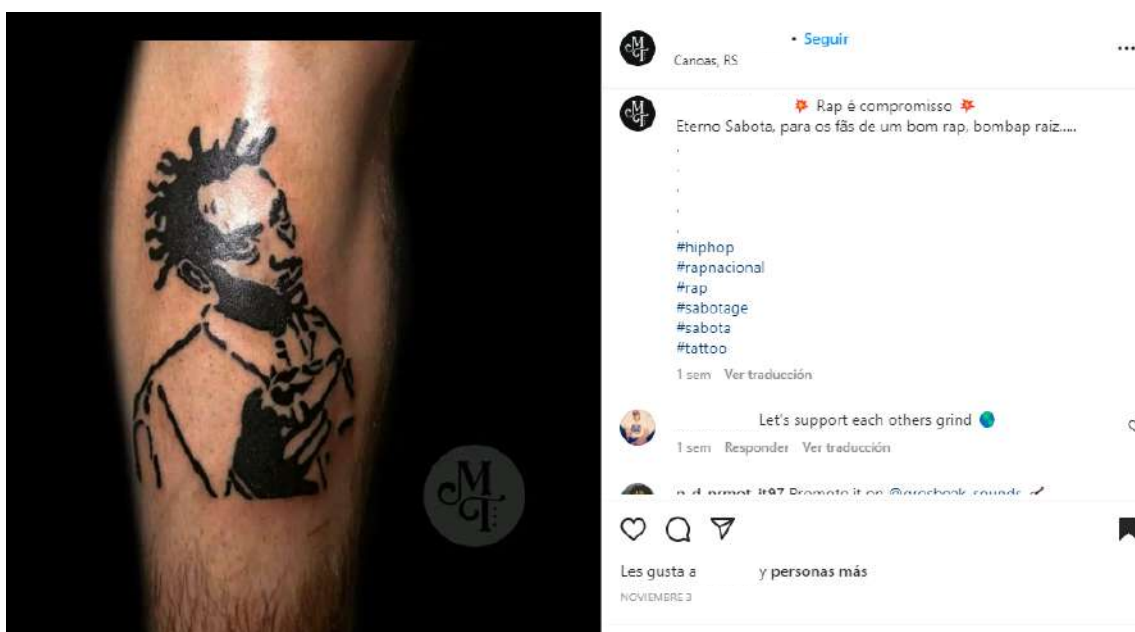
Figura 73 - Tatuagem Criolo



Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CecWBclj2o/>. Acesso em: 11 nov. 2022.

Já no Instagram, só foi encontrada uma tatuagem do busto do rapper Sabotage, publicada no dia 03 de novembro de 2022 pelo tatuador, que expõe que o cantor faz parte do "boombap raiz", além de colocar as *hashtags*.

Figura 74 - Tatuagem busto do Sabotage

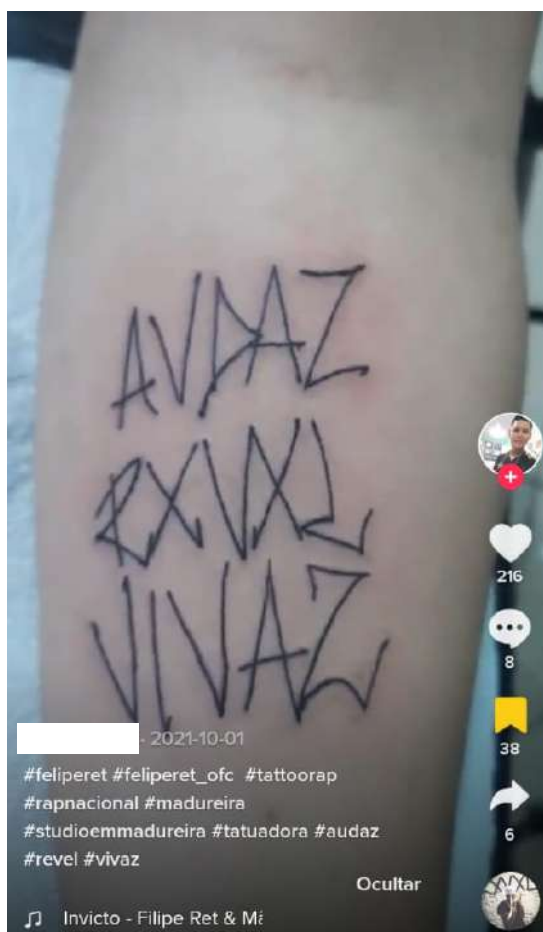


Fonte: Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CkgObg0u_uU/. Acesso em: 11 nov. 2022.

Finalmente, no TikTok foram encontradas duas postagens novas e duas já vistas anteriormente, que são as figuras 06 e 15.

O primeiro vídeo, postado no dia 10 de janeiro de 2021, é mostrando a tatuagem da frase “audaz, revel e vivaz” do cantor Filipe Ret. Com várias *hashtags* para impulsionar o vídeo, que teve um alcance razoavelmente bom, com 216 curtidas, sendo guardado 38 vezes e compartilhado extra plataforma 6 vezes, além de 8 comentários elogiando a tatuagem e com vontade de fazer a mesma.

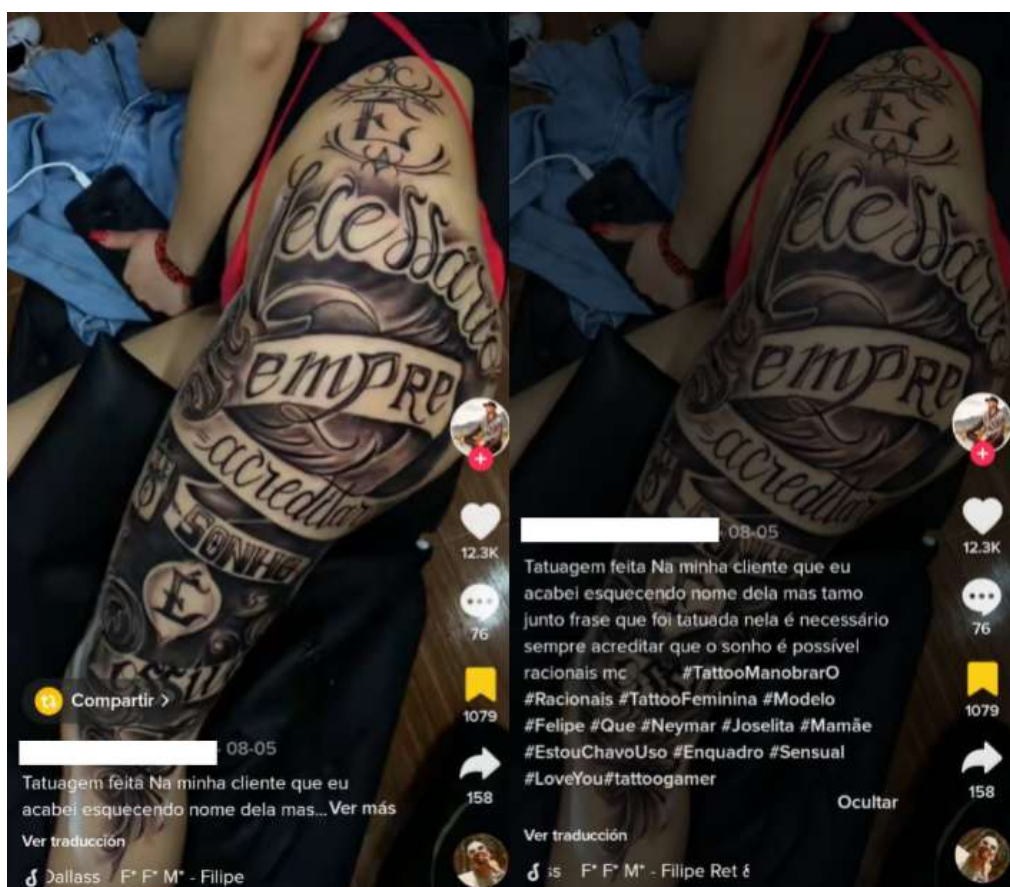
Figura 75 - Tatuagem “audaz, revel e vivaz”



Fonte: TikTok. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMFmrm9YM/>. Acesso em: 11 nov. 2022.

O segundo vídeo, postado no dia 05 de agosto de 2022, é da frase “É necessário sempre acreditar que o sonho é possível”, trecho da música “A Vida é Desafio” dos Racionais MCs. O tatuador na legenda coloca várias *hashtags* para impulsionar o vídeo, que teve um alcance muito bom, com 12,3 mil curtidas, sendo guardado 1079 vezes e compartilhado extra plataforma 158 vezes, além de 76 comentários (figura 76) elogiando a tatuagem, a coragem da cliente e querendo o decalque para fazer a mesma.

Figura 76 - Lettering “É necessário sempre acreditar que o sonho é possível”



Fonte: TikTok. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMFmrppdy/>. Acesso em: 11 nov. 2022.

Figura 77 - Comentários do lettering “É necessário sempre acreditar que o sonho é possível”



Fonte: TikTok. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMFmrppdy/>. Acesso em: 11 nov. 2022.

5.2. Relação entre produto cultural e fãs na mediação comunicacional da tatuagem

Com o intuito de organizar os casos dentro de cada busca, para ficar mais clara a compreensão e visualização do todo, foram realizadas tabelas para entender o processo de comunicação entre o produto cultural rap e os fãs. Cada uma das tabelas remete a um filtro de buscas (*fãs rap tatuagem*, *tatuagem rap* e *rap fãs tattoo*) e foram divididas em seis colunas: tatuagem (figura nº), data de publicação, rede social, quem publicou, qual artista/grupo e se a publicação obteve ou não reação do artista/grupo. Essas categorizações foram feitas para entender quem é esse usuário tatuado, como se comporta em cada plataforma, como circula entre cada uma. A seguir serão apresentados as tabelas e os comentários gerais sobre cada uma.

Tabela 01 - Dados da busca *fãs rap tatuagem*

Tatuagem (Figura nº)	Data de Publicação	Rede Social	Quem publicou	Qual artista/grupo	Reação do artista/grupo
2	27/10/2022	Facebook	Página de Rap	Tribo da Periferia	Sim
4	27/10/2022	Instagram	Página de Rap	Tribo da Periferia	Sim
6	15/02/2022	TikTok	Fã	Filipe Ret	Não
8	09/05/2022	TikTok	Página de Rap	Teto	Sim
10	25/10/2021	TikTok	Fã	L7NNON	Não
11	16/07/2022	TikTok	Fã	Racionais MC's	Não
15	01/06/2022	TikTok	Tatuador	Racionais MC's	Não
16	18/09/2022	TikTok	Fã	OIK	Sim
18	13/10/2022	TikTok	Fã	OIK	Sim
19	24/07/2022	TikTok	Fã	Filipe Ret	Não
20	25/09/2022	TikTok	Fã	Racionais MC's	Não
22	02/03/2022	TikTok	Fã	L7NNON	Sim
23	02/08/2022	TikTok	Tatuador	Racionais MC's	Não

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Na primeira busca, obteve-se 13 casos, sendo um no Facebook, o mesmo no Instagram e os outros onze no TikTok. Dentro desta plataforma, é possível perceber a incidência total de fãs, sendo as tatuagens relacionadas a artistas mais novos e

não tão consolidados na cena do rap brasileiro, entretanto com muita proximidade com seus fãs, já que três desses vídeos obtiveram reação dos rappers e dois eram tatuagens de assinaturas, que para conseguir é necessário uma assiduidade e frequência contínua nos shows.

Tabela 02 - Dados da busca *tatuagem rap*

Tatuagem (Figura nº)	Data de Publicação	Rede Social	Quem publicou	Qual artista/grupo	Reação do artista/grupo
26	17/05/2016	Facebook	Página de Rap	Rap Nacional	Não
27	Comentário da 26	Facebook	Fã	Racionais MC's	Não
28	21/02/2018	Facebook	Página de Rap	Tribo da Periferia	Não
30	01/07/2016	Facebook	Página de Rap	Racionais MC's	Não
32	01/03/2016	Facebook	Página de Rap	Facção Central	Não
33	Comentários da 32	Facebook	Fãs	12 tatuagens ligadas ao rap	Não
34	02/02/2016	Facebook	Página de Rap	Sabotage	Não
35	15/03/2016	Facebook	Página de Rap	Sabotage	Não
36	06/07/2018	Facebook	Página de Rap	Sabotage	Não
37	19/05/2017	Facebook	Página de Rap	Rap Nacional	Não
39	04/11/2022	Facebook	Tatuador	Criolo	Não
40	04/11/2022	Instagram	Tatuador	Criolo	Não
41	11/10/2022	Facebook	Tatuador	Tasha e Tracie	Não
42	10/04/2022	Instagram	Tatuador	Djonga	Não
44	20/06/2022	Instagram	Tatuador	Sabotage	Não
45	07/06/2022	Instagram	Tatuador	Racionais MC's	Não
46	30/03/2020	Instagram	Estúdio	RZO + Racionais	Não
47	10/12/2019	Instagram	Tatuador	Sabotagem	Não
49	08/10/2020	Instagram	Tatuador	Nocivo Shomon	Não
50	15/10/2019	Instagram	Tatuador	Racionais MC's (genérica)	Não
51	31/03/2021	Instagram	Tatuador	Racionais MC's (genérica)	Não
52	06/11/2020	Instagram	Tatuador	Racionais MC's	Não

				(genérica)	
54	10/02/2021	Instagram	Tatuador	Black MC	Não
55	22/12/2021	Instagram	Tatuador	Sabotage (genérica)	Não
57	14/01/2022	Instagram	Tatuador	Boom Bap	-
58	13/10/2022	Instagram	Fã	Mano Brown	Não
59	08/06/2022	TikTok	Tatuador	Sabotage	Não
61	13/08/2022	TikTok	Tatuador	Rap Nacional	Não
63	31/03/2022	TikTok	Tatuador	LEALL	Não
64	21/01/2022	TikTok	Tatuador	Sabotage	Não
65	04/05/2022	TikTok	Tatuador	Sabotage	Não
67	06/09/2022	TikTok	Tatuador	Racionais MC's	Sim

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

A segunda busca foi a que obteve mais casos, totalizando 32 publicações, sendo 12 do Facebook, 14 do Instagram e 6 do TikTok. A ocorrência de fãs que fizeram as publicações é baixíssima, apenas duas pessoas. Entretanto, é importante ressaltar que dentro de uma publicação de uma página de rap, o público engajou nos comentários, tanto apoiando a tatuagem que estava sendo apresentada, quanto interagindo com a legenda da publicação e mostrando suas próprias tatuagens, sendo 12 pessoas exibindo partes do seu corpo para mostrar as marcas sobre o rap nacional pigmentadas na pele. Isso evidencia o exposto por Fausto Neto (2010, p. 59) sobre a “sociedade em vias de midiatização”, em que relata estar-se “diante de um novo cenário sócio-técnico-discursivo que constitui as novas interações entre produção/recepção”, ou seja, dentro das mídias enunciadores e receptores têm a possibilidade de se comunicar em duplo sentido.

Além disso, é notável a quantidade de tatuadores que apareceram nessa busca, totalizando 21 (sendo um desses estúdio de tatuagem). E a quantidade de tatuagens genérica também chama atenção, um total de 4 tatuagens repetidas de diferentes tatuadores. Pode-se notar, também, que as publicações mais antigas, em sua grande maioria no Facebook, são de rappers muito consolidados no Brasil, como o caso de Sabotage, Racionais MC's e Fação Central.

Tabela 03 - Dados da busca *rap fãs tattoo*

Tatuagem (Figura nº)	Data de Publicação	Rede Social	Quem publicou	Qual artista/grupo	Reação do artista/grupo
69	24/09/2018	Facebook	Tatuador	Criolo	Não
70	24/09/2018	Instagram	Tatuador	Criolo	Não
71	22/04/2022	Facebook	Tatuador	Racionais MC's	Não
72	23/03/2017	Facebook	Estúdio	Sabotage	Não
73	05/06/2022	Instagram	Tatuador	Criolo	Não
74	03/11/2022	Instagram	Tatuador	Sabotage	Não
75	01/10/2022	TikTok	Tatuadora	Filipe Ret	Não
76	05/08/2022	TikTok	Tatuador	Racionais MC's	Não

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

A última busca foi a que obteve menos casos, 8 publicações, sendo três do Facebook, três do Instagram e duas do TikTok. Todas elas feitas pelos próprios tatuadores.

De modo geral, foram 53 casos (16 no Facebook, 18 no Instagram e 19 no TikTok), sendo apenas 11 deles publicados pelos próprios fãs e a maior incidência das tatuagens foram relacionadas aos Racionais MC's (14) e Sabotage (11), representantes da cultura hip hop desde os anos 1990. Infelizmente, o rapper Sabotage foi assassinado em 2003, mas deixou trabalhos importantíssimos, que são identificados até hoje por muitas pessoas, não só em São Paulo (cidade em que nasceu e trabalhou), como também no Brasil inteiro.

Por fim, os casos mostram uma diferença geracional entre as plataformas e quem as utiliza. No Facebook é possível perceber a incidência maior de páginas dedicadas ao gênero musical e artistas mais velhos e conhecidos, possui apenas uma publicação da dupla Tasha e Tracie que é mais nova e começou a ser mais reconhecida em território nacional no final de 2021. No Instagram, apenas uma publicação foi realizada por fã, todas as outras 17 foram dos próprios tatuadores/estúdio de tatuagem, sendo publicações mais recentes. Ressalta-se, ainda, que mesmo havendo a vinculação das duas plataformas com algumas repetições de conteúdos, cada uma é utilizada de uma maneira pelos usuários, tendo publicações que funcionam no Facebook (como é o caso das interações de fãs nas páginas de rap) que não funcionam muito no Instagram, que têm um apelo

mais forte para divulgação de trabalhos, pelo que foi visto. Por fim, o TikTok, nas buscas, se mostrou uma plataforma tanto para divulgação pessoal, quanto de trabalho. Na maioria dos vídeos, as fãs (que aparentemente são do gênero feminino) mostram os rostos e depois as tatuagens, já os tatuadores foram mais em mostrar as técnicas e os resultados das tatuagens, colocando muitas *hashtags* nas legendas, para divulgar mais os trabalhos.

5.3. Discussão dos resultados

A partir dos casos, percebe-se que o rap e a tatuagem se encontram no espaço de pertencimento e identificação. Pelos comentários das postagens, a maioria elogiando as tatuagens e interagindo com os conteúdos, nota-se a importância que o rap tem na vida das pessoas, desde tatuagens de assinaturas dos ídolos, até seus próprios rostos. Os corpos desses indivíduos podem ser analisados sob os estudos de Pavan (2019, p. 175) sobre as imagens tatuadas, que revelam “em suas superfícies as motivações culturais tanto quanto suas opções estéticas; mostram, como num outdoor, as escolhas daquilo que faz as existências de cada sujeito”. Seja por estética ou identificação de vivências, as tatuagens relatam o subjetivo da pessoa ou uma fase de sua vida.

Observando a comunicação da tatuagem nas redes sociais, é inegável a maior quantidade de publicações realizadas pelos tatuadores e não pelos fãs. Analisando sob esse viés, o corpo se torna verdadeiramente um dispositivo midiático para além das plataformas digitais que fazem parte da mediação da comunicação uma vez que, sem esse corpo, o tatuador perde a pele como mediadora de duas funções diferentes para realizar seu trabalho: a como tela e a como divulgadora da arte que está nela. Pois, como visto anteriormente, os tatuadores ficam reconhecidos quando seus trabalhos são expostos e as pessoas começam a reconhecê-lo e contactá-lo para realizar a tatuagem. É interessante perceber que mesmo com as mídias digitais, o trabalho dos tatuadores continua sendo divulgado pelo corpo-mídia.

Com essa divulgação, mesmo os tatuadores marcando, na maioria dos casos, os usuários em suas publicações, é difícil entender a relação dessas pessoas com o rap. Na maioria das vezes, não é possível perceber a relação de fã, já que muitos apenas agradecem nos comentários ao tatuador ou apenas realizam tatuagens que já foram reproduzidas diversas vezes. E como visto em alguns

comentários, como “você consegue me arrumar o decalque?” (figura 77), a reprodução de desenhos é uma prática recorrente, apesar de cada tatuador ter uma técnica e o desenho ficar diferente no corpo. Embora não sendo possível entender esse indivíduo como fã, é inegável que a tatuagem remete a uma vivência dessa pessoa, como mostra Rodarte, Carvalho e Marcelino (2018, p. 8), “arquitetando o corpo como plataforma de publicização do eu, o sujeito projeta na tatuagem a divulgação de aspectos constitutivos da sua existência”, com isso o símbolo nesse corpo vai representar tanto o subjetivo da pessoa, quanto uma exposição do artista, grupo, gênero musical, etc. Partindo disso, observa-se uma publicização da pessoa que a descaracteriza, como foi visto na maioria das publicações das páginas de rap, em que as pessoas não eram citadas. Além de um mesmo corpo ser divulgado em mais de uma página. Quem é essa pessoa? A que se dedica? O que faz nas horas de ócio? Até nos estudos feitos com detentos, expostos em Jeha (2019), era possível saber alguma coisa de suas vidas, contudo nas redes sociais é muito fácil utilizar e divulgar imagens de outras pessoas sem permissão, e até mesmo usá-la de maneira equivocada, retratando a pessoa completamente de maneira diferente de quem é.

Ainda dentro do corpo como divulgação de trabalho do tatuador e não como exaltação da existência marcada na pele do fã, o TikTok e, principalmente, o Instagram mostram-se como plataformas mais direcionadas para a exposição de suas artes na pele, porque mostram as técnicas de feitoria da tatuagem, narram um pouquinho a história por trás daquele trabalho e, ainda, utilizam a função das *hashtags* para fazer com que as publicações alcancem mais pessoas.

Outro fato importante é sobre as fãs mostrando as tatuagens no TikTok, que foi a plataforma que trouxe mais casos relativos a pesquisa. No começo dos vídeos, a maioria delas mostra o rosto para introduzir o assunto, no caso contar sobre a tatuagem, para depois mostrar a tatuagem pronta. Isso é uma artimanha bastante comum na plataforma, por se tratar de vídeos rápidos, as pessoas devem captar a atenção de quem está assistindo logo nos primeiros segundos.

Por fim, dentro dos onze casos encontrados das tatuagens de fãs, as que mostram uma relação mais forte entre o consumo da tatuagem e do rap como produto cultural, são as de assinatura dos artistas (figuras 08 e 16) e o *reels* sobre a tatuagem do Mano Brown (figura 58). As primeiras evidenciam o fato das fãs estarem em shows e tendo contato com o artista, tanto que a fã do OIK (figura 16)

em publicações mais recentes relata que de fã passou a ser amiga do artista de tanto acompanhá-lo nos shows. Já a do Mano Brown mostra com mais profundidade que a pessoa está realmente inserida na cultura hip hop, desde o começo da sua vida, sendo criado apenas pela mãe, além de utilizar muitas referências do rap, como as letras de músicas dos Racionais MC's em sua legenda. Essa imagem mostra o quanto o rap muda a vida de jovens e a dimensão disso a ponto de fazer com que a pessoa tatue referências desse estilo na pele.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos utilizados para a elaboração do presente trabalho foram essenciais para entender e perceber o valor que a tatuagem tem na vida dos fãs de artistas do rap brasileiro para além do seu valor estético, mesmo utilizando a pesquisa exploratória dentro das redes sociais.

Com base nos estudos de Le Breton (2007), Braga (2009) e Jeha (2019), nota-se que a pele é um ponto de primeiro contato com o exterior e com *o outro*. A partir disso, as inscrições nela feitas, no caso as tatuagens, são vistas como constituintes de um gênero discursivo. Elas fazem parte do processo comunicacional, tanto dentro do âmbito da subjetividade, quanto no campo identitário de um grupo, já que narram experiências de vida dessas pessoas.

Nesse processo comunicacional, na sociedade conectada, o corpo também ocupa lugar de destaque como dispositivo midiático, como exposto nos trabalhos de Pavan (2019). As análises descritas trouxeram essa visibilidade do corpo como ferramenta da comunicação, uma vez que a utilização das redes sociais oferece uma capacidade de exposição que vai além do próprio corpo, como os casos dos conteúdos feitos pelos tatuadores, os quais utilizam as peles de seus clientes para propagar seus trabalhos. E é dentro dessa lógica de bombardeamento de conteúdos e imagens que tangem a sociedade atual que Braga (2009, p. 153) evidencia que “estamos imersos em uma grande quantidade de símbolos, e os produzimos em permanência. No entanto, do mesmo modo como mudam as condições de significar, mudam também as formas como o sujeito se posiciona nos trajetos da significação”, uma vez que a forma de divulgar as tatuagens e de se ver conectado com pessoas com vivências semelhantes passa a ter outro significado dentro da internet.

Os trabalhos sobre consumo de Baudrillard (1995) ajudam a entender essa diferença com que o corpo vem sendo tratado entre os indivíduos. Com a evolução dos processos comunicacionais, mais do que nunca os corpos são vistos como potenciais lucrativos, notados e valorizados, e as tatuagens exibidas nas redes, além de mostrar os gostos dos indivíduos e os trabalhos dos tatuadores, abrem uma porta maior para que *os outros* as julguem. Porém, é importante ressaltar que a internet apenas potencializou este movimento, pois, como visto, os mecanismos de controle sociais já julgavam os corpos tatuados desde antes.

Para finalizar, foram utilizados como objetos de estudo os fãs dentro da cultura do rap, já que esse estilo foi desenvolvido e ganhou notoriedade nas periferias do país, assim como a tatuagem. O trabalho sobre fãs dentro da cultura de convergência de Jenkins (2009) mostrou a importância do fã em fazer parte da criação de conteúdo nas mídias e ditar o que quer consumir, enquanto que os estudos de Dayrell (2001) e Silva (2006) ajudaram a entender o desenvolvimento do rap no Brasil e sua relevância para as pessoas que vivem em cidades periféricas no país.

Com intuito de entender a importância do gênero na vida das pessoas, o que motiva um fã a tatuar um símbolo que remete a determinado artista dentro dessa cena e como a comunicação dessas tatuagens é feita, foi utilizado como metodologia o trabalho de Fausto Neto (2010) sobre circulação midiática, para entender o funcionamento dos fãs dentro das redes sociais, sendo o Facebook, o Instagram e o TikTok as utilizadas neste trabalho.

A partir dos 53 casos coletados nas três plataformas, foi possível perceber algum tipo de relação dos fãs com artistas/grupos mais reconhecidos dentro do rap nacional (como é o caso de Sabotage, Racionais MCs e Facção Central), mais especificamente no Facebook, dentro das páginas que falam sobre o rap. Quando as legendas indagavam sobre as tatuagens, se alguém tinha ou gostaria de fazer uma homenagem, entre outros tópicos similares, muitas pessoas se sentiam livres para mostrar fotos dessas tatuagens, comentar brevemente sobre o contato com o artista, com o rap nacional e elogiar a tatuagem publicada. Fausto Neto (2010, p. 56), escreve em seu estudo sobre circulação dessas comunicações de duplo sentido, que

Convém lembrar que noções sobre a recepção (apesar das diferentes nomenclaturas conceituais utilizadas ao longo das últimas quatro décadas) surgem com a emergência das tecnologias e sua consequente conversão em meios de comunicação que repercutem sobre a organização social e seus processos de interação.

Esse ponto sobre a recepção como produtora de opinião e conteúdo fica explícito dentro dos comentários da foto de um fã do Facção Central (figura 33). Muitas pessoas postam as tatuagens e as que não mandam fotos admiram as homenagens dos fãs, em um contexto onde, majoritariamente, não existe comentário de julgamento perante as tatuagens alheias.

Em relação às tatuagens postadas pelos tatuadores, é mais complexo conseguir compreender a relação de consumo dos fãs com a admiração, já que está relacionada a conceitos bastante subjetivos difíceis de serem identificados pela exploração de comportamentos nas plataformas sociais, visto que as pessoas que normalmente consomem os conteúdos desses profissionais gostam das suas técnicas e não necessariamente estão inseridas na cena do rap ou gostam do estilo. Porém, é notável o potencial dos corpos em serem dispositivos midiáticos, uma vez que muitos comentários dessas publicações são sobre o trabalho do artista e a vontade de fazer uma arte desse tipo na própria pele.

Já as tatuagens postadas pelos fãs, na maioria dos casos no TikTok, mostraram uma grande capacidade de serem vistas por mais pessoas, mesmo que a relação fã-artista não fosse tão aprofundada, tirando o caso da assinatura que teve reação (figura 16 e 18), em que é possível ver a relação de identificação e carinho da fã com o artista e deste com sua fã, por meio das plataformas, dado que além da tatuagem foram feitas imagens midiáticas de ambos para mostrar essa relação subjetiva.

Este trabalho apresenta a importância dentro dos estudos sobre consumo midiático de tatuagens conectadas aos artistas de rap, que foram durante muito tempo ignorados não só dentro da construção comunicacional, como da sociedade de modo geral. Como foi possível notar com os casos descritos, as tatuagens trazem para os fãs (e possíveis fãs) símbolos de pertencimento a uma cultura e de resistência ao modo como a sociedade é construída atualmente. Os indivíduos marcam suas peles com desenhos ligados a artistas que cantam sobre vivências semelhantes às suas próprias, buscando nessas canções uma forma de driblar a imposição social exercida sobre seus corpos, que antes de nascer já foram marginalizados e criminalizados pelo sistema. É importante lembrar que

Tatuar-se é lembrar, é ter saudade, é amar, é ter fé, é sexual, é sinal de valentia, é pertencer ao grupo ou querer pertencer ao grupo, é um castigo, é um ódio, é um lamento. É enfeite, beleza, sedução. É ritualístico. É humano. Aquilo que se vive em certo período, principalmente na juventude, e se quer para sempre, mas “o pra sempre sempre acaba” e essa recordação indelével torna um determinado capítulo da vida não necessariamente importante, mas recordável de forma permanente (JEHA, 2019, p. 18).

Assim, até nas publicações dos tatuadores, nota-se uma relação de vivências similares dos fãs com os artistas. Frases emblemáticas do Racionais Mc's e do Sabotage, seus rostos e símbolos que remetem a eles não são tatuadas sem a

intenção de fazer com que esse corpo mostre suas identidades e ocupe lugares de pertencimento e reconhecimento dentro dos âmbitos sociais.

Para finalizar, esta pesquisa não se esgota aqui. Mesmo utilizando as redes sociais como ferramenta de busca por indivíduos tatuados e suas relações com o rap, é importante perceber a complexidade intrínseca ao entendimento das percepções subjetivas dos indivíduos, sendo necessário um contato maior com esses fãs. Por este motivo, a presente monografia é apenas o início de muitos outros trabalhos que podem surgir, abrindo caminhos para uma sequência de análises sobre esse tema ainda carente de aprofundamento.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, N. R. S. S. Crimes e criminosos em Salvador (1890-1930): Teses médicas, discursos e recepção jurídico-policial. **Passagens: Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica**, v. 13, n. 2, p. 263-285, 31 maio 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistapassagens/article/view/47952/29332>. Acesso em: 19 out. 2022
- BAKHTIN, M. M. (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12^a edição. São Paulo: Hucitec. 2006.
- BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Portugal: Edições 70, 1995.
- BRAGA, J. L. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, MA., JANOTTI JUNIOR, J., and JACKS, N., orgs. **Mediação & midiatização** [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 29-52. ISBN978-85-232-1205-6. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/k64dr/pdf/mattos-9788523212056-03.pdf>
- BRAGA, S. A tatuagem como gênero: uma visão discursiva. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, v. 9, n. 1, p. 131-155, jan./abr. 2009. DOI <https://doi.org/10.1590/S1518-76322009000100007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/ZLY4SqNw688FsqjNZ4qTnXB/?lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2022.
- CAPLAN, Jane. 'National Tattooing': Traditions of Tattooing in Nineteenth-century Europe. In: CAPLAN, Jane (ed.). **Written on the Body: The Tattoo in European and American History**. [S. l.]: Princeton University Press, 2021. p. 156-173. ISBN 9780691238258. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/book/97544>. Acesso em: 19 out. 2022.
- CARVALHO, F. P. **“Tem espaço? Faz tatuagem”** [manuscrito] : os significados de tatuagens em corpos masculinos de jovens moradores de bairros populares/ Fernanda de Paula Carvalho. - 2017. 123 f. : il. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-AVSHQF/1/disserta__o_revis_apa_abnt_anverso_corrigido19jan2018__1_.pdf. Acesso: 12 set. 2022.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede: do conhecimento à ação política**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2006.
- élewood**. Compositor: Don L. Intérprete: Don L (part. Luiza de Alexandre). [S. l.]: Don L, Nave e Deryck Cabrera, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2lgOcnFw9co>. Acesso em: 3 nov. 2022.
- FAUSTO NETO, A. As bordas da circulação... **Revista Alceu**. Rio de Janeiro: PPGCOM/PUC-RJ, v. 10, n. 20, jan/jun.2010. p. 55-69. Disponível em: http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/Alceu20_Neto.pdf. Acesso em: 09 nov. 2022.
- FELERICO, S. Fanatismo e resistência na pele: paixões e histórias consumidas no corpo. **Revista Extraprensa**, [S. l.], v. 12, p. 457-470, 2019. DOI:

10.11606/extraprensa2019.153961. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/153961>. Acesso em: 23 set. 2022.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997. Disponível em:
http://diversidade.pr5.ufrj.br/images/banco/textos/HALL_-_A_Centralidade_da_Cultura.pdf. Acesso em: 1 de nov. 2022.

JEHA, S. **Uma história da tatuagem no Brasil: do Século XIX à década de 1970** / Silvana Jeha. - São Paulo: Veneta, 2019. 352 p.; Il.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: ALEPH, 2009.

LAMER, S.-A. Graffiti dans la peau: Marquages du corps, identité et rituel. **RELIGIOLOGIQUES**, [S. l.], n. 12, p. 149-167, 16 out. 1995. Disponível em:
<http://www.religiologiques.uqam.ca/no12/graffiti.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2022.

LEFEBVRE, C. *Ganin ya fi ji / Voir est mieux qu'entendre: lire l'identité sur la peau* (Sahel central, XIX^e siècle). **Critique internationale**, [S. l.], ano 2015, n. 68, p. 39-59, 16 jun. 2015. DOI 10.3917/crui.068.0039. Disponível em:
<https://www.cairn.info/revue-critique-internationale-2015-3-page-39.htm>. Acesso em: 17 out. 2022.

LEAL IVO, A. B. A periferia em debate: questões teóricas e de pesquisa – Introdução. **Caderno CRH**, [S. l.], v. 23, n. 58, 2010. DOI: 10.9771/ccrh.v23i58.19079. Disponível em:
<https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/19079>. Acesso em: 28 set. 2022.

LE BRETON, D, 1953. **A sociologia do corpo**. Tradução de Sônia M.S. Fuhrmann. 2^a edição - Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LE BRETON, D. **Sinais de identidade: tatuagens, piercings e outras marcas corporais**. Lisboa: Miosótis, 2004.

LIPOVETSKY, G. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LOPES, M. I. V. de. A teoria barberiana da Comunicação. **MATRIZES**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 39-63, 2018. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v12i1p39-63. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/145750>. Acesso em: 26 out. 2022.

MACEDO, S.; PARAVIDINI, J. L. L.; PRÓCHNO, C. C. S. C. Corpo e Marca: Tatuagem como Forma de Subjetivação. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 14, n. 1, p. 152–161, 2014. DOI: 10.5020/23590777.14.1.152-161. Disponível em:
<https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/3312>. Acesso em: 28 set. 2022.

MARTÍN-BARBERO, J. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, D. de (org.). **A sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. De la experiencia al relato: Cartografías culturales y comunicativas de Latinoamérica. **Revista antropos: Huellas del conocimiento**, [S. l.], n. 219 (Exemplar dedicado a: Jesús Martín Barbero: Comunicación y culturas en América Latina), p. 21-42, 5 fev. 2008. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2667608>. Acesso em: 1 nov. 2022.

MARÃO, M. Identidade e globalização: um estudo dos fãs brasileiros da série Stranger Things em grupo online. **II Simpósio Internacional de Comunicação**, Santa Maria, p. 825-840, 30 ago. 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/83622225/Identidade_e_globaliza%C3%A7%C3%A3o_um_estudo_dos_f%C3%A3s_brasileiros_da_s%C3%A9rie_Stranger_Things_em_grupo_online. Acesso em: 26 out. 2022.

MARQUES, T. **O Brasil tatuado e outros mundos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MORIN, E. Da culturálise à política cultural. In: **Revista Margem**, PUC/SP, nº 16, p.183-221, 2002. Disponível em: <https://www.pucsp.br/margem/pdf/m16em.pdf>. Acesso em: 25 out. 2022.

OITICICA, Hélio. O herói anti-herói e o anti-herói anônimo. **Iconografia de Massas**, Rio de Janeiro, 25 mar. 1968. 0131/68, p. 1-3. Disponível em: http://legacy.icnetworks.org/extranet/enciclopedia/ho/detalhe/docs/dsp_imagem.cfm?name=normalse/0131.68p01-145.JPG. Acesso em: 19 out. 2022.

OLIVEIRA, R. Estéticas juvenis: intervenções nos corpos e na metrópole. **Comunicação Mídia e Consumo**, [S. l.], v. 3, n. 9, p. 63-86, 2008. DOI: 10.18568/cmc.v3i9.89. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/89>. Acesso em: 1 nov. 2022.

OJO, Olatunji. Beyond Diversity: Women, Scarification, and Yoruba Identity. **History in Africa**, [S. l.], v. 35, p. 347-374, 29 jan. 2008. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25483727>. Acesso em: 17 out. 2022.

PAVAN, M. A. Expressões do hiperconsumo nos corpos e casas mediados pela comunicação. In: **Entre comunicação e mediações: visões teóricas e empíricas** / Eneus Trindade, Juciano de Sousa Lacerda, Mário Luiz Fernandes (organizadores) - São Paulo: ECA-USP, 2019; Campina Grande: Ed. da UEPB, 2019. 240 p. ISBN 978-85-7205-248-1 (ECA-USP) / ISBN 978-85-7879-568-9 (Ed. UEPB)

PAVAN, M. A.; SILVA, J. C. Tatuagem: cultura de massas e afirmação subjetiva incorporadas. **Signos do Consumo**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 67-81, 2010. DOI: 10.11606/issn.1984-5057.v2i1p67-81. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/signosdoconsumo/article/view/44362>. Acesso em: 2 nov. 2022.

PAVEAU, M.-A. Uma enunciação sem comunicação: as tatuagens escriturais. **RUA**, Campinas, SP, v. 16, n. 1, p. 6–41, 2015. DOI: 10.20396/rua.v16i1.8638829.

Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638829>. Acesso em: 14 set. 2022.

PERUZZOLO, Adair Caetano. **A circulação do corpo na mídia**. 1. ed. Santa Maria: UFSM, 1998.

POSTALI, T. Música e identidade cultural: O rap como a ferramenta de comunicação dos territórios urbanos marginalizados. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, vol. 17, núm. 38, 2019, p. 132-143. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Brasil. DOI: <https://doi.org/10.5212/RIF.v.17.i38.0008>. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=631766286008>. Acesso em: 04 nov. 2022.

RODARTE, A. K.; CARVALHO, T.; MARCELINO, R. Florescer o Eu na pele: reflexões sobre tatuagens e regimes de visibilidade. **Anagrama**, [S. l.], v. 12, n. 2, 2018. DOI: 10.11606/issn.1982-1689.anagrama.2018.150452. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/150452>. Acesso em: 23 set. 2022.

SANTAELLA, L. O corpo como sintoma da cultura. **Comunicação Mídia e Consumo**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 139–157, 2008. DOI: 10.18568/cmc.v1i2.17. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/17>. Acesso em: 25 out. 2022.

SHUSTERMAN, R. **Vivendo a arte; o pensamento pragmatista e a estética popular**. São Paulo: Editora 34, 1998.

SILVA, A. L. Música rap: narrativa dos jovens da periferia de Teresina - PI. **Imaginário - USP**, [S. l.], v. 12, n. 13, p. 83-112, 13 jun. 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ima/article/view/42418/46087>. Acesso em: 2 nov. 2022.

SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia?** São Paulo, SP: Loyola, 1999.

SOVIK, L. O rap desorganiza o carnaval: globalização e singularidade na música popular brasileira. **Caderno CRH**, [S. l.], v. 13, n. 33, 2006. DOI: 10.9771/ccrh.v13i33.18578. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18578>. Acesso em: 4 nov. 2022.

TRINDADE, E. Entre mediações e midiatizações do consumo: uma perspectiva latino-americana. In: **Entre comunicação e mediações: visões teóricas e empíricas** / Eneus Trindade, Juciano de Sousa Lacerda, Mário Luiz Fernandes (organizadores) - São Paulo: ECA-USP, 2019; Campina Grande: Ed. da UEPB, 2019. 240 p. ISBN 978-85-7205-248-1 (ECA-USP) / ISBN 978-85-7879-568-9 (Ed. UEPB)

VAMPRÉ, L. Tatuagens e Tatuados. **Correio Paulistano**, São Paulo, n. 18883, p. 3, 7 fev. 1916. Disponível em:

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=090972_06&pagfis=38570.
Acesso em: 19 out. 2022.